

**Roberto Curi Hallal**

**Sobre o Amor**  
*e outros ensaios*

**Das utopias**

A TERNURA COMO MODELO DO BOM TRATO  
ACERCA DO AMOR COMO CAPACIDADE ALCANÇÁVEL  
REINAUGURANDO UM ESPAÇO PARA A DELICADEZA  
O PSIQUISMO COMPORTA E ACEITA BEM AS MUDANÇAS  
QUEM SOMOS  
ECOLOGIA SOCIAL

**Das realidades**

EXISTE ALGUM ANTIDOTO CONTRA O VENENO DA ESCRAVIDÃO?  
PROFESSORES ARROGANTES E INDIFERENTES  
O DEVER DE CASA  
MAMA: ÓRGÃO DA VIDA E DA MORTE

**Dos cuidados**

O REFORÇO DOS CUIDADOS EM MOMENTOS DE MUDANÇAS  
OUTRAS FORMAS DO CUIDADO DE SI  
ACERCA DAS ARTES DO CUIDADO  
UMA ÉTICA DE CUIDADOS  
ACEITANDO A VULNERABILIDADE

## INTRODUÇÃO

A publicação “**Sobre o Amor**” é uma tentativa de estimular o nivelamento entre pessoas diferentes, de modos opostos, entre eles, os que se crêm mais realistas porque examinam e se dedicam a decifrar as conspirações que eles acreditam organizar-se a seu redor, e outros a quem popularmente se denominam de sonhadores, que parecem estar à margem da vida, mas que criam e recriam fazendo da vida a arte do possível.

Nenhum ser humano é totalitariamente de uma ou outra forma, mas o marcante é como cada um faz de sua existência um cotidiano mais marcadamente impregnado com uma ou outra característica. Nivelar o diálogo ou o convívio entre estas diferenças tem sido tarefa de todos pares na tentativa de permitir a aproximação e o intercâmbio destas nuances igualmente presentes nas vidas de todas as pessoas e nas organizações que elas criam e freqüentam. Os conflitos se instalam exatamente nestes lugares onde não se consegue manter o fluxo dos encontros entre pessoas e interesses.

Entre as paranóias exageradas de uns e os “vãos” descolantes da realidade de outros, muitas combinações se constituem modo de vida criando um labirinto no qual os seres humanos vivem na tentativa de encontrar um lugar para confirmar suas concepções de Universo. Todos de alguma forma vão para a vida em busca de provas para suas teorias, uns para provar que o mundo é uma desgraça e outros para certificar-se que é uma graça. Esses matizes constroem ou destroem relações entre os humanos, quer seja como casais, pares, amantes, pais e filhos, colegas, amigos e companheiros.

Por todas as vias possíveis, cada qual a sua maneira tenta dar uma contribuição para a solução de um problema permanente e cotidiano, que é o modo como se deve cuidar, e como se deseja ser cuidado. As formas de satisfação dos seres humanos são as mais variadas, uns só se satisfazem no desprazer, outros no prazer pois embora exista um nivelamento conceitual a respeito do bem e do mal, nem sempre ele se confirma no bom

e no mau. Exatamente assim, o mau pode fazer bem e o bom pode fazer mal.

Este livro publica ensaios com temáticas relacionadas aos cuidados e descuidos. Sabedores da complexidade desta questão, esta é uma contribuição para estimular a retomada de uma reflexão sobre as virtudes como uma tentativa e um estímulo no caminho da recuperação de certos valores que a humanidade tanto solicita ao mesmo tempo em carece na atualidade.

## **DAS UTOPIAS**

## **A TERNURA COMO MODELO DO BOM TRATO**

As virtudes e os vícios exigem, como requisito para seus alimentos, a confiança e a desconfiança, o extravasado e a limitação, pois como potencias culturais formadoras da sociabilidade vivem enganando a consolação e a prudência, tentando validar suas existências aceitas ou não. O conjunto vive e se alimenta do bem e do mal, do negado e do aceito, do incentivado e do desestimulado. A formação dos pares antitéticos sobrevive porque depende de uma regulação constante entre as proibições e os incentivos.

A ternura é uma virtude ou um vício? Espalhada, recolhida, enjeitada, denegada, como afago arrepia, como sussurro encrespa, como promessa eriça, como carinho tira a blindagem. A palavra terna derrama simpatia, regressa à demanda de colo e cafuné e leva ao peito a boca sedenta que ternamente beija, espalha e recolhe a carícia que adormece e erotiza.

Qualquer ternura é uma ternura, tem o efeito de um poema ou cantiga, faz brotar amor, ardor, e faz o coração quente; molha ao sul da cintura, secando a boca, fazendo o beijo estalado e o olho arregalado, querendo assistir à cena do amor acontecendo.

E sua ausência que se vire na memória para guardar tanta fantasia, tanta agonia, tanto quero mais. A lembrança repleta de ausências, a fantasia cansada de procurar abrigo e a agonia feita em pedaços em cada aflição cronicada, abatida pela indecência e pela vergonha dos fracassos

repetidos. O peso pesando cada vez mais pesado da tristeza pelo vazio e pela falta da mão que, terna, afaga e adula. Ausente de doações e vazio de hospitalidade o amor vive buscando uma mão adestrada que saiba e desperte o rubor e um calor mais humano.

A ternura funde, em uma, duas carnes, e soldando, faz da fusão uma simbiose. Mistura as digitais e confunde as individualidades. Fusiona preparando algo mais para depois. Orgasmos, gozos, aproximações, inter-relações, interdependências. Aprisiona as diferenças e realiza o sonho da unidade.

A reinvenção da esperança traz de volta os vícios, e, estes, a melancolia que veste a falta que insiste e insiste e reaparece nos sonhos e nos pesadelos; mas também traz de volta as virtudes e a vontade de cuidar e ser cuidado. Essa sensação de ausência da ternura remete ao bom trato, condição que aproxima e traz pra perto os que se encantem com sua expressão. A ternura é um dos condimentos da simpatia e da recepção. Sacraliza promovendo cultos de adoração, homenageia a pessoa amada e enfeita a rotina.

No mundo dos ternos, os anjos vivem cansados de tanto serem cuidados, enquanto os demônios tiram férias por falta do que fazer. Naqueles, pode-se sonhar com a constante procura e acreditar no encontro do bem entre amores.

A ternura banhada em simplicidade aceita ser roubada, desde que por mãos limpas e bem intencionadas, isolando as mãos do monstro indelicado que dá tapa, mostrando-se insípidas e áridas por falta de rega. Embora no nascedouro ela abunde. A ternura convida à fantasia e à esperança, que inunda de alegria, não hesitando em tomar o lugar do desistir, invertendo-lhe a mão, tornando-a preciosa e desejável. Por conta disso, é preciso fazer da sede do amor uma necessidade infundável e nunca satisfeita e sempre demandante de cuidados e gozos. E a vontade é tanta, que se confunde com uma luta num ritual de reiteração. Impregnadas de cerimoniais, as trocas ternas são como rituais sagrados, sacralizados, consagrados à expressão do amor maior, confirmando a eficácia do bom trato para elevar a qualidade do gozo. A ternura é uma força que traz paz e harmonia e enobrece o descanso. Fazendo parte do coletivo do amor, ela concretiza corporalmente através da mistura dos cinco sentidos reunidos e combinados à sua realização. Quem a conhece, a incorpora no repertório do

prazer, e dificilmente vive sem ela, pois ela, bem aproveitada, passa de um carinho para uma assistência indispensável nos entretantos e nos finalmente. Ela está presente na troca de olhares, no gosto do beijo, no cheiro da pele, na escuta da palavra que penetra o corpo, na mão que mapeia contornos e escultura orgasmos. A ternura promotora da união e da reunião faz gozar só por intenção. Salva apenas com um estender de mão àquele que se afoga nas magoas e no passado. Promove esquecimentos porque renova e substitui. Apresenta novidades àqueles que nunca a sentiram e surpreende por sua eficácia. Inventora de novas unidades, funciona como agasalho e como alimento, transforma ambientes e muda humores. Faz chorar e rir, gozar e sofrer. Faz com que o amor seja lento e recolha o sentimento, valida a promessa que eterniza o momento.

Está presente no romance, na adoção, na confissão, na comunhão, na despedida e no encontro. Atende necessidades contrárias; portanto, não aceita a discriminação, gosta da liberdade e daqueles que a usam com volúpia e sem limites. É astuta, lúdica. O mais sabido sempre tem algo a aprender com ela, porque ela se inova sempre, mostra-se multifacetada e, geralmente, encanta pela surpresa. Aparece nas crises, nas tragédias, nas mortes, nos partos, nos coitos, nas amizades, nos sonhos e nos devaneios. É desafiante. Constitui prova de boa saúde e de boa educação. É poesia, prosa, crônica e manchete, livro, disco, perfume e plenitude. No encontro declarado, manifesta-se gritando pelos quatro cantos, fazendo serenatas durante o dia e calando durante o ritual para tomar fôlego para, da próxima vez, ser melhor. Ela se desvencilha da tristeza e do abandono para povoar e preencher vazios. A ternura é provocadora, promove turbulências em “céus de brigadeiro”. Rompe qualquer ordem ao mesmo tempo em que reordena. A ternura não tem função fixa, ela apenas é uma parte do conjunto, muito embora às vezes seja a condutora dos processos do gozo amoroso e do bem estar. A ternura faz gemer de amor, antítese e negação da queixa pela dor. Dispensa aparelhos e técnicas, substitui as fantasias, congrega todas as competências, sendo geradora, por si só, do prazer que enfeitiça e enlouquece os amantes.

Os apelos que os carentes fazem por ela, são escutados a distancia.

O lado escuro da ternura ronda os amores exitosos e as frestas de esperança que se intrometem na vida e suas decepções, tentando

reinaugurar projetos e razões que empurrem a esperança um pouco mais pra frente, dando as costas à decepção. Embora às vezes se intrometa no espaço civilizado fazendo fratura e convidando a insistência a fazer pouco caso do disponível, convidando para o mais difícil e o impossível. O afã de buscar o impossível e o não conquistado achata a ternura e a convida a mudar de endereço. Ela conhece muita gente que, desacostumada à sua presença, prefere os maus tratos das mãos que deixam à espera os afagos e as carícias. Como ela já viveu séculos, sabe muito como encontrar e como perder, já aprendeu dos dois e ainda não optou porque ela não tem independência: depende da mão que a transporta e da intenção que a dirige. Ainda que a estrutura lhe negue a existência, ela insiste em apresentar-se porque tem o vício da repetição empurrada pelo desejo e a determinação convidam-na a perdurar sobre todas as coisas e todas as razões.

Misturada às reminiscências e aos futuros sonhados, a ternura forra onde pisa e dá apoio à mão que a transporta, muito embora ela possa ser levada pelos olhos, ouvidos, pele, língua e intenção. Sua extrema generosidade pode insistir em que ela se faça inadequada àqueles que não se mostram dispostos a recebê-la, mas o melhor remédio para isso é trocar de objeto, porque nenhum demérito de sua não receptividade justifica que se desista de cuidá-la e oferecê-la. Ela, por si só, nos indica que não existe para qualquer um. Por sua nobreza, prende o cabelo e faz tranças e usa brincos e usa creme para amaciar a pele, e geme baixinho quando faz amor e diz coisas ao ouvido, declarando sem vergonha seu prazer por simplesmente existir, e se transforma numa temática que denuncia práticas e modifica teorias. Muda cabeças e intenções, e introduz a novidade que modifica rumos, entrando por atalhos que convidam à seleção e ao amor que rege a vida e o prazer.

Ainda que seja tarefa, guarda o valor de um cumprimento de ações que dão prazer realizar. É abençoada e batizada, glorificada e gozada. A ternura é infundável em sua existência, sempre e quando alguém insiste em acreditar nela; porém, é inconstante, depende extraordinariamente de respostas -quando não encontra eco, ela vai embora; sai devagar, sem fazer barulho; simplesmente se cala, emudece em sua sabedoria.

A ternura é refeição; depende de critérios; sabe com quem contar e, se conta, se é bem recebida ou desprezada, às vezes até ela se faz de



sonsa, não se importando em fazer-se de enganada para não enfrentar a pouca sensibilidade daqueles que não reconhecem seu valor. Ela é tão sensível que é capaz de perceber alguém disposto à recepção do outro lado do mundo visível porque ela não se apóia no alcançável pela visão; depende de outros indicadores mais pertinentes à alma, os quais não se alcançam ver facilmente pelos métodos tradicionais. Os que são preparados ou dispostos à sua percepção verão que ela voa por sobre as cabeças, circula pelo espaço do indizível na contramão das racionalidades e dos estatutos. Não é à toa que ela circula pelos espaços não convencionais e faz companhia à transgressão, porque o mal nem sempre ali se expressa. Vestida de esperança, ela transporta o convite à não-renúncia e avisa àquele que não se esqueceu dela, que ela segue vigente e importante e com vontade de existir. Marca presença, feita sintoma ou vestida de divindade. A ternura circula pelas camas ou pelas farmácias, disfarçada ou manifestada, envergonhada ou sem vergonha; pode-se dizer que, centralizadora ou marginal, aparece no espelho ou na borda do lençol com os lábios, com as sobrancelhas, com as pestanas, com o olho inteiro ou com o olhar furtivo. Olhando de frente ou de soslaio, relacionada ao amor ou independente, como provocação ocasional ou com a intenção de penetrar para ficar e nunca mais sair. Imantada, atraindo ou repulsa, acompanhada ou sozinha, feito santo ou demônio, especula e investe, confunde e confirma, individualiza e coletiviza, delimita e espalha, duplica e constrói o egoísmo “pode tudo” e “é só meu”. Perdoa e acusa, confirma e duvida, exclui e inclui, libera e aprisiona, remete e apreende, adultera e fideliza, expande e restringe, honorifica e ofende, enlouquece e acalma, angustia e tranqüiliza.

Freqüentando e faltando, ela dinamiza o existir, magnifica com sua presença e se constitui como definição para as saudades com sua ausência. Decidida e titubeante, é pudica e libertina, virgem e prostituída, secular e instantânea, bem intencionada e descomprometida, intrometida e meiga, para isso dependendo daquele que a usa. Disponível e rara, curiosa e recatada, tímida e exibida, veste-se de acordo com a ocasião e a intenção. Está pronta para ser usada em práticas individuais e coletivas, é exemplo e descaso, moral e imoral, ética e mau exemplo. Essa ternura conhecida, vaga pelas ruas, casas, camas, mesas, entre gente e abismos, reuniões e rupturas, fantasias e realidades. Sua inadequação se dá sempre por excessos ou por faltas, pela desconsideração e pela discriminação de

classe e de cores, de origens, de ideologias, porque ela não agüenta a desconsideração por preconceito. A ternura nunca se oferece como germe de discórdia, prefere que a esqueçam antes de fazer-se fanática de qualquer outra coisa que não seja sua vocação. Abdica da dominação e da desconsideração, pouco lhe importando o futuro, quando não a enxergam ou adotam. Ela não gosta dos urgentes e nega-se a lhes fazer companhia.

Ela é tradicional sem ser tradicionalista. Vive de aberturas, se conclui em aventuras e se nega às rotinas achatadas; faz pesquisa para adequar-se ao seu lugar e nega-se aos tumultos dos conflitos daqueles que desconhecem seu valor. Prefere ignorá-los a brigar com eles, porque ela tem um compromisso enraizado com o bom trato, e reserva, permanentemente, um lugar especial para o encontro humano que depende dela para perpetuar-se como relação humana. Sua fidelidade a faz algo mais do que um espetáculo; por suas raízes ela se pretende um modo de viver, pois alarga os recursos no objetivo da conjugação e da solidariedade. Sobrevive à luta já que vencedor e vencido a mantêm como protetora e solicitadora. Estabelecedora de pactos e acordos, a ternura é a base dos armistícios.

Plena nos amores autênticos, embora faça milagres, não gosta de ser santa, preferindo-se humana.

Contraditoriamente, a falta da ternura desperta a importância da sua existência.

## **ACERCA DO AMOR COMO CAPACIDADE ALCANÇÁVEL**

A paixão é o infindável, o desconcertante que valida o marginal. Intromete-se no estéril-aceitado e validado pelo conservadorismo invalidante da existência. Toda vida que não seja atravessada pela paixão torna-se deserta. Porque as coisas feitas com o coração quente são as que são mais combatidas exatamente porque dão elevação ao sentir e ao vivenciar. A racionalidade, inventada para neutralizar o fogo das paixões, perde seu efeito frente aos que seguem acreditando no amor romântico, inventado para dar sentido à vida e à solidão. Porque a paixão se apresenta como um

antídoto à globalização que des-individualiza o sentir, tornando-o uma singularidade, dessa forma. Assim sendo, afeto perde a hierarquia frente a outros indicadores que determinam formas generalizadas do existir. Nessas formas, não há lugar para ele e a original forma de amar dos pares, assim como para o amor romântico e o encanto pela beleza da vida. A forma racional, árida de explicar tudo, o gozo da experiência prazerosa, busca o fim dos investimentos amorosos, com que o amor fica desacreditado e pouco buscado, por desesperança e desmoralização. É quando já não se crê nele como fonte vital, mas como lugar de conflitos e decepções.

Na educação para o amor a ênfase está posta no amar, deixando-se totalmente esquecida a necessidade de ser-amado. De um modo geral, as pessoas são levadas a cuidar, a atender, a amar ao outro de uma forma obrigatória, sem a opção do amor por doação espontânea. Com isso, a decepção com o amor se torna mais freqüente. A expectativa de que basta amar (e isso seria o suficiente), não alimenta as carências e os cuidados que o doador espera.. A recíproca não é automática nem verdadeira, pois na vida cotidiana sempre um ama mais que o outro, e nem sempre o ser-amado se constitui numa forma de cuidados percebidos e suficientes. O humano tanto necessita ser-amado e cuidado quanto amar e cuidar. São duas formas diferentes de prazeres e satisfações.

Comumente, a eleição dos pares passa a ter tudo: a conveniência, o social, o companheirismo, tudo, menos o direito à paixão e ao amor. O que traduz uma certa falta de crença no amor e em sua capacidade de ligação. Essa fonte gregária anda desmoralizada, desvalorizada, depreciada. E, no entanto, o amor permite pôr o ódio em quarentena, deixando de lhe dar tanta importância. Desta forma, realimenta o valor dos encontros humanos como produtores de momentos felizes e de credibilidade no prazer proporcionado pelo *estar com*.

A paixão oferece as bases que permitem a volta da crença no amor, pois a desvalorização e a degradação do amor e dos afetos como indicadores de existência é uma realidade. Estes sofrem fazem vários anos uma depreciação numa performance que busca tirar da micro história o valor que ela tem para os humanos e suas vivências junto a seus pares. As questões do amor foram seqüestradas em importância, sendo ocupadas pelo lugar da política, da ideologia, da incorporação da moda, da aceitação da ditadura do comportamento e outras tantas modalidades de valor social

que fizeram o amor ficar como uma questão de menor importância como conceito social, e desvalorizado quanto à sua incorporação como aspiração válida e como qualidade a ser incorporada aos projetos conceituais de vida.

Entretanto, como podemos chegar a conhecer um sujeito senão por sua capacidade e seu modo de amar? No jogo do amar-ser-amado avalia-se a capacidade de doação e de hospitalidade, a competência de coesão e a disposição ao respeito às diferenças, à arte de exercer a simpatia e a conquista da atenção do outro, aos perigos da globalização dos costumes e de uma versão arrogante do viver. Os racionais que explicam tudo se perdem frente ao fenômeno da paixão porque ela não tolera explicações, uma vez que é portadora de *sentires* não passíveis de controles.

O amor é o herdeiro da paixão sempre e quando os amantes o aceitam como condição natural da temporária paixão, e como um caminho possível e evolutivo da mesma. Quando o encontro é devidamente cuidado, acaba sendo um convite a que se transforme em companheirismo, cumplicidade, intercâmbio de doações e outras formas de construção da união. Falar de amor significa hierarquizar o sentimento. Durante muito tempo, o sentimento foi atributo de mulheres, confinado nas casas, pois a elas foi delegado o cuidado amoroso do marido e dos filhos, aos homens se lhes condenou a não chorar, e, por extensão, não sentir, não desejar, não cuidar. Homem toma o poder, invade o corpo alheio, penetra a intimidade como usurpador, perpetua a posse do território como provedor, leva vantagem, porque quando exerce o sexo pensa que “usa” a mulher. Condenado o amor ao preconceito de gênero, aprisionado como um sentimento de segunda categoria, também levou as mulheres a desconsiderá-lo como peça de museu, ainda que elas tenham sido as responsáveis por sua guarda durante anos.

A história do apego, da amamentação, da paciência esperançosa da mediação, -destacadas nas gravidezes-, é posta nas mãos das mulheres. Para falarmos de qualidade de vida e retomada de valores é indispensável que se retomem e se re-qualifiquem esses valores e sua importância para o futuro da humanidade.

Uma distinção entre amores duradouros e amores ocasionais resulta da diferença de expectativas entre um e outro. O desejar estender o interesse de um instante de prazer a uma manutenção do prazer requer

uma investidura de características com baixa volatilidade e com satisfação no sossego do familiar. Alcançar um ou outro propósito dependerá de modelos de identificação previamente adquiridos, geralmente aprendidos nos modelos familiares ou na vida extrafamiliar de cada participante da experiência amorosa.

Sobre a doação, a partilha e a hospitalidade, é curioso o que ocorre na vida animal. Cito: “Na Geórgia do Sul em uma única ilha vivem 400 mil pingüins; desses 150 mil chocando ovos –no peito do pé. Durante 67 dias, eles sustentam delicadamente o ovo em cima da pata e o aquecem e protegem com uma espécie de bolsa de penas que cai de sua barriga. A certa altura, o marido gentilmente vem substituir a mulher, que sai para nadar e comer alguma coisa. Ao voltar, para ser reconhecida entre 150 mil outros casais, ela canta e faz umas danças que equivalem a uma senha que só o casal reconhece. Se o pingüim entregar o ovo para a fêmea equivocada, desequilibra o sistema todo...Outra emoção única na Geórgia do Sul é ver o Albatros-errante chocando. Com seus 3,3 metros de envergadura, é a maior ave marinha que existe, praticamente um planador. Durante um ano e meio fica ali no ninho, entre rochas e gramíneas, cuidando do filhote. Quando este deixa o ninho, passa cinco anos voando sem tocar na terra firme, dá varias voltas ao mundo, dorme voando, se alimenta no mar. Só volta à ilha para se reproduzir”.

Com se vê, o amar-ser-amado se constitui em uma arqueologia de uma necessidade fundamental do ser.

## **REINAUGURANDO UM ESPAÇO PARA A DELICADEZA**

Se fosse possível reinaugurar um espaço para a delicadeza, os pares voltariam a dialogar, homenageando os cuidados entre si, dando uma chance de harmonizar a existência. Prudentes na forma de enganar as dores dos desencontros, treinariam na promoção da disposição generosa do ouvinte que acata e promove o entendimento entre as partes. Mediadores, ambos vertendo-se palavras delicadas e elegantes, quase elogios, mais distantes do que nunca das ofensas, seduzindo-se mutuamente, provocando expectativas e curiosidades após cada declaração juramentada de amor. No bom tom de se dizer delicadezas, quase baixinho, entre a firme enunciação e o sussurro ao pé do ouvido, esses diálogos seriam quase segredos; por isso sem presenças, quase conluíus, quase pactos, só não se definindo assim porque todos à volta saberiam tratar-se pelos olhares, pelos sorrisos, pelo deslumbramento, de um momento de exercício de espíritosidade e de vacinação contra a solidão, excluindo os ciumentos, transformados em assistência.

Favorecidas pela honesta companhia, as palavras vertem mesmo sem som, brotariam dos cinco sentidos as intenções manifestadas através do corpo que, magicamente, discursaria os desejos e as intenções. As palavras fariam campanha pela harmonização das companhias. Cuidando dos ânimos, ninguém se atreveria a falar mais alto, temeroso da má interpretação, temeroso de cair na incompreensão e na dúvida do outro sobre sua disposição em agradar e satisfazer. Nenhum interlocutor mais avisado esperaria outra coisa que a ternura e o cuidado do atento diante de si quando tudo indica que aquela companhia é para satisfazer desejos, ao invés de realizar perversões.

Nessa forma de encontro, combinar-se-ia a proibição de entrada dos vícios. Em alto e bom tom, a inteligência deixaria os defeitos do lado de fora, presumindo que a razão pudesse pôr ordem no espaço. Sabedores que Cronos não perdoa àqueles que desprezam o tempo, por sábia dedução de que o tempo é um bem não reciclável, os pares aproveitariam para namorar, beijar-se, encontrar-se com eloquência e frequência suficientes para nunca se esquecerem um do outro. Nem das tragédias das separações e da surpresa das traições e dos descaminhos da decepção; nem da mudança de rumos que tanto desgasta àqueles que não aprenderam a caminhar na pedreira.

O privilégio dessa cerimônia validaria um consenso a dois, a promessa do amor duradouro discreto e conveniente. Aprendizes do ritual de passagem que sai do meu para o nosso, coletivizando o existir e dando ao par o estatuto do eu te necessito, eu estou em tuas mãos, delegação de poderes impensadamente oferecidos, e muitas vezes, abusados na contrapartida da renúncia da autocondução. A perda da liberdade tem um custo incalculável para aquele que se escraviza sem noção do preço.

Faz-se necessário estar atento para preservar e conquistar a atenção nessa dura competição de atenções. Muito empecilho e pouca facilitação põem à prova e armam a arena onde era para ser palco, e o perigo ronda e provoca e experimenta desunir. Não o faz por má intenção, mas por natureza. Às vezes o incauto só o utiliza o perigo para fazer graça e zombar dos sonhadores que ainda acreditam na formação delicada dos pares. Crentes nos ursinhos acompanhantes do bom dormir, ainda não foram apresentados aos lobos que devoram os sonhos e promovem angústias e incertezas.

Dependentes da delicadeza, os amantes se apressariam em prestezas e elegantes carícias confirmadoras da boa disposição para a diversão e o bom aproveitamento do momento. E se nomeariam por outros nomes que não os de nascimento e se chamariam de meu amor e minha vida e meu sonho num convívio de metáforas e metonímias merecedoras de decifrações e ocultamento. O bom desses encontros seria que eles não exigiriam argumentação nem convencimento, pois a discórdia não teriam lugar e o aborrecimento ficaria para depois, não conseguindo disputar um lugar com a curiosidade e o bem estar. É uma façanha conseguir um hiato de paz nessa urbana agitação que invade as privacidades, tirando a atenção do principal e sempre remetendo aos detalhes.

Doce e belo, o encontro recrudescer a simplicidade e o bem estar entre visita e visitado, engrandecendo a ambos e reanimando a vontade de fazerem-se amigos e de seguir conversando, para ocupar o lugar dos silêncios e das solidões não optados. Cada um deva saber disso. É que com alguma frequência se devem colocar as pessoas nos seus devidos lugares; de preferência ao nosso lado, com bons tratos e com muita delicadeza, e isso é uma ação para ser louvada e estimulada. Ela atinge o seu auge quando alguém a exerce entre iguais e diferentes da mesma maneira. Orgulha-se de existir quando se liberta das amarras e circula entre

os povos de hábitos diferentes mas irmanados na sua execução, deixando de lado hinos, exércitos e bandeiras.

Mensurar os afetos é tão difícil quanto avaliar fracassos; pior que isso só a surpresa que alimenta o inesperado, que é sempre uma condição destoante e que toma de roldão os desavisados, derrubando a paz e a harmonia, e também a segurança, pois a surpresa promove o desequilíbrio e a perda de confiança. Seqüestrada a auto-condução da vida, a feiúra ocupa o lugar da formosura e a crença abre as portas, dando razão à descrença.

Mas, antes que os pares acabem é bom abrir um espaço para a esperança e oferecer uma força para as resistências e para as tentativas de recomposição, porque afinal no tempo de armistícios e nas ofertas das generosidades pode-se reinaugurar um espaço para as delicadezas. Os amores buscando salvo-condutos, as pessoas buscando salva-vidas e todos querendo salva-guardas na dura luta pela sobrevivência, esperando, experimentando encontros que permitam reinaugurar alguma coisa, ainda que seja o temor de ficar sozinho, sinal de que está incômodo o desacompanhado.

A duplicidade e a astúcia são companheiras dessa aventura que evoca expansões nas descobertas e nas vivências, tornando-as essenciais para essa proposta cooperativa, onde os pares buscam referências e compensações. Esses encontros que tentam promover a delicadeza, quando elevados a lugares prediletos mostram-se superiores a outros lugares onde não se possam investigar novas formas de estar-se junto, sem dominação, sem obrigação, aceitando ordens e desordens, justificativas e explicações. O contraste exalta a liberdade do diálogo dos amantes, contraposto à obrigatoriedade do discurso marital, porque enquanto um afirma, o outro se obriga a confirmar, reiterar, como se a repetição da escolha fosse compulsiva e compulsória, uma comunicação reiterada da sensualidade conhecida. Esses pares, acostumados a serem imantados em suas pretensões de encontrar-se, sobrevivem da precariedade das presenças sem crenças, confirmando o simulacro. Um falando através do outro e se desentendendo por surdez mútua. Esse intercâmbio de fascinações quando descuidado, acaba dando lugar a um desencontro repleto de ambigüidades e de domínios falidos, aniquilam as experiências, reduzindo-as a decepções seqüenciadas. Aquilo que era para ser novas



formas de amar, uma tentativa de encontrar-se, termina em silêncios, pois quando desgastados, os pares já não trocam nem ofensas, somente indiferenças.

Mas eis que nasce um novo dia, inventando um truque: tanto o coelho quanto a cartola podem ser os parceiros, porque as magias empurram para o momento seguinte a expectativa de um melhor reencontro que promova inquietações e esperanças de novas formas de contarem-se as verdades.

Reinaugurando o espaço, esses pares tentam fundar conversas audíveis e aceitáveis. Peregrinam argumentos para dar sentido a presença em bares, cantinas, camas, praças, passando por dentro das pessoas e casas mas não encontrando nenhum lugar habitável nessa busca por novas dimensões. Seu desejo de inaugurar novas considerações e lugares para a delicadeza acaba encontrando uma homogeneização cultural que força e conforma, tentando dar um estatuto para a possibilidade. Negam-se a aceitar quando alguém chama a isso de desistência. Porque para eles são possibilidades.

Assim como as confissões detonam bombas, os pecadores confessos se aliviam temporariamente evocando tirânicos ciúmes com seus relatos. Exaltam o registro de propriedade privada, demarcando o território e o lugar de pertinência. A precisão das respostas carrega de falta de significado qualquer manifestação sem a novidade necessária à uma satisfação maior e nova. O retorno desse conhecido desencontro acaba com a expectativa toda vez que se ritualiza o encontro, por derivação. É um encontro sem a devida declaração, automatizado na troca de favores ou na intercorrência de concessões.

Os pares que se renovam continuam a existir porque se completam; porque confirmam sua eficácia na aventura de pesquisar no outro para ver se ali se esconde aquilo que lhe faz falta. Se por ali passa o esconderijo do desejo, habituado a procurar sem encontrar, tem-se um explorador sem rumo, perdido, mas com dúvidas de encontrar. Então, se dá a persistência do rechaço.

Nada disso é prova de nada, é um ensaio que fala do espetáculo que é o encontro humano e das histórias dos pares que formam o coletivo e criam hábitos de querer, voltar a encontrar. Amores que não dependem de resultados imediatos são como abrigos hospitalares -oferecem cama

conjunta para credenciar uma ação solidária. São caminhos de estimulação para compatibilizar princípios e virtudes.

Sem dúvida, o menos esperado é o acontecimento de um milagre, por ser este uma exceção e por não estar dentro das previsibilidades minimamente possíveis. É conveniente saber que a tão esperada reciprocidade é muito mais resultado de um investimento do que propriamente um achado ocasional e espontâneo.

As comunidades atuais permitem a existência de uma multiplicidade de personagens que se apresentam com títulos comuns, mas cujas práticas são absolutamente diferentes, o que promove conflitos de interesses e apresentações. Enquanto uns se mostram para o cenário do amor, disponíveis para receber, outros só se satisfazem no doar; quando ambos desejam o mesmo, é inevitável a decepção. Se se oferecem como produtos que se apresentam para um consumo imediato, numa espécie de loja de conveniência e de auto-ajuda-mútua, logo a falta de sentido, promoverá as decepções compartilhadas. A produção do encontro amoroso pressupõe algo mais para ser oferecido e recebido. Uma disposição mais profunda e duradoura do que a doação impulsiva consolidará a intenção da delicadeza. Para tanto, se faz necessário que se avalie qual o tipo de expectativa dá suporte para cada encontro, evitando, assim, a perda da calma e da harmonia.

É no ser humano que acontece o sentido da vida e é através dele que se perpetua o interesse e a motivação para viver. Muitos desistem de viver por falta-lhes esta motivação maior que lhes dá sentido à vida, o amor por alguém ou por uma causa. Sabemos que o que impulsiona o existir são as motivações e as paixões, e elas sempre elas se manifestam e se motivam através da cumplicidade, só se tornando cúmplices daqueles que se conquistaram através da confiança mútua. A confiabilidade se conquista com o convívio e o conhecer-se. Tal processo exige tempo e disponibilidade para estar-com: por isso os encontros efêmeros deverão dar lugar às relações, para ser possível concretizar esse espaço, enquanto a delicadeza oferecerá a forma através da qual se possa seduzir o outro para que se interesse no que se tenha a dizer.

No mundo dos sentimentos, alguns afloram mais facilmente que outros, muito embora alguns se categorizem como muito mais profundos que outros. Nesse sentido, a solidariedade se destaca, porque ela é, antes

de mais nada, social. Ela, ao mesmo tempo inclui a história pessoal, não como uma parte isolada, mas como protagonista de uma história comum, como parte de uma rede de representações. Por isso mesmo, podemos dizer que cada pessoa é um grupo humano compartilhando e reproduzindo questões que são os fundamentos da existência dos humanos. A participação social que conduz e anima a ir-ao-encontro constrói o eu e a sociedade.

Permitir a existência do gozo que aproxima e que se anseia nos encontros é também sinal de que se aceita o prazer como condição e como direito. A culpabilidade costuma trair os encontros amorosos, tirando deles a característica do bem estar ao confundir-los com o pecado. Lograr a paz através dos encontros humanos é aceitar que a felicidade possa fazer parte da existência, ainda que de forma ocasional; é aspirar muito mais do que simplesmente não ter conflitos. É desejar e sonhar com a realização e a construção adequada de pactos promotores da coesão, e a aceitação de que se pode ser mediador para resolver impasses e discórdias. É tratar de entender ao outro com suas diferenças. A vida volta lentamente a tomar corpo quando a esperança encontra seu caminho de realização através dos enamorados. Eles sentem dentro deles o pulsar da vida condicionando o existir aos encontros, as concórdias e as suas capacidades de reproduzir. O modo como cada um sente, define seu posicionamento quanto a estar no mundo com medo, com esperança, com pesadelos ou com sonhos.

Alguns fazem da vida uns ensaios permanentes, nunca estréiam a obra. Outros vivem inaugurando caminhos para terem algum braço que os acolha para chorarem acompanhados quando necessário; algum ouvido que ouça o chamado, quando seja para partilhar a experiência. Esse desafio que cria a pluralidade dos encontros nos alerta para a falta de pesquisa e para a iminente declaração de falência dos seres humanos que, cansados de não encontrar, pensam o amor como improdutivo, sem unidades alcançáveis, banalizando os encontros sem investir para que eles se transformem em relações mais duradouras e perduráveis. Dessa forma, duvidam de sua capacidade de reinaugurar um espaço para a delicadeza e para criar unidades possíveis de alcançar.

A delicadeza serve como argumentação para alargar os limites da acolhida, encorajando a recepção da bondade e a convivência das parcerias. Sentir-se homenageado é aspiração de todos, porque todos somos carentes

de cuidados, em maior ou menor grau. É de extrema utilidade o saber que anuncia que o desejo rapidamente se reorganiza em sua ânsia de satisfação, e que, tão logo saciados, recolhe sua expectativa e vontade de novos cuidados. Por assim ser, nunca a satisfação é definitiva, perpetuando-se até a morte. Os insaciáveis humanos solicitam e esperam, salvo a exceção. As gentilezas confirmam aos cuidados que eles são importantes e queridos por alguém.

Aquela máxima do capitalismo de que onde se ganha dinheiro não há lugar para sentimentalismos, esbarra em um obstáculo: não existe “ao invés de” nas questões da alma. Os bens materiais sempre serão fetiches, não conseguindo substituir pessoas nem o bem que elas são capazes de proporcionar quando suas intenções são honestamente boas.

Os encontros em torno das ilusões, que os jogos de amor autorizam com suas fantasias, alimentam um sentir que rechaça os caprichos e as fraudes. Fazem a proeza de devolver os sonhos para quem deixou de sonhar. Instigam a reintegração da posse de vários pedaços perdidos no tempo e na prática. Demonstrar o bem para ser querido pelo interlocutor exige algo mais do que uma farsa, sendo condição legítima para sua existência a continuidade do exercício das delicadezas. Sabedores de que o ódio não sustenta vontades de encontrar-se, os interessados não poderão exceder-se em críticas e elogios supérfluos, pois estes exigem seriedade e comedimento para serem acreditados. Qualquer exagero torna ridícula a intenção de dar espaço à boa intenção e à delicadeza.

## **O PSIQUISMO COMPORTA E ACEITA BEM AS MUDANÇAS**

Uma das principais características da estrutura psíquica é ser uma estrutura dinâmica, capaz de sofrer estímulos e respostas permanentemente, recebendo influências tanto das representações internas quanto das externas ao aparelho psíquico. Das internas pelas demandas biológicas e dos desejos e das externas pelas formas sociais. As representações funcionam com um poder temporário ou fixo porque dependem de uma flexibilidade que permita a cada um utilizar a multiplicidade de modelos identificatórios, ou da inflexibilidade se fixada ao servilismo, à obediência excessiva, da tolerância à manipulação e à aceitação da ordem alheia confundida com a opção própria.

Popularizou-se um uso inadequado da teoria e da prática psicanalítica como uma idéia histórica de continuidade genética como referencial para o terapeuta. Assim, o modelo médico e psicológico investiga a gênese da história linear, factual, interpessoal, construída evolutiva e linearmente. Entretanto, a teoria Freudiana dimensiona a formação do sujeito psíquico com outras nuances que não propriamente da história temporalmente construída, a qual os médicos e os psicólogos costumam ressaltar. Para a psicanálise a re-significação das representações dá

constantemente novas referências para a construção mítica de cada um. Ou seja, é a história das representações que constrói o mito estruturante de cada psiquismo, e não concretamente a família, os fatos e as vivências colhidas como dados de consciência. A atenção para este referencial mudará toda a escuta indicando uma outra pesquisa que não a da história ingênua e temporal dos fatos e dos sentimentos a este respeito. Será a história das representações que oferece a pista para a avaliação de como cada mito se organiza e como se constitui a rede de significados dirigindo o destino de cada um. Assim sendo, já não interessará pesquisar relações, pois a atenção estará dirigida para as representações. Freud definiu que estas representações se manifestam como expressões de desejos nos sonhos, nos sintomas, nos chistes, nas parapraxias, nas transferências por resistência, nos devaneios e nas lembranças encobridoras. Estas referências nos convidam ao aprendizado de saber como cada uma destas formações do inconsciente se organiza, para que se as possa compreender. A investigação desliza para os Encontros Humanos, valorizando vivências, narrativas e representações singularmente construídas por cada indivíduo, dentro de um contexto, com uma hierarquização, com um sentido profundamente privado e singular, portanto as histórias jamais serão globais, reaproveitadas ou comparadas.

As psicoterapias, em maior ou menor grau, apóiam-se nos conceitos psicanalíticos de inconsciente dinâmico. Sendo assim, vale a pena redimensionar que lugar é este que não se apóia em sentimentos, dificuldades, climas, intuições, etc.

Considerando o benefício ou a periculosidade da ideologia em que se apóia cada corpo teórico, e do quanto eles representam para o futuro da vida de cada pessoa, vale a pena atentar-se para esta recomendação.

O que se pode afirmar é que uma revisão da vida pregressa durante a adolescência pode estar a serviço duma pedagogia adaptativa a uma cultura que lutou desde cedo para reprimir o desejo e a originalidade, anulando a construção do sujeito .

Acreditamos que o conceito ideológico que margeia o discurso de cada psicoterapeuta poderá colocá-lo a serviço da alienação ou da individuação de cada pessoa.

É inegável o valor de utilidade à vida que representa uma ajuda terapêutica adequadamente indicada. Abrem-se horizontes enormes na

reflexão que se oferece aos jovens. Nesta cultura ocidental e imediatista, que pouco estimula a interiorização e tanto favorece a execução (o ato é hipervalorizado), contar com um lugar de ver-se a si mesmo, conhecer-se a si mesmo, indagar-se a si mesmo, hierarquizar a importância do fazer-se companhia a si mesmo, oferecendo-se como uma boa companhia, que facilita novas oportunidades, permite segundas tentativas e admite o direito de errar e de acertar. Esta aquisição da consciência de personalidade facilita a que o ser humano vá ao encontro da vida com menos culpa e mais objetividade. A psicanálise amplia o campo de observação e de percepção, assim como aprimora a consciência crítica, possibilitando-a ser usada no sentido de uma fiscalização construtiva ao invés de uma fiscalização punitiva. São formas de fazer da vida uma aventura mais acessível e mais possível, lugar este onde se possa aprender que a determinação vale mais do que a malandragem, que a ética é mais importante que o dinheiro, que a missão cumprida vale mais do que o engodo e que ao final de tudo se pode construir uma vida com mais liberdade, fundada em seus próprios valores e interesses. Descobri que a alienação anestesia e que a falta de leitura mantém os ignorantes e sustenta a ignorância.

Enfim, o psiquismo e a consciência da sua existência oportuniza saber-se que os projetos de vida podem ser sonhados e executados, sem improvisações, sem ingenuidades, com riscos calculados e que como qualquer empreendimento pode e deve ser muito bem avaliado.

Esta consciência que quebra o gesso e (des)imobiliza esse conceito de psiquismo estático, abre as portas à esperança dando lugar a que cada um habite seu corpo e receba a graça de viver sem condenações que cronifiquem os preconceitos acadêmicos ou não.

A abertura de novas “vias de facilitação”, cria novas oportunidades e inaugura novos modelos de realização porque se assim não fosse todos estaríamos condenados a repetir os modelos impostos sem alternativa. A diversificação e a incorporação de novas identificações é constante, dinâmica e possível à vida inteira, pelos menos para aqueles que convidem a vida a seguir habitando suas existências.

A ordem que contraria a flexibilidade conduz à escravidão dos modelos fixos, que mantêm a compulsão à repetição. Trata-se de introduzir a novidade como uma prática do exercício da liberdade de experimentar. Isso significa, por sua vez, uma mudança de sentido dos valores, pois aquilo

que sempre foi considerado ou invalidado, ou evitado passa a ser aceito como o direito à mudança de uma concepção de Universo. O valor que cada um dá a cada representação mental é variável e ímpar. Se os valores estão diretamente relacionados às fixações, entendemos porque o ser humano é tão pouco aberto às mudanças. Principalmente quando se trata de sua existência, podemos dizer então que é um tradicionalista, excessivo em manter aquilo que é prejudicial para si mesmo.

“Estar vestido para a ocasião” é uma expressão que indica saber oferecer um quadro aceitável para o outro, promovendo a aceitação em lugar do rechaço. Nos hiperativos, a queixa é de que eles se comportam de forma a despertar a ojeriza nos outros. Uma qualidade dos obedientes é que aprendem a comportar-se da forma como os demais esperam dele; enquanto os desobedientes negam-se a tal procedimento. Não é a obediência ou a desobediência que promove a aceitação ou rejeição social; senão a preocupação do obediente em agradar aos demais, enquanto os desobedientes desprezam tal vocação. Costuma-se pensar que o rechaço se deve às ações dos desobedientes, entretanto, às vezes, o rechaço é por suas posturas arrogantes e depreciativas, enquanto que o obediente ao preocupar-se com a opinião do outro, só se ocupa em agradá-lo, sem agradecer-se a si mesmo.

Tomar posse da própria existência sempre significará desagradar ao desejo de alguém; é deixar de cuidar do casal, dos pais, daquilo que pensam da gente, do que elegeram para a gente, do que nos convenceram que era o melhor. O estar de acordo consigo mesmo ou a ausência de conflitos pode ser a manifestação da pior das enfermidades: a alienação. Em contrapartida, algumas angústias são resultado da percepção da inadequação do mundo em que se vive. A angústia-sinal faz o sujeito sentir-se vivo frente aos perigos, ao passo que o perigo da alienação é que faz adormecer os sonhos, – o que impede a criação. É mais fácil dizer o que cada um não pode do que lhe indicar aquilo que lhe fará bem; por isso, ninguém pode dizer a ninguém aquilo que lhe fará bem. Em contrapartida, pode-se dizer, todo o tempo, que se sabe daquilo que fará mal. É um convite a ir-se um pouco mais além das “já conhecidas possibilidades pessoais”.

A aceitação das regras da vida levam à aceitação de que nada é fácil, de que nada é imediato, e que qualquer construção exige prudência,



humor, aprofundamento da questão, tempo para pensar, coerência para selecionar o útil do inútil, aceitar os limites ao alcance de cada um e de cada ação, não viver de impulsos, respeitar a vulnerabilidade intrínseca ao ser humano, uma revisão do conceito de justiça social e individual e aspiração a um bem estar coletivo, reintegrando os excluídos e dando-lhes a categoria social que nunca deveria ter perdido.

Uma sociedade pluralista que suporte a coexistência de valores e interesses se oferece como modelo.

Quando se dá um enfrentamento entre diferentes representações mentais, é que se acreditou numa revolução interna e o inconformismo no lugar do conforme, e a indignação no lugar da resignação. Não se trata de estimular a vingança, mas da retomada do direito individual invadido por ações não percebidas pela realidade de cada um.

As consignas alheias à cultura de cada povo são ausentes de referenciais, são como faltas de indicação nos caminhos, promovem loucuras artificiais. É o desconhecido que se apresenta como solução e não como enigma e todos os aceitam como parte natural da existência.

A criação de uma realidade ficcional disfarça a realidade, dando-lhe conotação de irreal, mais aceitável, mais tragável, o valor do sentir e do sofrer lições que a vida dá através do viver a realidade. Menos de um ano depois do “corralito” que roubou o dinheiro dos argentinos, os bancos voltaram ao “seu normal” como lugar de confiança. É como se déssemos nossa carteira para o ladrão guardar. Nessa ficção-arremedo, o espanto dá lugar à aceitação resignada. Por isso há uma geração de gente sem esperanças. A manipulação do sentir traz como resultado a falta de credibilidade nos modelos e no futuro. Essa manipulação é evidente, manifesta e transforma os sentires em vivências negativas da constatação do desumano que é conviver, do estéril que é o consumismo das companhias triviais e da desesperança em esperar-se generosidade do egoísta. São mais freqüentes a negação, a desvalorização, o isolamento por solidão consentida, o desprezo por sentir-se usado pelo outro, a falta de cuidados dos demais para com cada um. Essa generalização torna os encontros efêmeros, pois os participantes esperam muito pouco do encontro, fazendo pouco para mantê-lo e promovendo uma derrocada autocumprida nas relações.

## **QUEM SOMOS**

-Um Ensaio Sobre a Cidadanía-

Os indivíduos pouco sabem dos modelos culturais que os compõem, chegando mesmo a desconhecê-los em seus conteúdos. Esta falta de consciência de si mesmo os faz alheios à própria existência sobre a

qual não decidem, não pensam e por isso mesmo são compostos por certos modelos aceitando-os como universais, não contestáveis.

Tudo o que escapa à consciência fica longe do alcance da transformação. Desta forma o ser humano estará mais para *dividuo* que para *(in)dividuo* constituindo-se em um animal de repetição, sem consciência da possibilidade de transformar seu próprio destino. Filosoficamente poderíamos dizer, amoral, pois existe sem ser proprietário da própria existência, sem consciência do que faz, de quem é, e muito menos da responsabilidade que tem. Constituído desta forma fragiliza a concepção de direitos e deveres, o que invalidaria sua nomeação como cidadão.

Cabe aqui a introdução do conceito de alma e de algumas funções psíquicas muito pouco valorizadas como: a consciência e a atenção. Se a atenção esta posta na proibição, se libera o direito da crítica e se censura o auto conhecimento. Mesmo partindo do princípio que todo individuo traz consigo um enorme potencial a ser desenvolvido, pois, com a alma de artista e criador, o ser humano se obriga a funcionar como um “oficial de dia” nos quartéis. Impõe a si mesmo uma disciplina (que estaria a serviço de uma determinada ideologia alheia a sua identidade de individuo), ao ato criativo que estaria ao serviço dos interesses próprios.

Ao se aprender as letras, se cria uma confusão de valores. Culto é aquele que cria com um mínimo de cultura, apesar da erudição, enquanto que erudito é aquele que costuma primar às letras sobre a cultura.

A informação -a formal, dada pela escola, ou a informal, dada e aprendida na vida e também pelos meios de comunicação-, está em mãos de um poder manipulador que leva embutido em uma mensagem um tipo de educação que é uma ilusão; onde as crianças não formam suas próprias decisões. É inegável a influência e o direcionamento no cuidado das crianças que exerce muito mais uma pedagogia (conduzir a criança) do que de uma educação (tirar de dentro para fora). O cerceamento da opção das crianças e a direção do rumo de suas vidas é resultado de uma ideologia que valoriza a censura massificante que limita toda criatividade, pouco aproveitando do original de cada um ao se lhe impor um modelo que se acredita ser o melhor para cada época e cada região. Pouco se considera e se respeita as crianças e jovens em seus interesses, tempos de desenvolvimento e aprendizagem. Tanto no campo da educação como no

da saúde a participação passiva das crianças em relação às decisões dos adultos a seu respeito são muito mais freqüentes de se ver do que às vezes em que se solicita a opinião participativa, considerada, respeitada como uma opinião a mais, frente às decisões.

A bioética e suas importantes contribuições no campo dos direitos e deveres ainda não chegou nas zonas freqüentadas pelas crianças e pelos jovens.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos afirma em seus trinta princípios que o homem é um sujeito e não um objeto, pois bem, enquanto tratamos com crianças parecemos conduzir-nos como se eles “ainda não o fossem”. Várias expressões sobre o ser humano apontam à “maturidade”, “adultamente pensar”, “atuar como gente grande”, “não sejas infantil”, “coisa de criança” manifestam essa forma de discriminação pela idade. A força do uso nos faz crer que enquanto não tenha responsabilidade de decisão não poderá ter direitos de eleger. Que fazemos das decisões e indecisões do Direito?

Passeando entre ufanismos e decepções, entre liberalismos e proibições, os adultos acabam em dúvida. As vezes identificados aos jovens, se pensam retrógrados, outras vezes cientes de suas responsabilidades antecipam os riscos que os jovens não sabem perceber. Com os exageros próprios de quem os assiste, acaba prevalecendo o critério pessoal dos técnicos cuidadores de crianças, o que nem sempre significa o melhor e o mais adequado.

Pois bem, falemos de alguns direitos. Temas polêmicos como: A criança abortada não tem direito à vida? A criança recém nascida quando posta no berçário, longe do calor e do leite de sua mãe? (o que se transformou em rotina hospitalar por ordem médica) não tem o direito a ficar junto daquela que o abrigou durante toda sua vida intra-uterina? Ou a imposição ao menino circuncidado, não consultado e sem direito de escolha mais tarde se assim o quiser? E o direito da criança sob cuidados de outros que não seus familiares (como nas internações hospitalares, nas creches), por si só escolheria fazê-lo? E a forma como se dão as consultas médicas e odontológicas (existem odontólogos que fazem anestesia geral para tratar dentes das crianças, e os tratamentos feitos na base ao horror, de ameaças e imposição). E as consultas psicológicas, quem as decide, avalia e quem as leva a efeito? E o exame de seus corpos, as intervenções cirúrgicas sem

preparo prévio, sem consentimento, e as vezes sem nenhuma comunicação do que lhes será feito?

Estas e outras tantas indagações me parecem suficientes para compreender que não existe ainda um exame cuidadoso da problemática do cuidado das crianças desde a perspectiva da Bioética, assim acontece por considerar-se a obviedade de que as crianças não tem “maturidade” para escolher e o que é mais grave, que os adultos sabem o que é melhor para elas!

A problemática torna-se mais grave quando temos estas certezas sem questionamentos. As propostas de educação para o cuidado de si, pelo respeito ao próprio corpo e para a construção de uma personalidade ligada a vida, considera que a construção da história do indivíduo exige para sua estruturação uma sólida co-participação do indivíduo no projeto que o faz sujeito, se não se dá dessa forma, o projeto de vida ficará abortado e o que teremos será um adolescente (des) existente, um obediente por servilidade que pouco aprendeu do ofício do viver (desaproveitada a matéria prima que são seus interesses) para realizar apenas os projetos dos outros, e desta forma tornado um *servil* (ser-vil). Pouco compreenderá de sua importância na vida e desenvolverá pouco sua participação social, pois pouco aproveitará de sua originalidade por acreditar-se um incompetente. Despreparado para a vida em consequência da auto desvalorização e da falta de iniciativa própria, pouco acreditará em si mesmo e excessivamente acreditará nos demais. Qualquer adulto sabe que a crença excessiva nos demais é tão prejudicial quanto a descrença excessiva. Em um caso se confunde os outros com Deus e no outro com o diabo.

Deste modo não podemos falar de sujeitos, talvez, candidatos a sujeitos, a bem da verdade estamos diante de objetos dos ideais dos educadores paternalistas. Pessoas resultantes de semelhantes processos, não poderão ser pessoas sinceras consigo mesmas, nem tampouco podemos esperar delas como resposta a base dos fundamentos que se espera dos seres humanos, com os direitos e deveres. Por direito eles entenderão o “eu acima de tudo” e por dever considerarão a “obediência servil”. O que se espera das pessoas para que minimamente se estruturarem como indivíduos, é sua capacidade de resposta aos domínios escravizantes, sejam políticos, sociais ou amorosos. Desde que se permitam ter opiniões e possam conquistar seu lugar no mundo preservando sua originalidade.

Perguntem a todos os geniais que eles lhes dirão que tiveram que deixar de crer naqueles que lhes desvalorizaram para não se massificar, quase todos os gênios o foram porque não acreditaram nos desesperançados que transformam as adversidades em pequenas tragédias pessoais. Ao contrário acreditaram em si mesmos com seus pequenos ideais humanamente alcançáveis aceitando o desafio de viver com a perseverança e a constância de quem valoriza viver.

## ECOLOGIA SOCIAL

No passado, os seres humanos agruparam-se por razões de sobrevivência. Hoje, isolam-se por razões de tentativas de satisfação pessoal. Nossos ancestrais, percebendo suas fragilidades diante da natureza, buscaram no agrupamento, na união dos indivíduos, o aumento da força e de luta por objetivos comuns. Aqueles que se mantiveram isolados sofreram as conseqüências próprias dos sozinhos; não sobreviveram.

Os seres humanos estão órfãos em conseqüência da extinção dos grandes projetos, e o recolhimento ao individualismo se oferece como uma nova saída para os conflitos humanos, dessa forma, o conceito psíquico de narcisismo ocupa um lugar que passa a ser Social. É pela passagem do *Cuidado de Si* ao interesse coletivo que se alcança o Social.

A nossa época é caracterizada pelo acelerado desenvolvimento tecnológico, sobretudo no setor de tecnologias de informação-satélite, a utilização em larga escala de redes de computadores, em especial a Internet.

Hoje, os problemas econômicos, sociais e intelectuais excedem de um modo absoluto os limites nacionais: não dependem de causas internas a cada país, nem podem encontrar solução isoladamente.

Cria-se, assim, uma teoria acerca das necessidades que se adaptem ao conceito de consumidor.

*Sempre foi de grande importância para as teorias políticas o valor da categoria das necessidades humanas. Quase todas enfocadas no âmbito do bem estar social e das políticas públicas.*

Várias são as perspectivas da inclusão dos seres humanos dentro destas teorias das necessidades. Entretanto a inclusão do conceito de democracia juntamente com uma revisão do conceito de liberdade permite-nos o reconhecimento, a ampliação, e a consideração de que as

necessidades não são possíveis de serem todas elas satisfeitas. Podem, entretanto, serem revisadas e ampliadas no sentido de evoluir em relação a cuidados e atenções.

### *DAS NECESSIDADES BÁSICAS*

O estudo das motivações humanas, nas mais variadas situações de vida, no trabalho e na sociedade determinou a criação de uma teoria da hierarquia das necessidades básicas. Seu aproveitamento tem sido útil para criar uma estrutura conceitual no estudo das motivações.

As necessidades de deficiência constituem carências no indivíduo que precisam ser supridas de fora e por outros indivíduos para conservar a saúde, evitar ou curar doenças. As motivações humanas são constantes, infinitas, flutuantes e complexas. O indivíduo é um todo organizado e integrado. Motiva-se como um todo e não apenas parcialmente, assim sendo, toda parcialização nos cuidados deixa a desejar.

O ser humano é um ser desejanter, porém, nunca alcança a satisfação completa. Como os desejos são constantes, qualquer satisfação diminui a tensão; porém, já um novo desejo se organiza logo alcançando demanda de satisfação. Conseqüentemente, desejar algo significa necessidade de satisfação.

As necessidades básicas se iniciam pelas *necessidades fisiológicas*, que são as primordiais. Assim sendo, a fome prima sobre qualquer outra necessidade em razão da sobrevivência. Quando as necessidades fisiológicas estão minimamente satisfeitas, aparece uma nova categoria de necessidades: as de segurança. Elas são observáveis quando há preferência por um trabalho estável, escolha pelo que é familiar e seguro, desejo de poupança e reserva para o futuro. As necessidades de segurança mostram-se exaltadas nas situações de crise quando exigem das pessoas uma mobilização ativa. Por isso, os momentos de urgência e de tragédia acabam solicitando uma demanda de cuidados.

Quando as necessidades fisiológicas e de segurança estão mais ou menos satisfeitas, aparecem as *necessidades de Amar e Ser-amado (amor dado e amor recebido)*. Surgem as expectativas do reconhecimento e da admiração por parte dos familiares, amigos e dos grupos de trabalho. É freqüente o surgimento da frustração em conseqüência quando as



necessidades de amar-ser amado não estejam satisfeitas. Nossa cultura, deixa para um plano secundário este valor e, apoiada em valores de riqueza, bens materiais e outros indicadores, deixa de compreender quando alguém sofre por este tipo de carência. Por exemplo, é costumeira a surpresa diante de alguém que se conhece pouco, afirmar: “como é que pode estar mal se tem tudo o que precisa”. Claro está, que este “tudo” não contempla a obviedade de que algo falta, quase sempre algo primordial àquele que sofre.

Quando satisfeitas as necessidades de amar e ser-amado, surgem tipos de carências, como Auto-estima e ser estimado pelos outros. Dessa forma torna-se fundamental considerar o valor do Cuidado de Si, e não somente isso, senão também avaliarmos o que significa para cada pessoa cuidar de si mesmo, porque as singularidades fazem com que cada um seja particularmente diferente dos demais, embora semelhante. O semelhante parece com o diferente, mas são só parecidos, porque muitas são as diferenças que impedem a igualdade.

A satisfação das necessidades de Auto-estima faz crescer a autoconfiança, a disponibilidade para ajudar aos demais. Ao contrário, sua frustração trás sentimentos de inutilidade, de impotência, levando com muita frequência ao desperdício dos potenciais das pessoas que ficam esquecidos e desvalorizados.

Quando estas carências aqui enunciadas estão satisfeitas, podemos dizer que o ser humano estará pronto para desenvolver e compartilhar a sua existência.

As necessidades básicas não são lineares, variam de pessoa a pessoa. Cada um nasce com diferentes quantidades de desejo sexual, assim, uns necessitam mais do que outros da prática das relações sexuais para se satisfazer. Da mesma forma, qualquer outra necessidade poderá estar mais exaltada numa pessoa do que na outra.

Ninguém está totalmente satisfeito ou insatisfeito em suas necessidades básicas. A carência é também motora de novas buscas, de novidades e de múltiplas formas de satisfação. Essas buscas tendem a romper com a mesmice, levando as pessoas à busca de novidades em suas vidas. Entretanto, o surgimento duma nova necessidade não é espontâneo. Dependerá de uma valorização da pessoa e da oportunidade que servirá como estímulo para a conquista. O meio circundante, que atua como um

criador de *Oportunidades*, oferece parte do processo de realização; a outra parte dependerá da *Determinação* de cada um.

Precisamos saber diferenciar necessidades de caprichos. Enquanto as necessidades vão ao encontro da essência sobre a qual se desenvolve a pessoa, os caprichos são meras exigências secundárias, em geral complicadoras dos convívios, pois exigem muita participação para alcançar resultados, em geral pobres e de menor valia para a pessoa e os que a circundam.

## O ENCONTRO HUMANO

As necessidades de *Amar e Ser-amado*, *a Estima dos Outros e a Extrema Fragilidade da Auto-Suficiência* determinam que o ser humano tenda a buscar no *Encontro Humano* um lugar de garantia contra o abandono e a solidão e a favor do reconhecimento e da consideração dos demais. Tal condição exige perspicácia, tolerância, respeito às diferenças, diplomacia, consideração, delicadeza e outras virtudes capazes de permitir o reconhecimento do Outro em sua plenitude. O Encontro Humano é a essência dos objetivos da existência pois será sempre através dos outros e com os outros que realizaremos nossos sonhos. Sem eles não se estabelece nenhuma realização. Ora, a solidão é, igualmente, essencial desde que reflexiva, como acontece nos momentos de auto-avaliação nas buscas de auto-reconhecimento.

Freud desenvolveu o conceito de Angústia de Castração, fundamental para a estruturação do sujeito. Este conceito foi classificado no sentido evolutivo para ser aplicado em todas as avaliações posteriores das relações humanas, por estar sempre presente em qualquer participação dos Encontros Humanos.

A Angústia de Castração tem sua primeira manifestação no medo de perder o amor das pessoas queridas, porque delas depende o ser humano até os três primeiros anos de vida, pois sem cuidados, abandonado, morre. A segunda forma de manifestação se dá em torno dos cinco anos de vida, quando se descobre a diferença anatômica entre os sexos; ou seja, descobrem-se as diferenças e a possibilidade de ser mutilado. A terceira forma de manifestação surge depois dos cinco anos e é

representada pela crítica do Super ego, estrutura que forma a ética e a moral. Estas formas de manifestação da Angústia de Castração acompanham o ser humano até a sua morte. Por isso mesmo, a dependência do Outro é total e permanente na vida de qualquer pessoa, em diferentes graus e intensidades. Aquilo que o ser humano aspira e popularmente chama de independência, somente é alcançada sob forma de autonomia, nunca como independência, porque dependemos desde que nascemos até morrermos. O Outro e sua participação na vida é fundamental e indispensável.

A cronificação da solidão acaba se constituindo em manifestação do fracasso do Encontro Humano.

Estar com os demais é preparar-se para o convívio grupal. Daí a importância de incluir-se nos projetos de vida a preparação para tal fim. Categorizo como parte das necessidades dos humanos, quiçá a mais importante depois das necessidades de sobrevivência, a *necessidade do Encontro Humano*.

## DA EDUCAÇÃO

As propostas da educação formal e informal tendem a ter como alvo uma regulamentação dos comportamentos. A unificação e a massificação dos comportamentos não costumam levar em consideração as *Singularidades* dos indivíduos, que acabam transformados em *divíduos*. O prefixo *in*, que sublinha a originalidade, acaba desprezado por uma educação comparativa, mimetizada e niveladora por padrões que nem sempre possibilitam a interação pessoal. Quando se alcança algum tipo de nivelamento, este se dá por adaptação. Qualquer proposta educativa sabe que a diferença entre adaptação e integração é abissal, pois enquanto a primeira se faz por uma incorporação a contragosto, a segunda se faz por uma incorporação com satisfação. O resultado é que, na integração os novos conhecimentos passam a fazer parte da personalidade, enquanto que na adaptação os conhecimentos passam a ser elementos estranhos à personalidade.

Este modelo educativo, mais comumente encontrado no ocidente, favorece a criação e a preparação dos projetos de vida voltados para a escolaridade, o trabalho e outros desempenhos. Assim ninguém é

formalmente preparado para o amor, para a vida em família, para o convívio com os colegas de trabalho, para uma ética de participação e para a manutenção das conquistas. A forte competitividade criada pela avaliação quantitativa da escola estimula as pessoas a aprenderem a conquistar, mas não as condiciona a manter o conquistado. Esta consideração da manutenção será a base para uma Ética cotidiana, porque aquele que “tem o que perder” não poderá infringir as leis sem responsabilidades nem tampouco apostar nos riscos sem angústias de autoconservação.

### *PROJETOS DE VIDA*

A proposta de fazerem-se projetos de vida significa coragem para falar-se que é possível buscar-se indicadores para o *Amor*; ou seja, tentar fazê-lo objeto de estudo, além de um sentimento vivido. A identificação do conceito de projeto pressupõe que ele tenha um método, um fim e uma permanente avaliação de resultados. Enquanto que na prática, o *Amor* exercido na forma mais comum sempre é improvisado. Portanto, parece válido fazer-se uma extensão até que cada um possa pensar que é possível organizar seus projetos de vida, assim como saber que é possível conhecer quais indicadores lhe são fundamentais para a eleição de pessoas e profissões, dando ao amor condições de eficácia.

A maior parte dos projetos se apóia na qualidade e quantidade. Aquele que faz projetos de vida tem futuro, pensa no futuro, tem planos de futuro. Crê na esperança como um valor essencial. Evita os apocalípticos, que se apóiam no que não funciona para exaltar suas miserabilidades individuais. Não esqueçamos que existe gente que se acostuma com o negativo e se apóia em fatos de exceção para viver na depressão e sem esperanças. Aquele que faz projetos crê no amor, ama as pessoas e deixa que a novidade se desenvolva dentro de si. Faz-se importante a busca de companhias que validem a vontade de viver, evitando a busca de pessoas que confirmem que a vida é uma grande desilusão.

O espírito gregário oferece a atração para evitar-se a solidão como refúgio, para evitar desilusões.

O *humor* é outro indicador. É nele que se dá o apoio para a construção e a afirmação do alento de ser feliz, construção esta feita com coisas não proibidas. A novidade deverá ser o antídoto para evitar sempre a

mesmice que constrói o tédio. A determinação, é o indicador e o veículo para não se desistir das metas. Quanto tempo de aprendizagem leva para valorar-se um beijo, uma carícia ou uma desgraça?

Podemos ter alento ou esperanças em três tempos, distribuídos no passado, no presente e no futuro. Podemos guardar no passado aquilo que se não pode mudar e modificá-lo de acordo com o que se possa suportar, ou projetar no futuro, alguma conquista que nos permitimos sonhar ou desejar.

A forma humana de perceber o mundo é através de representações. Assim, cada um terá uma representação do tempo próprio. Muitas são as vezes em que percebemos o tempo como algo que passa muito rápido, como quando realizamos tarefas que nos agradem. Ao contrário, quando nos encontramos aborrecidos, parece que o tempo não passa. Por outra parte, popularmente se diz “matar o tempo” todas as vezes em que ficamos sem projetos. Nessas circunstâncias estamos diante de um momento em que não temos perspectivas de futuro.

Os projetos são passíveis de construção durante ao longo da vida . Qualquer idade é idade para sonhar-se.

Assim, várias as possibilidades de representarmos o tempo. Por isso, nas considerações do tempo, podemos afirmar que o tempo cronológico já está superado, não serve para medir nossas vivências. Devemos, então, falar de temporalidade, que não é mensurável por números e quantificações. A qualidade é uma das características da temporalidade. Ela está presente no conceito de juventude e não podemos aprisioná-la a uma única idade. Quando olhamos para o passado, o fazemos com lembranças e o tempo das lembranças é sempre o presente. Curiosamente costumamos pensar que dentro de nós há um lugar onde ficam guardadas as lembranças. Todavia, o conhecimento do psiquismo nos mostra que isso não é assim. Que as lembranças não estão em lugar nenhum, e que ao mesmo tempo, estão vivas e presentes sempre que se façam *presentificadas*. Da mesma maneira, quando olhamos para o futuro o fazemos com as ilusões, as decepções e os sonhos do presente. Por isso podemos afirmar que o único tempo é o presente. O conceito de *presentificação* ou apresentação é o mais correto para os estudos da temporalidade, pois é através do fazer-se presente que estamos no mundo com nossas percepções.

As representações são históricas, dependem de uma série complementar e fazem com que o ser humano seja histórico. Nessas bases históricas o ser humano organiza-se.

O conceito de *acreditação* é, sem dúvida, fundamental para o ser humano encontrar melhorias em suas qualidades de vida. Como somos determinados por representações, podemos dizer que somos aquilo que pensamos que somos. É na *crença* que se baseia a busca definitiva do auto-respeito e do autoconhecimento que nos revelará uma lógica que objetive as bases para um futuro re-evolucionado pela revalorização da matéria prima. Apoiando-nos na *harmonia das convivências*, o que significa *não confronto*, no respeito pelas *intimidades* e na *acreditação* dos indivíduos como um conjunto de indicadores dos valores humanos. As bases desta valoração dependem da *capacidade de persuasão* que cada um tenha para motivar ao outro para a vida.

A sabedoria é fria; assim, necessita do calor do espírito e da sensatez. As ciências médicas oferecem os tranqüilizantes que põem adormecidas as urgências. A angústia sinal é um alarme que avisa que há uma dívida adiada. O ser humano quando em dívida consigo mesmo, fecha as portas para a lucidez e busca soluções nos aparelhos, nas técnicas e nas letras, esquecendo-se de esculpir a matéria prima, deixando de lado a arte de viver e aprender a viver.

Muitas vezes, a vida das pessoas comuns vai sendo gasta em trivialidades cotidianas que solicitam soluções urgentes a cada dia. Dessa forma, as questões que compõem o macro de cada um, ou seja, seus projetos, seus ideais, suas *pequenezas*, ficam postas num plano secundário, condicionando-se o cuidado de si mesmo à resolução daquelas outras questões. O si mesmo fica sem perspectiva e o cuidado de si não acontece. Assim se dá o esvaziamento da consciência de desejo e existência.

As pequenas coisas da vida nos dão o conteúdo para os projetos. Vemos que uns tem mais facilidade de transmissão e recepção, enquanto outros encantados com o que aprendem de ouvido, deixam de valorizar suas sensibilidades e seus sensores críticos, que os fazem ouvir sem escutar. Nem por isso eles se vêm mais sábios nem mais avançados; apenas, como humanos, esquece-se de perguntar quantas histórias

conhece. As de sua origem, as de seu passado, as dos pais e avós, as dos educadores.

Os mitos estruturam ficções que, projetadas no futuro, compõem o *mapeamento das ilusões e dos desejos*.

A indistinção entre conhecimento e informação merece ser destacada. O conhecimento exige processamento. Não se pode processar o que não se conscientiza. Em contrapartida, o conhecimento exige participação ativa, não podendo acontecer sem uma interação entre o emissor e o sujeito da recepção. A informação é diária e permanente, enquanto o conhecimento é acumulativo, dependente do uso da razão e do pensamento. É muita complexidade para esperar-se que esta proposta seja útil para todos, pois todos não costumam pensar em suas existências, muito menos, pensar seqüencialmente.

A representação psíquica que acompanha cada um em suas produções será determinante nas aspirações e planos para a vida futura.

A mimetização, como cópia sem crítica pessoal, é igualmente geradora de vazios. Aquele que sabe sonhar, deixará de olhar para os demais e se educará para o ideal de qualidade e excelência, criando projetos de vida originais. Será alguém que aprenderá que a convivência com a própria essência e com seus próprios limites trará mais benefícios, nesse mundo de dinheiros e lucros. Com o estabelecimento destes novos valores de vida, cada um poderá ser mais importante para o mundo em que vive diminuindo os valores do poder e do prestígio conseqüentes à posse do dinheiro.

Os seres humanos estão órfãos de projetos, ainda que o aproveitamento do potencial humano presente em cada um permita uma *conscienciação* do valor que representa para a humanidade o investimento no ser humano. Por isso todo, aquele que tenha reconhecido seu valor e receba a oferta de alguma viabilização para seus projetos pessoais, nunca deixará de ver no próximo um igual com potencial para o exercício das humanidades.

O aproveitamento do potencial humano presente em cada pessoa permite uma *conscienciação* do valor que representa para a humanidade o investimento nos seres humanos, por isso, todo aquele que tenha reconhecido seu valor e ofertada alguma viabilização para seus projetos pessoais nunca deixará de ver no próximo um igual a ser melhor

aproveitado. É por esta *expansão de creditação* que os humanos investirão no enorme capital desaproveitado que são os próprios humanos sem oportunidades sociais e psíquicas. Será assim que se criará o conceito de Ecologia Social.

Temos uma educação que nos avisa que há de se ter projetos de estudos, de trabalho, de férias, de curto prazo, etc. Porém, nunca ninguém nos diz que é necessário criarmos projetos de família e projetos de amor, porque sabemos que eles não se dão espontaneamente, e é por isso que lhes afirmo que se alguém dirigir uma fábrica ou uma empresa com a mesma ingenuidade e improvisação com que administra seus projetos de vida, dificilmente terá êxito.

Como é forte o Amor. Ainda que sem preparação e sem cuidados ele segue prevalecendo sobre o ódio; e ainda que os humanos façam eleições amorosas equivocadas, nunca desistem e voltam a seguir tentando o acerto. É essa esperança que determina a força da vida. Agregando a ela um pouco de técnica, de cuidados e da construção da amizade teremos o tão desejado projeto de vida.

O tempo do cronológico diminui, enquanto que a prospectiva aumenta. O tempo é o único e mais precioso bem não reciclável.

Muitos seguem buscando soluções no passado, devaneando o perdido, porém não encontram uma solução que os estimule a busca do ainda não realizado. Alguns recorrem aos fantasmas que viajam na memória, recriando a ficção de reencontros e retomadas. Este voltar ao passado na própria história é significativamente freqüente. Seleccionam-se trechos onde se era feliz. O risco é o de deixar-se de crer que se possa reproduzir o bem estar. Não se pode perder o sonho e a ilusão. Deixando-se o caminho aberto à ficção, permeia-se a realidade com felicidades instantâneas, no pequeno mundo das individualidades. O aproveitamento do capital que cada um tem, a utilização da matéria prima que compõe a originalidade de cada um, a exaltação das qualidades, poderão se constituir nos elementos que estão ao nosso alcance para recrear-se a vida e a novidade no viver cotidiano. O conceito de *novidade* é importante no sentido de evitar o tédio das rotinas pré-programadas, que acabam se tornando repetitivas e objetivamente desagradáveis.

Esta, com toda a certeza, não é a fonte da juventude, porém pode ser o riacho da jovialidade. A renovação de projetos de vida é uma



necessidade permanente para que as pessoas sigam motivadas a viver. A ausência de projetos é à base das depressões e o caminho de muitas mortes e desistências de viver.

Creio que a democracia e a liberdade dependem, para sua existência que elas se iniciem como um processo individual no qual cada um possa amar e cuidar das pessoas queridas. Esse exercício pessoal estendido à família, determinará uma sociedade menos violenta e destrutiva.

O conceito de Ecologia trata dos seres vivos, (o mais desenvolvido da espécie é o Ser Humano), colocando-os num plano secundário, já que os cuidados com o Meio Ambiente, com os vegetais, como o conjunto que constitui o planeta, destacam-se mais que o ser humano como o centro da questão. Curiosamente, não existem secretarias de estado que tratem diretamente das questões dos humanos e seus conflitos, tratam-no como *coisa*, como *objeto*, não como o ser vivo, que sente, sofre e vive em consequência destas ações.

O conceito de cultura afirma que cultura é a capacidade do ser humano transformar a natureza a seu serviço, mas inclui como cultura as relações entre os humanos. Poderíamos estender este conceito para a relação que os humanos têm com o meio circundante, não somente com sua capacidade de transformá-lo como também a de preservá-lo e mediar as relações. Introduzimos assim duas novas vertentes no conceito de cultura.

Enquanto o ser humano não for o centro das atenções, das ações, e alvo de tudo aquilo que se fizer neste planeta, estaremos investindo parcialmente e negando uma questão que mais cedo ou mais tarde exigirá uma revolução conceitual que alcance um enfoque na *Ecologia Social*, quer seja esta aqui descrita ou alguma outra mais aprimorada e desenvolvida conceitualmente. Mas, não há dúvida de que a urgência de mudanças no enfoque e na administração dos bens culturais da humanidade *não poderá deixar o ser humano como um participante secundário* do meio ambiente, senão como protagonista, capaz de construir ou de destruir uma cultura.

Será pela educação do amor, por sua preservação e o seu cuidado constante que poderemos, numa forma simples, evitar o pior para nós mesmos, vigilantes da nossa fragilidade humana. Como artistas ou artesãos

criaremos a vida como a arte do possível. Incluídos no meio ambiente e valendo tanto ou mais do que as árvores e os bichos.

Pelas descrições até aqui encaminhadas, torna-se importante para os seres humanos que se crie o conceito de Ecologia Social que seria a inserção de valores que inclui o Ser Humano num mundo com direitos de ter conquistas e comemorações, lutos e perdas. É a retomada dos valores que permite a recuperação do direito de ter o que perder. Uma condição em que o indivíduo chorará com o mesmo direito de rir, fazendo com que se respeite às diferenças, aceitem-se os equívocos e tenha-se a determinação para flexibilizarem-se as mudanças. É uma condição em que, por compreender a fragilidade humana, aquele que se conscientize terá riscos calculados e aspirará ao que está a seu alcance. Em suas disputas, poderá aceitar que todos ganhem, e em suas intimidades transbordará a delicadeza para os mais íntimos, guardando suas grosserias para aqueles que as mereçam dentro e fora de sua casa. Desconfiará dos que mereçam desconfianças, porém fará projetos de vida, e não de evitação à vida. A ecologia social proporá que vivam de menos, porque estarão menos obrigados aos atos (tem que), e suas vivências serão suas experiências. Serão revalorizados os silêncios e os atos passarão a valer apenas como atos e neles estarão encerradas regras para serem cumpridas. Jogarão sem mudar as regras no meio do jogo e então a ética voltará a dirigir a existência social, e as dores humanas farão parte da esperança e da experiência. A ecologia social revigorará a Ética que deixará de ser uma regra flexível à conveniência de quem negocia com a alma e o direito.

## **DAS REALIDADES**

## **EXISTE ALGUM ANTIDOTO CONTRA O VENENO DA ESCRAVIDÃO?**

Humanização é o conjunto de pequenas vivências. Algumas transmitidas por palavras e outras por comunicações pré-verbais. Através de nossos gestos dizemos muito mais que com palavras porque as palavras servem para mentir, é mais difícil mentir com nosso rosto, olhos e expressões corporais. Assim que nosso conhecimento vale muito desde que coerente com nossa postura. Melhor será sempre que exista coerência entre o que se faz e o que se fala. A formação para cuidados éticos, somados a uma preparação técnica fará dos profissionais pessoas aptas ao exercício do encontro humano. As universidades preparam cada vez mais e melhor para o uso das técnicas, mas deixam muito a desejar quanto à preparação para os cuidados com o outro. As relações humanas dentro dos trabalhos e o modo como convivem denunciam injustiças omitidas, pressões, abusos de poder, maus humores, humilhações, torturas, desemprego por fofocas. Tudo isso somado aos embargos impostos e ao elevado custo do Estado que todos sustentamos, me permite afirmar que os Seres Humanos são o Setor menos bem sucedido da Sociedade. Devemos criar uma consciência que atue como resistência a esse modelo para que sejam criados programas para os humanos onde eles compreendam a importância de formarem-se redes de solidariedade, de intercâmbio e de consciência grupal. Fazer-se uma educação baseada em valores onde se olhe menos ao redor e se busque ver a realidade. Desenvolveu-se a corrida espacial, agora sabemos quase tudo dos oceanos, porém sabemos cada vez menos dos humanos. Já se desenvolveram as máquinas para pesquisar grandes profundidades porém ainda deixamos para os poetas e para os literatos o aprofundamento do conhecimento das humanidades.

Por acreditar na necessidade do ser humano seguir sendo humano penso que muito haverá de ser feito. Entendo que o mundo sofre transformações enormes porém qualitativamente, as demandas básicas dos humanos seguem sendo as mesmas. Desde esta perspectiva, a educação merece uma revisão conceitual muito mais profundamente humana que

aquelas que estamos buscando. Os humanos deverão recuperar a humildade e dar um passo gigantesco no sentido de preencher o grande vazio deixado nos últimos séculos. Há que resistir. Desenvolveu-se e ampliou-se o conhecimento e esquecemos de seguir cuidando da humanidade presente nas relações quotidianas. Estas relações sofreram cortes profundos, basta olharmos para a solidão que acompanha um número cada vez maior de pessoas. Qualquer grupo humano sabe como é importante a convivência. É nela que se constroem os grandes amores e as grandes confusões. A expectativa de cuidados com os humanos fará com que a formação dos profissionais retome o caminho da universalização do conhecimento e dos convívios para atender a demanda crescente dos humanos ávidos de satisfações mais a seu alcance. Será necessário desenvolver um conceito científico do Amor. Porque é ele que permite a Humanidade preservar-se, permite a reconstrução, mais nascimentos que abortos, permite a restauração e a preservação da saúde. É o Amor que dá a Esperança, o Elogio da Amizade, o Encontro Trivial dos Amigos, o gozo dos Amantes. Em cada um destes encontros ele está sempre presente. O Amor convida a seguir vivendo apesar das adversidades, dos desencontros, das fofocas e das guerras.

Basta caminhar pelas ruas de qualquer cidade vemos como vivem seus habitantes. Uma olhada permite diagnosticar que no Brasil, o que mais prolifera em qualquer cidade são *bancos, bares e farmácias*. Isso torna inegável que proliferou uma cultura alcoólica, doente e dirigida pelos donos do mundo (bancos, drogas lícitas e laboratórios). Somos todos reféns. O Banco “guarda” o dinheiro, nos anestesia com álcool e com tranqüilizantes para acreditarmos que eles são bons, honestos e fieis guardadores de nossos bens. Não podemos deixar de considerar que de alguma forma, por omissão ou por crença exagerada no efeito mágico dos medicamentos, estamos colaborando para adoecer a população intoxicando-a com medicações desnecessárias. Toda a existência ocidental esta medicalizada, comer, amar, divertir, brigar, viajar, tudo está sob controle médico e tudo é receitado todo o tempo.

A noção de ética implica sempre a de *virtude*. A exaltação de indicadores para a humanização significa cuidar e ensinar: a *polidez*, a *fidelidade*, a *prudência*, a *temperança*, a *coragem*, a *justiça*, a *generosidade*,

a *compaixão*, a *misericórdia*, a *gratidão*, a *humildade*, a *simplicidade*, a *tolerância*, a *pureza*, a *doçura*, a *boa-fé*, e o *humor* e o *amor*.

A espera da esperança é cheia de crenças desde dentro para fora, enquanto que a espera da ilusão está composta de um fazer-se nada, esperando que algo suceda de fora para dentro. Penso que não será por ufanismo ingênuo, tampouco por algum interesse desprovido de projetos que dedicaremos uma maior investigação acerca do ser humano. Será muito mais pela necessidade de uma educação coletiva, qualificando nosso desenvolvimento para aproveitar melhor as máquinas, assim como fazer cultura através das relações humanas. Será uma luta para recuperar o tempo perdido, um esforço para atender aos sobreviventes, os que enfrentam o desemprego, o vazio e a depressão crescentes como conseqüência do uso de sistemas macro que não atendem as necessidades globais das pessoas. A força e a vontade popular são porta-vozes de uma urgência de reconhecimento das situações dramáticas em que os grupos demissionários da vida estão, se encontram como se tivessem perdido seu endereço no mundo. Vivem constantemente de situações traumáticas, sob crises, tentando superá-las constantemente. A fatalidade imposta pela miséria social deixa uma realidade difícil de ser incorporada pelo ser humano. Muitas são as vezes, que em sociedades como as nossas, o indicador econômico quantifica gentes e níveis, assim os acadêmicos se esquecem das humanidades não mensuráveis pelo dinheiro. Na miséria, os indicadores são precisos, dramaticamente avaliados pelos números, entretanto, muita gente está vivendo na linha um pouco superior a da miséria, são grupos de gentes mal remuneradas, que habitam casas multifamiliares, ou solidariamente reunindo muitos salários que se somam para alcançar níveis de sobrevivência. Estas formas gregárias de conviver, ou melhor dito, coabitar, geralmente são conhecidas em todos países e se constituem na maioria das casas. Nestes grupos se gera a *solidariedade*, a *integração* e a *coesão como espaço de esperança*. E é somente nesta condição que o homem passa a ser considerado como um todo, - um sistema de órgãos e de funções dotado de instintos e inteligência. É histórico e genético, como cidadão é ator de sua historia porque tem identidade, é pessoa porque tem consciência e capacidade de indignar-se e quando inserido no meio instrumentaliza o social.

*Sem a esperança não há projeto futuro e sem futuro não há porque lutar-se.*

Desta forma observamos em qualquer grupo social a desistência de muitas pessoas em consequência da depressão própria dos “sem saída”. Aqueles que consideram a vida uma porcaria saem em busca de provas, todos os elementos da vida cotidiana que não sejam úteis para o processo de provas para a sinestrose ficam descartados por ser considerados de menor valor. Em contrapartida a resistência e a não desistência se observa nas marchas de silêncio e a denuncia coletiva (fenômenos observados na Argentina 2002), na intifada quando o povo palestino protesta e se nega a aceitar a invasão e a fragmentação territorial e institucional que sofre de forma humilhante todos os dias desde 1948. São novidades nesse mundo em que a ideologia se vendeu ao dinheiro, em que o saber se vendeu ao dinheiro, em que a alma se vendeu ao dinheiro.

É sabido que o ser humano nunca produziu na abundância, nesta condição sempre desfrutou das conquistas. É na carência que se desperta nele a necessidade da criação. A genialidade das populações desassistidas as torna criativas nas formas de sobrevivência, porém nenhuma delas alcançará seu objetivo de criar condiciones mínimas para a vida se não estiver presente o *instinto gregário*. É sabido que o instinto de conservação é o responsável pela perpetuação da espécie, porém nem sempre consideramos que ele seja o principal elemento da integração que possibilita uma “forte ligação com a vida”. A integração é mais que um espaço, é um processo que culmina na formação de agrupamentos humanos como os que vemos nas tarefas coletivas com interesse comum.

A reafirmação dos valores locais são a única fonte de resistência possível contra o vírus da globalização. Na Antigüidade houve um tempo em que o produto da agricultura valia tudo, depois o valor maior se deslocou àquele que o armazenava. Este senhor todo poderoso tinha o alimento entre as colheitas. Hoje esse senhor compra consciências, corrompe governos, compra os pequenos, invadindo o planeta com propaganda enganosa, bombardeios preventivos e outras formas de domínio alienante.

Os desassistidos sonham quimeras, porque a vida cotidiana está feita de dores e de descansos, de guerras e armistícios, de “leões” a serem mortos e de naturezas pacíficas como flores, lagoas e orgasmos desejados. Como menestrel fora de época o *cantautor* pede que se lhe ponha cordas

no violão para poder cantar, fazer versos. Repousando como guerreiro aguarda o descanso e as vezes se faz poeta imaginário. Ele se satisfaz cantando um tango e se imaginando um Gardel ou esperando, vestida de mulher, a carícia e a ternura do reconhecimento, aguardando adornos e espaço para suas potencias. E todos numa mesma vida aguardando respostas sem olhar às perguntas, olhando a volta sem olhar para si mesmos e para os outros.

A preocupação ao redor de melhorar a qualidade de vida dos humanos costuma encontrar resistências na pior das poluições, a *poluição da alma*. A maior parte das pessoas não sabe dos potenciais que tem, e o pior é que vão morrer sem sabê-lo.

Grosh disse que: ajudar a nossos filhos não é ensinar-lhes as nossas verdades, senão que, ajudá-los a que cresçam sem nossas mentiras.

Destaco a competência dos humanos na superação das tragédias, na capacidade de sobrevivencia que supera a tentação à destruição, pelo menos até agora. A *simplicidade*, a *solidariedade*, a *fraternidade* e a *capacidade de assombro*, formam os quatro cavalheiros da *esperança*. São estas formas de viver, que fazem do ser humano um sujeito social capaz de convívios coletivos. O cotidiano é constituído destas ações não proibidas de aparentes pequenos atos e sentimentos comuns. Este conjunto compõe algo forte, fundamental para a existência e a permanência do Amor. É a confirmação de que somos seres gregários.

Conta a historia dos pioneiros, que numa expedição a interior do Brasil, o jesuíta, Padre Anchieta levava índios consigo para fazer a catequese. Ao despertá-los para mais uma jornada, eles se opuseram a seguir adiante. Indagados pelo jesuíta acerca de sua negativa eles disseram que haviam se deslocado rápido demais e que suas almas ainda não haviam tido tempo de chegar, que seria necessário esperar que chegassem, somente assim poderiam seguir adiante. Creio que como estes índios, surpreendidos pelos novos códigos do invasor, pela imposição de uma nova cultura, neste momento contrastante, de evolução tecnológica-involução da espécie, com inúmeras descobertas alcançadas em um curto espaço de tempo, com a velocidade dos acontecimentos atropelando os tempos humanos de absorção e de elaboração das experiências, não está sendo



possível atualizar novas inclusões sem excluir nossos valores e nossas almas do processo do viver.

O poeta Aldir Blanc, disse que: “a dor é um lugar onde o prazer se sentou para descansar”. A abertura de novos estímulos será o elo de ligação com a vida como espaço de esperança. Assim poderemos ajudar aqueles que perderam seus sonhos De acordo con Lewkowicz: “Por isso o encontro não pode ser um momento de encontro mas um processo permanente de encontrar-se”.

## **PROFESSORES ARROGANTES E INDIFERENTES**

*O fascismo não é impedir de dizer, senão obrigar a dizer.  
Roland Barthes*

A convivência nos centros de ensino parece, hoje me dia, ser um problema universal. O fato de que se impõe a escola às crianças e jovens em todas as partes do mundo é um ato indiscutível, porém não autoriza o abuso da paciência e da tolerância daqueles a quem se impõe dita regra. Entretanto, se siga obrigando a assistência à escola formal às crianças e jovens, sem nenhuma crítica ao atual sistema, e sem aplicar um sentido crítico ao ensino, se continuará fazendo-os crer que a escola é uma fonte permanente e eterna de felicidade que garante o bem estar. Oferecem o centro de ensino às crianças e jovens como paraíso no qual se pode viver num estado de nirvana e como um meio e fim onde se alcança o êxito, o

reconhecimento público, sem esta assistência, não há nada, nem se tem futuro.

A verdade é diferente, a escola é um espaço que oferece um vasto campo de poder social aos professores e nenhum aos alunos. Ao sistema, geralmente pouco lhe importa a individualidade dos alunos, e sem respeito algum os obriga a muitos anos de silêncio forçado e com ele forçando a imobilidade. Essa forma desumana e inadequada de educar, se converte em uma máquina produtora de insatisfações, em quase todos aqueles que são submetidos ao processo, exceção feita àqueles, a minoria que gosta do sistema e do ambiente escolar pese seus limitantes e limitações; alguns dos conformes, tão somente o são porque em sua casa existe um ambiente pobre, violento e muitas vezes recebem um tratamento muito pior. Os estudantes rara vez encontram ambientes donde professores e colegas os respeitam, os escutam e se escutam e todos se prestam atenção.

Esse modo de relação humana prossegue por toda a vida acadêmica, desde o começo da vida escolar até a Universidade, e o pior é que sem crítica e críticos. O pior é que, os alunos que se identificam com tal modelo serão mais tarde os futuros professores arrogantes, já que introjetado o modelo da desigualdade e da diferença abismal de níveis entre professores e alunos como natural. Cabe dizer que a arrogância não é monopólio de ninguém, qualquer um poderá chegar a sê-lo ocasionalmente, o ruim é converter-se em arrogante de maneira permanente se assim o deseja e o meio se o permite e o tolera.

A definição de uma relação platônica pressupõe que alguém encontra através do outro a possibilidade de achar nele um Deus. Os professores arrogantes sempre estão por cima do outro, e em certas ocasiões, até de Deus; não querem reconhecer a ninguém, somente aceitam a sua própria imagem. O mundo é, para eles, um grande espelho onde só tem reflexo e cabem eles mesmos, os outros, para eles existem e somente na medida em que lhes funcionam como espelhos onde eles se contemplam e ajudem assim a acrescentar suas enaltecidas e frívolas imagens. Assim os professores além de não escutar, tampouco vêem.

Os alunos de professores arrogantes em geral não têm problemas com eles, alguns até costumam passá-la bem, porque logo aprendem como agradá-los estimulando seu narcisismo. Vivem dizendo-lhes aos professores

aquilo que eles querem ouvir. Trata-se de uma armadilha involuntária na que encontram seu castigo; não poder renovar-se. Assim, os professores arrogantes ficam condenados a não saber nada mais do pouco ou muito que já sabem, se empombam e ninguém os vê interessantes. Isto eu considero como uma acertada vingança dos alunos, disfarçada de benevolência.

Como um artista, o professor arrogante busca aplausos como estrela central do espetáculo. Fala muito, sempre fala porque tem a necessidade de ser reconhecido e aparecer. Sente-se uma estrela e lhe oferecem platéia. Não deixa ninguém falar para evitar concorrência, sua proposta educativa é conduzir os mais jovens, porque são os mais ingênuos e é assim que os conduz por caminhos ideológicos que lhe interessam, sem se importar com as expectativas dos demais, suas necessidades, o que pensam ou sentem. O que esse professor arrogante não sabe é que com sua atitude ele está a serviço de uma educação alienante, não pensante, senão que cheia de preconceitos que manipulam aos futuros profissionais, os conduz a deformar sua capacidade de construir opiniões. Estas defendem diretamente os interesses daqueles que são os donos e senhores das universidades, sejam privadas ou públicas.

Nas suas avaliações, o professor arrogante somente lhe interessa encontrar suas palavras, repetidas de uma maneira persistente, por obediência incontestável, porque no fundo não crê e não aceita a diversidade cultural. Sua Bíblia prega a homogeneidade, ressaltando o que ele pensa ser a verdade única, ele obriga, controla, avalia e aprova ou desaprova. Se apropria de todos os poderes porque não suporta dividir. Exerce sobre os alunos a filosofia popular brasileira: “na luta entre o mar e as pedras quem se ferra é o siri”. Ou seja que entre a luta do professor arrogante e o sistema, quem se dá mal é o aluno.

Como um pregador, fala no deserto, porque os estudantes são submissos, porém não são tolos, em geral; alguns lhe seguem os passos, e com eles se consolar de múltiplas carências familiares e sociais. Outros, esvaziam suas mentes porque não escutam suas palavras. Outros as ouvem porém elas abrem as portas da censura e fecham os ouvidos por que as consideram uma estupidez e saem por algum lugar em direção ao esquecimento.

Muito do lixo intelectual pretensiosamente dado na universidade que forma para a alienação, fica com um fator de desumanização na experiência dos estudantes; alguns, afortunadamente analisam desde o ponto de vista ético isto e de acordo a sua análise o manejam, aceitam ou se desfazem. Quando isso ocorre por uma exigência da prática da vida profissional, vê-se que ali não se sustenta quase nada do transmitido que possa apoiar ações humanas. Não está na miséria do oprimido, nas lágrimas do triste, na esperança dos crentes, em algum lugar do sonho privado. A esses lugares, nem o professor arrogante nem o aluno alienado chegam, nem nunca chegarão, porque as *Marias* e os *Josés* não entendem suas linguagens nem suas necessidades de homenagens.

Esses professores usam roupa engomada, cheiram a odores não pessoais, não olham nos olhos de ninguém, caminham sozinhos pelos corredores, evitam grupos e *gente comum* porque se pensam superiores. Usam relógio de marca, mas não vêem o tempo passar. Vestem roupa e não sabem que o rei está nu.

Pertencem a pequenos grupos de iguais que se homenageiam entre si, tentando sustentar uma titulação que poucos merecem como valor adquirido. Desconhecem a generosidade porque se fizeram desde cedo egoístas, confundem campanhas com aplausos e pensam que as pessoas só existem para servi-los; parece haver sido educados por escolas e universidades que nunca lhes ensinaram que *existimos em função do outro*. Nunca aprenderam que por trás de um docente ou aluno há uma família e que há gente sofrida e carente de cuidados e reconhecimentos. Oferecem esmolas por exibicionismo, para mostrar aos demais que têm o que lhes falta. Dão o dinheiro da mesma forma como oferecem informações.

Jamais saberão que nunca serão sábios, porque lhes falta alcance para processar a informação para transformá-la em conhecimento e muito menos processam o conhecimento para transformá-lo em sabedoria, nunca se darão contas de oferecer o espaço da aprendizagem para a experimentação da liberdade de pensar, porque gostam de ver as pessoas que os escutam com um olhar de temor esperando sua aprovação.

Sabemos quem são eles. Sabemos que depois das aulas são fofoqueiros, cobiçam, são invejosos esperando a hora de vingar-se pela ausência de alguém, ou porque algum outro não os escutou com a atenção que acreditavam merecer, ou porque não entendeu sua explicação.

Os arrogantes poucas vezes crescem por mérito; quase sempre sobem pelo pouco caso da instituição, que não cuida do fundamental, instituições nas que outros arrogantes governam, sempre ocupados pelas aparências da instituição, e onde a opinião dos alunos pouco importa muito pouco à direção. Esse tipo de professor não está na escola para ensinar, motivar a aprender, ensinar a pensar, estão inseridos no sistema somente para excluir, proteger as “verdades da instituição” e até o poder das elites interessadas em menosprezar os outros, o resto, esse tipo de gente sem ambições desmedidas que vivem de coisas não proibidas sem esperar muito do mundo. Desta forma, os arrogantes se transformam em mensageiros da desesperança. Não são anjos, como se mostram; são agentes disfarçados de *ensinadores* do nada, nem mesmo são porta-vozes da ilusão, porque lhes falta humanidade para manter os sonhos dos que lhes freqüentam as aulas.

Como nos lugares onde se impõe a trapaça não há lugar para a honra, muitos dos que estão ali fingem aprender, enquanto que o títere que ocupa o lugar da frente finge ensinar. Unem, dessa forma o inútil ao desagradável. O pior é que tudo isso se dá em um palco onde se deveriam preparar pessoas para cuidar de pessoas, ou para fazer casas para pessoas, ou para fazer comida para pessoas, ou para ensinar pessoas. Aqueles que ali freqüentam, por não terem referenciais em que confiar, fazem pouco caso da formação universitária e dão pouco valor ao tempo perdido em coisas que exibem uma indiferença com todos os ali que estão. Esses professores são os grandes contribuintes ao desinteresse dos alunos pelo estudo, e tornam inútil o ensino da prática apoiada na ética.

Os professores usam a arrogância e a soberba sobre os demais como prova concreta de sua superioridade sobre os outros. Jamais dizem “não sei” e costumam perguntar o que o outro não sabe. Suas perguntas são ambíguas, deixando lugar a muitas respostas. Caso pusessem alguma frase no vidro do seu carro, seria algo do tipo: “Não sou o dono do mundo, porém sou um dos seus filhos prediletos” por sentirem-se herdeiros de Deus podem dizer qualquer coisa, não respeitam a lei porque se sentem acima dela, pensam que todos estão a sua disposição e que lhes presta um favor oferecendo algumas horas do seu tempo.

Os arrogantes são pessoas que não conseguem controlar a verdade, ainda que a maioria padece dessa grande tentação.

Nunca vêem realmente a seus alunos, em ocasiões os escutam pela metade seus planos, porém não os reconhece. Eles, em cada oportunidade que tem que atuar no ensino, se afastam da realidade, não se referindo as pessoas como seres reais, nem às verdades que interessam a todos. Fazem descrições desumanizadas onde tudo parece estar representado num teatro de marionetes, por isso os alunos os escutam como espectadores de um teatro; os alunos deste tipo de professor, trazem à aula seus corpos, porém seu espírito, sua alma, seu entendimento fica em outro lugar, possivelmente naqueles lugares onde os sonhos, as ilusões e esperanças estão ou possam hipoteticamente estar realizando-se. O que parece desprezo nos alunos não é mais do que desinteresse, os alunos que são inteligentes guardam sua capacidade de escutar para ambientes mais interessantes. Depois que os alunos percebem que a esse tipo de professor não lhe interessa seus conceitos e formas de expressar-se não valorizam os resultados porque a opinião dos alunos para eles não existe. O desprezo resulta na falta de contato.

Uns fingem que escutam e outros fingem que se relacionam; porém sabemos que o conjunto nada ou pouco serve, pois esse sistema de pôr muita gente junta para aprender ao mesmo tempo um tema que não interessa a ninguém, não funciona, provoca dissidências, não porque o conteúdo seja pouco importante senão pela forma equivocada e aborrecida como se transmite.

Devemos considerar que existem dois personagens opostos e ambos aborrecidos: o professor *arrogante* e o professor *indiferente*, ambos altamente perniciosos. Enquanto o primeiro crê ser uma pessoa inquestionável e merecedora de toda consideração e reconhecimento, ainda que se mostre inacessível aos jovens e despreze profundamente seus discípulos, seu saber humano e sua cultura geracional.

O professor indiferente não tem entusiasmo e o interesse para despertar em seus educandos consciência do significado de sua matéria, e permitir que seus alunos façam da sala de aula um lugar de construção do conhecimento e conviver e de vivenciar o fruto do conhecimento, seu lema é: *não vale a pena fazer nada por ninguém*.

A indiferença, ao contrário do par antitético amor-ódio, é o nada. É a ausência de expressão. É a máscara fria que nada diz nos lugares em que

era para muito dizer. Aquele que demanda cuidados ou é avaliado –reconhecido- apoia-se na expressão facial ou no olhar de quem avalia; busca ali indícios de opinião ou sentença. O indiferente não diz nada, esvazia qualquer sonho ou expectativa, cala palavras e emudece declarações. O indiferente esvazia espaços e pessoas. Nos dá a impressão de encher vasilhas sem fundo, fazendo-nos desconcertados por faltar peças para montar algum quebra-cabeça.

O indiferente tira o valor de qualquer conhecimento, estimula os alunos a copiar o artigo, deixando de ler o livro porque faz crer que nada se aprende, lendo. Assim esvaziando a leitura dos livros, estimula os alunos a serem inimigos da leitura e do conhecimento. Poucos jovens que ainda crêem e freqüentam as salas de aula, lêem livros durante o curso, e tampouco depois. Há de se avisar aos jovens, que se esses professores nomeiam os livros, é para impressioná-los porque dificilmente eles leram seus conteúdos. A sabedoria não lhes tocou a alma e seus olhos selecionaram o descartável do texto. Essas pessoas são aquelas que separam o urgente do importante e vivem de imediatismos passageiros. Descartam os livros como descartam pessoas.

Mas não podemos deixar de considerar que muitos indiferentes começaram no magistério cheios de sonhos, mortos no percurso de suas jornadas, alguns perderam o direito de sonhar frente à realidade do sistema; outros, por razões psicológicas e/ou sociais. Muitos, pela falta de condições mínimas para o trabalho, desde as edificações incômodas e inapropriadas, os baixos salários, a falta de apoio, a não valorização pessoal, a inexistência de uma verdadeira atualização do processo de ensino capaz de vitalizar e renovar ao professor, a inconsistência das novas orientações e propostas educativas que surgem a cada novo governo. Ou seja, a descontinuidade nas políticas educacionais. Todos estes são fatores de uma força destrutiva que mata sonhos e a sonhadores e torna impotentes reais a muita gente dedicada nas aulas a tarefa de ensinar e motivar a ser, este conjunto de fatores mata sua vocação. A indiferença é a única resposta afetiva dos impotentes frente ao sistema. Diferenciamos então a indiferença como consequência da indiferença como característica da personalidade do professor.

O conhecimento que acompanha a humanidade não é transitório; é permanente e faz a história. Ele mantém a tradição e a escrita como formas de testemunho e valor a serem preservados.

O professor indiferente, diferentemente do arrogante, pode ser o que resta do sonhador que desistiu de tanto sonhar. Pode ser aquele que se cansou de andar na contramão do sistema. Suas mensagens e conteúdos não contêm absolutamente nenhum significado e por isso não aportam nada ao conhecimento de quem são seus alunos. Pelo contrário, somente quando se considera a importância da função que as relações humanas têm para o desenvolvimento dos objetivos da educação, é que optamos por considerá-las acima dos métodos, técnicas e tecnologias.

Os dirigentes do sistema parecem desatentos quanto a prover as escolas e as universidades com profissionais que tenham o mesmo interesse e capacidade para promover um alto nível de aprendizagem, e também conscientes de que são modelos para seus alunos. Não torna a educação um processo continuado para professores e alunos. Não se prepara para entender e atender o enorme campo de vicissitudes que derivam não somente do processo de ensino/aprendizagem, mas também da interação entre professores e alunos; por isso não são capazes de perceber e entender o processo de evolução, assim como o de involução que se dá tanto em alunos como professores a nível pessoal.

Estaremos então formando pessoas aptas para atender às pessoas? Esperamos que sim. Ainda que saibamos que não, pois as capacidades e as virtudes não se desenvolvem naturalmente. Necessitam ser construídas na formação da personalidade de cada um. A iniciativa ingênua cria uma mentalidade na contramão dos resultados. Além da formação estática que se dá aos mestres e professores, não se lhes capacita para entender e ter conhecimento dos seres humanos com os quais vão conviver. Os professores são utilizados com um propósito pouco útil para as demandas da população e do sistema que implantado, pois consideramos que a maior parte dos profissionais da educação são usados pelos proprietários do sistema de educação privada e pública, que os usam como sub-empregados, sem nenhuma consciência política do uso que se lhes faz como substitutos da família. Sendo que mais que nunca a família delega à escola a educação dos filhos. Os professores acabam como



defensores de uma servidão voluntária, sem nenhuma contrapartida que, em geral, significa uma submissão e um servilismo nas ações e nos salários. Esta é a fonte mais comumente encontrada entre os professores indiferentes que exercem e praticam a educação. Todos sabemos que os detentores deste poder são os donos da educação, Estes mesmos estão metidos na educação pública e são os que detêm o poder de nomear pessoas que lhes interessa para os cargos públicos.

Inibidos, cooptados e alienados, a maior parte dos mestres e professores submetem-se a formas desumanas de trabalho, e alguns acabam servindo de “protetores” de seus patrões.

Claro está, que o sistema de educação como é exercido no ocidente permite um sem número de alfabetizados, que minimamente sabem escrever seus nomes e ler com consciência crítica, responder adequadamente à postura das próprias escolas e universidades que os formaram.

O resultado aí está: um imenso número de seres humanos despreparados para pensar e ter uma crítica acerca do que lhe fazem ou produzem. Por isso, sabemos que a maior parte das escolas e universidades, investida da arrogância ou da indiferença de seus dirigentes ou professores, pensa saber muito mais do que sabe. A maioria das escolas e universidades faz do conhecimento um poder excludente. Conhece mais os preconceitos. A educação é muito mais que ensinar símbolos fora da realidade de quem os recebe passivamente.

Aos que ensinam com indiferença, pouco lhes importa o cotidiano e os verdadeiros valores das pessoas a quem ensinam. Nada sabem das histórias pessoais porque é próprio da massificação do ensino o desinteresse pela realidade da pessoa. As escolas e as universidades cada vez mais ensinam o universal, tal qual pretende ser seu nome, ao contrário, é cada vez mais especializada, preconceituosa e elitista.

De um modo geral, as relações humanas nos ambientes de trabalho e o modo como nele se convive denunciam injustiças omitidas, pressões, abusos de poder, mau humor, humilhações, torturas morais, demissões por fofocas, assim como uma competição sem ética. Tudo isso somado aos embargos impostos e ao elevado custo do Estado que todos sustentamos, me permite afirmar que a formação e a manutenção da qualidade de vida

dos seres humanos seja o setor menos cuidado e valorizado na sociedade contemporânea.

Os professores, muitas vezes são, vítimas, além de vitimários do sistema. Poucos são os profissionais de educação que cuidam do ser humano, a exigência é a do dever cumprido, baseado em uma educação continuada, e uma educação e assistência humanizada; até que a conscientização dos profissionais traga uma revalorização do humano, que necessita cada vez mais ser compreendido pela alma. Urge a retomada dos valores fundamentais, como as necessidades transformadas em virtudes, tornando as relações humanas mais sinceras, mais humanas e mais justas. É preciso mais contatos, mais escutas, usar muito os olhos. Olhos que vêem, ouvidos que escutam, para dar um novo sentido à educação, ao educador e ao educando.

A arrogância e a indiferença se inserem no capítulo das agressões dentro da escola e da sala de aula entretanto sua complexidade exigiria uma serie de estudos tantos quanto sejam necessários para explicar os significados que tem e fazem tão complexas as relações humanas. Entretanto, devemos considerar que quase nunca se constitui num grupo de trabalho homogêneo. Quando os interesses de alunos e professores coincidem temos uma relação harmônica. Quando discordam, temos uma relação de interesses diferentes. Assim, quando existe conflito entre eles é porque não há harmonia nem respeito pelas diferenças. Nesse caso, ninguém tem razão, todos se enganam e se maltratam. Raramente os professores são preparados para administrar a adversidade e raramente a direção da escola está preparada para entender e atender os conflitos, preveni-los e evitá-los. Encontra-se problemas em todas as relações e entre todas as hierarquias porque os conflitos que se formam são deixados a própria sorte e evolução, deixados a merce de ingênuas idéias de que a modificação se faz espontaneamente. Muitas vezes os problemas evoluem durante anos, até que se tome alguma providencia. Os silêncios ou as omissões, são as formas de manejo mais contraditórias frente às adversidades.

Todos sabemos que o que queremos ou esperamos na convivência entre as pessoas dedicadas ao cuidado e convivência em um sistema escolar independentemente das profissões e das especialidades e isso é

que: exista uma disponibilidade para *Identificar-se com a Dor e a demanda do Outro*.

Enquanto não existirem máquinas com uma leitura interpretativa da alma, o ser humano será insubstituível na interpretação da cada uma de suas demandas. Revalorizada a presença humana na atenção e cuidado da relação entre professores e alunos, recuperaremos a máxima de que: a máquina tem memória, enquanto que o ser humano tem lembranças.

Obviamente, ninguém fica arrogante ou indiferente porque é professor, exceção feita àqueles a quem os títulos lhes sobe a cabeça, porém, na maioria dos casos, os arrogantes o são historicamente, desde criança ou jovem. Eles são o resultado de uma construção que transcende aquela dedicada à função de professor; o são por convicção. São aqueles que perderam a humildade que é filha da ternura e da humanidade, e que por falta de vacina contra o orgulho se contagiaram com a vaidade, que é quem cobiça a soberba. Sentem-se superiores porque pensam saber mais, se crêem filhos de exceção de nobreza, como se fossem descendentes de um “povo escolhido”, pouco sabem da vida, porque quase não olham ao redor, e pensam que os outros existem para servi-los; por isso os tratam como inferiores.

A formação em serie do modelo da industrialização é equivocadamente repetida a cada ano. Faz muito tempo, adotado pela escola formal, é equivocado e responsável por um dos maiores fracassos que se conhece. Na América Latina, apenas 1% dos alunos que ingressa na escola chega à Universidade. Assim, vemos que um sistema que aproveita 1% da totalidade dos que nele ingressam não cumpre minimamente com seus objetivos. Aquele que defende esse sistema, em general não gosta dos alunos ou tem muito lucro financeiro.

A simpatia, a simplicidade e a generosidade são virtudes fundamentais em qualquer lugar onde estejam presentes as relações entre os humanos. Estas qualidades não se desenvolvem entre professores arrogantes ou indiferentes e alunos insatisfeitos. A universidade que qualifica seus alunos por quantificação e por bom comportamento forma maus cidadãos. As escolas e universidades que mantêm professores incompetentes para a convivência com os alunos escondem outros interesses que não os de ensinar. Todos sabemos que essas tarefas somente se desenvolvem em um ambiente de liberdade, onde os conteúdos

devem ser transmitidos de uma forma na qual a delicadeza, a autêntica amabilidade e o respeito mútuo existam. A convivência democrática não tolera os prepotentes, os arrogantes e aos ignorantes.

## O DEVER DE CASA

*Existe um principio jurídico fundamental que diz que se demonstramos que se está cometendo algum mal, não estamos obrigados a dizer o que se deveria fazer em seu lugar para poder insistir em que se impeça.*

John Holt

Qualquer adulto obrigado a conviver com quem não escolhe, obrigado a relacionar-se social e laboriosamente com pessoas que ocupam o mesmo espaço, cumprindo uma tarefa que não sabe com que fim a realiza, certamente apresentará alguma reação emocional que demonstre insatisfação ou, pelo menos desagrado. Além desse convívio sem escolha, imaginem se este mesmo adulto é liderado por alguém mal humorado que descarrega suas frustrações nele e, ainda por cima, constantemente o avalia em suas atividades com poder de demissão ou promoção. Imaginem se tal condição se mantém ao longo de um dia, uma semana, um ano e que, ao fim de determinado tempo de convívio com tais características, se chega na casa depois das atividades tendo de se ocupar com mais tarefas

relacionadas com o mesmo trabalho, todos os dias, durante anos, ocupando uma ou até duas horas do tempo livre, interferindo na diversão, no descanso, no convívio com as pessoas da família. Inevitavelmente, este adulto acabaria brigando com o trabalho, com a família ou com o mundo.

Isso ocorre com as crianças e os adolescentes quando obrigados às tarefas da escola que se intromete com o julgamento constante em relação a sua conduta, a sua lisura e a sua ética. Eles são julgados como pessoas. Constantemente criticadas por qualquer deslize em seus procedimentos, inadvertidos por qualquer bobagem, humilhados quando não tiram a nota esperada, quando não fazem o dever de casa que se intromete nos seus horários de lazer eles ouvem críticas depreciativas que pouco contribuem para a mudança de atitude ou à consciência da importância de sua inclusão no processo de aprendizagem.

De modo geral, as instituições passam por cima dos afetos, das emoções e dos sentimentos, atropelando o que de mais rico e importante o ser humano tem na sua vida, ou seja, um conjunto de representações que dão a cada pessoa uma visão do mundo em que vive através da senso-percepção, do valor de conhecimento próprio, da resposta que cada um tem aos estímulos internos e externos. Tudo isso vale nada para as instituições ou, quando vale, é para ser usado no sentido de induzir os jovens a pensarem da maneira como os adultos que compõem o sistema educativo formal que não querem que as crianças e os jovens pensem. *Ainda que a família e a escola se autoproclamam defensoras das crianças e dos jovens, isso só se confirma enquanto eles são obedientes passivos dos ideais dos adultos. Basta um jovem contestar a ordem ou a proposta de um adulto para sofrer descon siderações sequenciais e, às vezes, crônicas. Quando acontece alguma contestação, a escola manda "examinar" o jovem por algum especialista, que ainda lhe sugere uma nova tarefa; qual seja, a de tratar-se através dos sistemas de saúde, que estão quase sempre a serviço dum sistema autocrático. Ou pior, quando vigora a imposição do professor que unilateralmente acha ou afirma com convicção que essa ou aquela tarefa fará bem à criança ou ao jovem e que tem valor de utilidade na formação deste. As escolas trataram de proteger-se contratando psicólogos, assistentes sociais, psicopedagogos, com a intenção de convencimento unilateral de impor os interesses da escola e das famílias*

sem jamais escutar o aluno, o maior interessado e objeto ultimo de todo sistema escolar.

As condições adversas no exercício de qualquer atividade para qualquer pessoa exposta a estas condições promovem esgotamento ou decepção ao final de um determinado tempo de trabalho. Quem pensa o contrário merece nosso cuidado ou atenção por seu masoquismo. Cresce o número de professores, de famílias e de alunos insatisfeitos com o modelo e o sistema de transmissão de conhecimento vigente que não prepara ninguém para a vida e sobrecarrega com inutilidades. Muita insatisfação manifestada pelos professores transcende seus salários. Assim como muitas vezes o abandono escolar por parte dos alunos corresponde a desistências de conviver com o mundo que lhes é apresentado. Essas frustrações promovem ódios mútuos. Nessa escola quase ninguém é feliz e os grupos se tratam como rivais ou até mesmo como inimigos. É o que se vê, quando a violência alcança níveis manifestos nas condutas de agressões dentro da escola.

Os dirigentes ficam sensibilizados quando criticados pelos alunos, mas o que eles mais fazem com os alunos é criticá-los.

Não conheço algo mais educativo que o processo de educação processual e continuado. Porém, para ser considerado como tal, o modelo merece uma revisão constante por parte daqueles que o aplicam. Tomemos como exemplo as tarefas de casa: Alguma vez alguém considerou que elas interferem nas outras atividades dos jovens, igualmente importantes, como o lazer, seus interesses sociais, esportivos? Que interferem no convívio da família no horário em que as pessoas se reúnem em casa? Alguma vez os educadores pensaram que dificilmente algum jovem entende a razão de estímulo à leitura através desse tipo de tarefa desagradável e fora de hora que é o dever de casa?

Para voltar a ter credibilidade, a escola deve ser interativa, deve sofrer uma honesta e corajosa reformulação. Deve ouvir a professores e alunos, promovendo o respeito na medida em que use métodos que permitam as funções de troca, o saber de mão dupla, respeitando o conhecimento diferenciado. A aula no estilo atual precisa ser eliminada por ser obsoleta, por promover o confinamento. A pesquisa precisa ser valorizada. A pergunta valer mais do que a resposta, serem abolidas as quantificações. Ninguém em sã consciência pode aceitar mais que se avalie

o humano quantificando-o por números. A performance deve dar lugar ao desenvolvimento e ao aproveitamento das aptidões individuais. Os alunos também devem poder avaliar os professores. Em suma, é preciso privilegiar um convívio democrático mais suportável, abolindo o inútil e o desagradável. Criar condições para que as tarefas sejam agradáveis, lúdicas e sérias, aceitar o riso, a singularidade, a formação de tarefas grupais diferenciados, como na vida. Nada do aqui escrevo foge à realidade. A atual escola é uma ficção, para não dizer uma farsa, que inventa uma solidão perversa cheia de avaliações que nada dizem dos verdadeiros valores que sustentam os pilares da ética e da cidadania. Ao contrário promove uma solidão neurótica, uma assistência passiva e um poder unilateral. Jamais os alunos opinam sobre o material que lhes interessa, exceção feita a algum professor que toma a liberdade de permiti-lo. Mas quase sempre por concessão ou desconhecimento dos superiores. Ainda encontra-se o mito de que professores durões e carrascos são mais respeitados e ouvidos, em contrapartida aos professores bonzinhos, desrespeitados e desvalorizados. O professor durão quase não vê aluno nenhum, pois ele só enxerga o próprio umbigo, somente lhe interessa o que ele pensa, só sabe o nome de seu aluno quando este é obediente e servil, ou, no extremo oposto, quando toma alguém como alvo de sua ira e seu ódio, vingando-se de suas frustrações pessoais e particulares nos mais frágeis.

Quem acredita como possível ter bom desempenho e bom ânimo para freqüentar um local onde se tem a obrigação de estar todos os dias? Muitas são as ocasiões em que os alunos não querem estar na escola simplesmente porque não há disposição ou interesse para tal. Nem sempre a preocupação dos jovens se refere ao material escolar ou as tarefas relacionadas à escola. Os jovens, quando consultados, nos contam da multiplicidade de preocupações e interesses de ordem pessoal ou coletiva que os aflige. Eles têm problemas ou ocupações com a família, com os amores, com a diversão, com os amigos, com o esporte, com o próprio crescimento e vida social. Eles se queixam muito de uma pré-programação que obedece cegamente um ano inteiro de trabalho sem a inclusão das notícias e das realidades do mundo onde vivem. Raramente a escola se afasta do currículo para tratar da realidade do mundo. Por exemplo, quando da tragédia monumental do *tsunami*, na Ásia, vários foram os jovens

deprimidos e com postura de luto por aqueles que morreram barbaramente. Nas aulas dos dias seguintes à catástrofe, as escolas pouco ou nada dedicaram ao cuidado do estado psíquico dos alunos, nem para comentar ou aproveitar o fato. E no entanto, foi uma oportunidade para ensinar ou expressar às crianças e aos jovens a valorização dos cuidados com a vida, da exposição ao risco, de chorar a morte, de respeitar o luto, de solidarizar com os semelhantes, de fraternizar com os sobreviventes e mil outras humanidades decorrentes da tragédia. Ao contrário, o importante foi ensinar que  $2+2=4$  e que a obediência burra é gratificada com coisas que foram definidas que seriam ensinadas naquela data por alguém num escritório de alguma secretaria ou ministério distante a quilômetros dali, um ano antes. Recentemente, no Rio de Janeiro, houve uma chacina em que foram fuzilados 30 inocentes. Quase nada se falou oficialmente nas escolas sobre o fato, como se a violência fuzilasse 30 cidadãos todos os dias. Cidades que passaram por enchentes sérias, retomaram as suas aulas ensinando os conteúdos formais nas salas de aula exatamente onde haviam sido interrompidos antes da enchente; ou seja, a escola passou por cima da enchente. A vida real das pessoas não vale nada perto desse poder. O assunto somente foi tratado pelos alunos no recreio, antes e depois das aulas.

As fobias, a neurose de angústia, a depressão e outras neuroses comuns entre as crianças e os jovens são tratadas superficialmente ou desconsideradas, muito embora todos saibamos que seja um problema endêmico merece atenção especial por parte das famílias e das escolas. Entretanto, quase nada ou nada se faz nesse sentido, e, quando há preocupação, ela sempre é omitida porque somente se cuida de coisas como essas quando há urgência ou um susto. Nem mesmo os acidentes são considerados “avisos” de falta de saúde mental, nem mesmo as tentativas ou ameaças de suicídio são levadas a sério. É estarrecedor ver a quantidade de pessoas abandonadas à própria sorte depois de atendidas nas emergências quando tentam suicídio, o que significa dizer que ninguém se preocupa com o destino daquelas pessoas. Essa displicência abre caminho para uma próxima tentativa sem nenhum atendimento ou cuidado especial.

A falta de disposição que as crianças e os jovens têm em relação à escola durante anos preciosos de suas vidas pode ter sua origem em



quadros como esses até aqui mencionados. Por isso mesmo, poucos gostam de ir à escola. Porque ela está desumanizada, despersonalizada, e porque os jovens observam que quase nenhum cuidado se oferece a eles ou a seus colegas. Assim como não lhes é dada a oportunidade de transformar a escola em um lugar de realidades com menos ficções pré estabelecidas, como é o currículo decidido unilateralmente nos gabinetes técnicos e políticos. É óbvio que não existe a participação de nenhum jovem em sua elaboração. Qualquer medida neste sentido seria bem recebida, pois a escola é vista como um lugar de aquisição de conhecimentos, de relação social e de referência para a vida extrafamiliar. Porém, se ela se torna uma obrigação, cria antipatia; do mesmo modo, se ela se comporta como descuidada quando os alunos necessitam compreensão, ela rompe o laço de fidelidade e de confiabilidade e introduz a decepção.

A escola, como a sociedade em geral, trata os temas relacionados aos sentimentos, aos afetos, a alma, como supérfluos. Numa escala de valores de um a dez, os valores apresentados aos jovens como importantes são: o trabalho, o dever, a responsabilidade, o estudo, o bom comportamento, a higiene, a adequação social, uma atividade física, e por último, o que eles sentem ou avaliam do mundo e das pessoas que os cercam. Os valores da força e da conquista estão presentes nos esportes, nas competições, na escola, na rua, na vida social e na vida em geral. Todo jovem reclama que se espera dele que seja vencedor, campeão, perfeito, magro, vivo, malandro, bem falante, que tenha boa aparência; que fale inglês, saiba computação, e falar em público, conquiste o sexo oposto, tenha muitas experiências sexuais; e, finalmente, que não falhe em relação com as exigências dos adultos. Ninguém inclui a autenticidade e a singularidade de cada um como um valor inalienável. Ainda que esteja hipertrofiado o valor das correções plásticas, as dietas, as aparências, os jovens dão sinal de que estão sentindo o golpe, e muitos andam de cabeça baixa, olhando para o chão tentando encontrar outros caminhos diferentes desses apresentados, e que não os faz felizes. Vejo-os como “corpos penados” buscando encontrar uma alma em que possam habitar. Estão sem valores autênticos, sem projetos críveis, sem modelos confiáveis. Estão sozinhos ou mal acompanhados, se agrupam como sobreviventes assustados, perderam o rumo.

O grupo de pares e o seu modo de viver, com seus interesses e cultura passa a ocupar um importante lugar na vida dos adolescentes, substituindo a família como referência primordial. Em seus grupos sociais os adolescentes buscam aceitação, afirmação, reconhecimento e validação da sua identidade global. Este grupo de pertinência serão fundamentais para ajudar a organizar a personalidade, apoiada nos valores adquiridos neste momento da vida. A escola tem um papel fundamental neste momento porque ela participa dessa organização, oferecendo o espaço social para os jovens se encontrarem entre si e com os adultos que os educam. As características deste encontro marcam positiva e negativamente a cada um que por ali passa. Assim, o valor da escola como presença na vida das pessoas merece ser resgatado porque faz parte dos vínculos organizadores da personalidade. Ali se ensaiam as relações interpessoais e se fundam amizades duradouras. Por isso mesmo, os responsáveis pela escola devem saber que suas práticas exigem novas estratégias que propiciem aos alunos a promoção de um convívio capaz de promover um exercício de acordo com as teorias de direitos que se propõem teoricamente como direitos com responsabilidades e solidariedade, sem discriminação.

Nas metas da aprendizagem se espera dos alunos:

controle das emoções

controle do corpo

obediência cega

aceitação das provas, deveres, trabalhos sem contestação

subestima das vontades próprias em favor das vontades da escola

promessa de cumprimento de regras e compromissos que desconhecem

concessão do poder unilateral da escola

aceitação de compromissos maiores do que possam cumprir

uso do tempo livre para execução dos deveres de casa

leitura de livros que não lhes interessam

obediência cega a estranhos com poder, ainda que não os conheçam, porque estes ocupam um espaço delegado pela escola

aceitação da culpa pelo fracasso das metas pré estabelecidas pela escola

aceitação de brincadeiras dirigidas

aceitação do controle das informações, decisões e funções de sua vida escolar

aceitação de julgamento através de um parecer sem regras e critérios fixos ou claros, assim como da subjetividade das avaliações sujeitas à empatia do professor, do supervisor e do bedel

respostas com uma maturidade como se estivessem em um lugar aonde vão para mostrar que já estão educados, e não para ser educados a não contestação

memorização daquilo que o professor entende por útil à sua educação  
disponibilidade para colaborar independentemente do humor, da hora e da situação

tentativa de superação, mesmo que sem elementos para isso, de toda e qualquer dificuldade apresentada durante o processo, geralmente através de esforços e boa vontade

participação adequada, solidária e educada nas atividades escolares  
desenvolvimento de habilidades que lhes permitam enfrentar as exigências e os desafios da vida cotidiana

estabelecimento relações construtivas

aquisição de capacidade e performance para atividades orais e escritas

desvalorização da solidão

hipervalorização do grupo

tolerância da contradição expressa pela escola que exige provas individualizadas e egoístas enquanto a exigência social é coletiva e solidária.

a aceitação do mito de que “fazer coisas” é sempre melhor e superior a “não fazê-las”, quando sabemos que a abstenção de certos atos é muito mais saudável que sua realização

As escolas e suas exigências colaboram no aumento do afastamento entre pais e filhos. Certos pais se tornam cobradores oficiais dos filhos na realização das tarefas de casa, alguns se submetem e acabam fazendo junto com os filhos, outros fazem pelos filhos o dever de casa. Quanta gente submetida a este tipo de condução inadequada? E o mais estranho é que quase ninguém se dá conta desse absurdo que ocupa muitos anos de suas vidas. Os professores também perdem tempo corrigindo os deveres, ocupando um tempo precioso de suas vidas familiares e de seu descanso, ainda que recebam hora extra.

As rotinas estabelecidas nas vidas das pessoas adultas se dividem entre as escolhidas e as não escolhidas. Quem escolhe os empregos ou trabalhos pode ou não aceitá-los, o que supõe a idéia de opção. Entretanto, aqueles que não têm escolha, sentem-se obrigados a freqüentarem seus ambientes de trabalho. Nestas pessoas o desagrado é freqüentemente observado. As crianças, geralmente não optam por ir à escola todos os dias e em todas as horas. Inclusive muitos, futuramente, não estarão incluídos no modelo do mercado de trabalho formal, que se baseia em horários e freqüências semelhantes aos da escola. Esse aprendizado em ambientes fechados e com parceiros não escolhidos não pode resultar em algo bom, salvo exceções. Além disso, as avaliações beiram ao regime de uma prisão que avalia o bom comportamento como um indicador que influencia a avaliação final que aprova ou reprova. Então, estamos diante de um sistema penal que avalia e mistura indiscriminadamente competências de estudos e aprendizado de conteúdos do currículo. A escola usa esses conteúdos para

educar a pessoa para sua inserção no mundo através de uma determinada realidade. Se o sistema de crime e castigo (prêmios e reprimendas) que apresentamos às crianças confirmar-se na vida posterior devemos esperar uma legião de deprimidos, com excesso de julgamentos equivocados, com uma autoestima pequena e uma idéia deformada de sua identidade. As escolas e os professores não enaltecem o melhor de cada um; antes, buscam saber e cuidam muito mais do pior de cada um. As assistências de psicólogos, assistentes sociais, coordenadores, bedéis apontam muito mais para o controle e a adaptação dos alunos ao sistema e ao modelo imposto de cima para baixo do que procurar formar uma equipe que democraticamente constrói junto com os jovens e as crianças realidades úteis, honestas e positivas; realidades que demonstrem que vale a pena reunir-se com outros humanos para um bem comum, que enalteçam a solidariedade. Ao contrário, o sistema vigente estimula o egoísmo, a solidão narcisista que vemos nos poucos que não distribuem o poder e o dinheiro. Esse modelo de viver que lhes apresentamos é deformador, mentiroso, preconceituoso, violento, tirânico, ditatorial, fictício e enganador. Formamos jovens para ser uma elite que olha para o outro com desdém e com ares de “sou mais esperto do que tu, por isso tiro boas notas, ou: eu aprendi a enganar, meu futuro está garantido”. Aqueles adultos que se comportam de acordo com o sistema escolar formal mais comum, sejam por submissão ou por convicção, acabam tendo uma predisposição à infelicidade em suas vidas privadas, pois ninguém que é normal tolera e aceita como natural ser maltratado ou atormentado todos os dias durante muitos anos. Esses serão os futuros pais que exigirão de seus filhos que “passem trabalho” e que “sofram” para valorizar a vida. Sua sentença se apóia na idéia de que o sofrimento ensina a viver.

A construção de uma concepção de mundo aceitável já é algo difícil, imaginem quando o lugar que se frequenta transmite coisas incompreensíveis, exigindo o impossível e sempre duvidando da capacidade de quem o frequenta. Qual amor resistiria a semelhante e obsessiva dúvida? Qual amante ou enamorado toleraria seu par, avaliando-o constantemente em seu amor, exigindo-lhe provas de amor diariamente, oral e escrita? Quem suportaria semelhante provação? Quem toleraria um chefe que duvida permanentemente da competência, da lisura, da fidelidade, da assiduidade e outras tantas exigências que fazemos às

crianças e aos jovens em sua condição de alunos? Fazemos tudo isso sem nenhuma autocrítica? Essa mesma escola formal é modelo que educa os pais a terem um comportamento policial em relação a seus filhos. Essa escola põe em dúvida os pais mais tolerantes, que acreditam numa convivência pacífica, dialogada, cheia de mediações com os filhos, e humildemente evitam a arrogância de quererem saber tudo como pais. Tais pais acabam combatidos, criticados e desvalorizados pelo modelo ditatorial de educação que só consegue emudecer os jovens, sejam eles filhos ou alunos. Curiosamente, muitos desses adultos se anunciam em público como liberais, tolerantes, respeitadores. Muitos se escondem por detrás de seus títulos e cargos para abusar do poder e, sadicamente, maltratar os oprimidos e as minorias (sejam eles alunos, crianças, miseráveis, humildes, etc) em nome do bem estar e da boa conduta. Mentem quando afirmam que o fazem pelo bem da humanidade. A nossa história está cheia de ditadores bem intencionados, de homens que enganam e usam seu poder para destruir. Tais pessoas são daninhas à sociedade. E, todavia, elas estão em todas as classes sociais, nas Universidades, nas escolas, nas fabricas, nos consultórios, nas repartições públicas, nas Igrejas, nos quartéis, nos hospitais, em todos os lugares onde preside o ódio. E muitas são as vezes em que se usa esse ódio em nome do amor.

Não minimizemos a capacidade das crianças e dos jovens de perceberem a realidade. Eles sabem bem quem é quem. Acontece que insistimos tanto em deformá-los, que acabamos confundindo-os e desorganizando suas percepções. Em troca, lhes oferecemos um modelo de mundo perverso, viciado, sem solidariedade.

Todo o empenho que os jovens têm em ir à escola encontrar seus pares e ali realizar seus sonhos de pertencerem a um grupo social encontra como barreira um sistema competitivo e sujo que o faz pensar que o cara do lado é um inimigo que ele deve evitar, superar, vencer e desqualificar. O sistema de avaliação torna inimigos os jovens entre si e premia o mais malandro, o mais vivo, o mais sangue frio, o mais esperto. Este é o modelo de ética que ensinamos. Tenho certeza que aí está a semente da corrupção que acaba com as virtudes. Podemos dizer também que assim se inicia a (des)sensibilização das elites, pois conviver com os piores de forma arrogante não lhes desperta solidariedade; ao contrário, pela premiação aprendem a olhar o outro com desprezo e com desdém por não ser tão

malandro e esperto quanto eles. Assim se formam os tais “grandes homens de negócio” que ficaram ricos roubando, enganando ou explorando aqueles que tiram notas baixas e não acreditaram no sistema. A tendência alienada é de pensarmos: “Quem mandou ele não estudar?” “Não aproveitou bem os estudos”. Essa hipocrisia ainda é sustentada por um sem numero de adultos que se negam a revisar suas mentirosas e perniciosas condutas educativas.

Basta conversar com os mais jovens para ouvirmos um coro unísono de desagrado e incompreensão com os modelos que seguimos ignorante e sadicamente impondo a eles. E o que é pior, enganando-os ao dizer que é para seu bem. Fazemos mau uso do poder e mal uso do amor. Depois não sabemos porque eles cada vez mais estão desacreditados do mundo em que vivem.

A conquista de uma vida em paz, alcançada no micro mundo, na vida pessoal, somente é alcançada mediante uma coerência entre o que se crê e o que se faz. Significa não haver contradição entre o sentir, o pensar e o atuar. A capacidade de resolver problemas evita conflitos internos. Porém para esta mesma paz para ser alcançada nas relações interpessoais dependemos de compreensão, disposição e respeito às diferenças porque uma mesma situação poderá ser entendida de maneira diferente por diversas pessoas. Os pais e os professores vêem a realidade de um modo diferente do que os alunos. Cada vez mais se os vê em depressão sob forma de desistência, de desânimo, de falta de cumprimento com as atividades, de sonolência (letargia), de solidão e de pouco caso com as tarefas. Certamente essa depressão tem suas raízes no desagradável que é viver condenado a freqüentar o que não querem, obedecendo a pessoas que não respeitam e submetendo-se a um regime que lhes é inútil e desagradável. Depois de tudo isso, espera-se que sejam felizes. Alguns se refugiam no esporte, outros na música, outros nos quartos, outros nas ruas, alguns na casa dos avós, na paciência dos amigos, na tolerância de seus pares. Uma lástima é que sendo a escola o lugar onde eles passam mais tempo de suas vidas, seja nela em quem eles menos confiem, onde não partilhem suas maiores angustias. Acredito que assim seja porque a escola que funciona dessa maneira será o último lugar que eles escolherão para estar quando desesperados ou apaixonados.

Este ponto de vista que aqui destaco, estimula uma profunda reformulação. Ela se fará necessária, muito antes do que se pensa, pois a

evasão escolar é cada vez mais freqüente. O não cumprimento da promessa de emprego, a revisão do valor da memorização, as exigências de trabalho precoce por razões sociais na vida das crianças, o arcaísmo na forma de transmissão de conhecimento, deverão provocar uma dúvida coletiva que levará a uma revisão do verdadeiro valor que a escola formal hoje representa enquanto formadora do cidadão de amanhã. Ainda que a escola seja compulsivamente imposta pela sociedade, por falta de clientela deverá sofrer uma revisão de metas e meios, de formas e conteúdos. Não esqueçamos que a educação nos países capitalistas é um grande e lucrativo negócio. Certamente, as propostas que lanço são provocadoras de reações imensas. Os interessados no sistema atual não toleram uma revisão mínima, quanto mais uma revisão radical como aqui se propõe.

Cada país precisará retomar a velha e humana questão: quais cidadãos querem formar? Qual o futuro que desejam às crianças? De sua parte, as instituições formais deverão se fazer uma pergunta fundamental: é seu objetivo preparar as crianças e os jovens para serem mais felizes?



## **MAMA: ÓRGÃO DA VIDA E DA MORTE**

### *UMA PEQUENA HISTÓRIA DE VIDA (O ÓRGÃO DA VIDA)*

Primeiro retrato de minha mãe, não te lembro muito bem, mas certamente eras a primeira a aparecer diante dos meus olhos que te enxergavam a distância ótima dos 30 cm. que te separavam de mim. Tinhas gosto e cor, eras branca e quente, me acalmavas quando presente e me davas raiva quando tardia. Bem sei que meus tempos eram urgentes e sempre te precisei plena, túrgida e ativa. Naquela época te misturavas, eras mama e mãe. Assim passava os meus dias. Contigo por perto fui dormilona, contente, aflita e vingativa. Muitas foram as vezes em que te virei a boca e me fiz de gostosa; te dispensava porque te sabia disponível eras sacada com aquela arte com que magicamente minha mãe te tirava duns panos com dois dedos em um segundo.

Assim comecei a ensaiar meus primeiros orgulhos. Ainda que com a imaginação assustada, te sabia correspondente, pois cada vez que sentia fome te sabia pingando vida branca a estimular-me o apetite e a salivação.

Lembras-te quando precisei começar a me afastar de ti? Quantas foram as vezes em que te procurei sem saber onde andavas e com quem repartias o que acreditava, por ingênua, ser só meu. Nessas idas e vindas, fiz meus primeiros ensaios das perdas e dos ganhos.

Um dia, a dor na boca anunciava a saída dos meus dentes e começastes a tomar distância daquelas pequenas feras que te arranhavam. Tivemos que nos despedir, fostes embora de perto de mim, e a distância, te via posta na frente da minha mãe calma como água de poço; e eu cada vez mais olhando para o mundo, brincando, estudando, agitada como água caudalosa de rio, ouvindo os cochichos e as revelações dos meus pais, que sempre depois das portas trancadas saíam do quarto com caras alegres.

Durante muitos anos, fiquei sem pensar em ti, nem tinha porque me preocupar com tua existência, mas um dia começastes a crescer, e empinando cada vez mais, tomastes volume no meu peito. Os homens começaram a te olhar, e eu a te esconder. Ganhei meu primeiro sutiã e, toda a vez que me excitava, tu eras parte da orquestra que tocava vários instrumentos de prazer; eras apenas um deles mas comecei a gostar de sentir a roupa roçando-te. No banho te esfregava com carinho, um pequeno toque da mão e ficavas ereta. Assim te descobri no auge da vida e muito me fizestes gozar. Na minha primeira vez, lá estavas tu erotizada; no meu primeiro amor, lá estavas tu a seduzir; no meu primeiro filho, lá estavas tu a amamentar.

Companheira de encantos e desencantos, das novidades, das rotinas, dos encontros, dos desencontros, pedaço de mim que me acompanhou nas alegrias e nas tristezas.

Por baixo de ti pulsa meu coração que é pura emoção, e que, quando agitado, te agita também a provocar revolução ao norte da cintura. Sobre ti descansa o perfume da minha cabeleira desatada a acariciar tuas carnes moças, obra dum escultor chamado meu pai, que te moldou num instante de amor e gozo. Estranha escultura que cabe na palma da minha mão. Quando te colho, és um punhado de gente, um pouco maior que uma maçã, mas pulsas como um quasar a lembrar que tens vida e luz, calor e desejo. Como um pássaro, lá estás tu, sempre alada a empinar o mamilo como um troféu. Sempre altiva, ereta e orgulhosa, convidando-me a montar em algum tapete voador e dar asas a minha imaginação e conteúdo para os meus sonhos.

## *BARGANHAS COM A MORTE (O ÓRGÃO DA MORTE)*

Sempre me desconcerta saber que ao mesmo tempo em que alimentas a vida, dás prazer, também és aquela que condena aos riscos, aos caroços e aos medos dos cânceres que vagam pelos peitos das mulheres na espera de poder invadi-los no primeiro descuido. Como se já não bastasse que tenhas perdido tua higidez, fostes caindo como meus outros órgãos, e te confesso: quando te soube lesada, me senti traída. Como é que tu, logo tu, foste denunciar que eu perdi a saúde. Sigo ainda sem entender, pois por ti passou a vida branca que alimentou os meus filhos, por ti passou um rio caudaloso de prazer e agora por ti passeia a morte rondando a hora de me convidar para partir. É bem verdade que me fizeste pensar, em pouco tempo, em tudo o que fui. Por tua causa tenho passado a minha vida a limpo, por ti começo a olhar para o meu lugar e para as pessoas queridas como se fosse a ultima vez. Despeço-me todos os dias e renasço quando acordo e me vejo viva.

Mudaram meus tempos internos, meus apegos, minhas esperanças, assim como mudei eu. Mudei tanto, que às vezes não me reconheço. Olho-me ao espelho e te vejo igual a antes, embora eu te saiba invadida, ocupada por células estrangeiras que resolveram enlouquecer. Quase todos a minha volta me olham com ar de pena e a única pena que tenho é de que, morrendo logo, não conheça meus netos.

Fiz um acordo com a morte. Umas pequenas barganhas e ela me deixou em paz por algum tempo. Vou-me cuidando como posso, não como gostaria. Ela sempre está por perto, mas eu faço que não a vejo. Ela tenta me seduzir e eu dou-lhe as costas. Ela me convida para ir ali perto, quase ao lado, num pequeno percurso, e já estaremos no caminho que devemos seguir. Quer ela seduzir-me com a idéia do descanso eterno. Eu lhe respondo que ainda quero me cansar, correr, gozar, fazer muito exercício, que ainda não tive todos os sustos e tristezas previstas, ainda estão por acontecer muitas novidades e ainda não chorei todos meus lutos.

Feito Penélope às avessas, sem nenhum Ulisses por chegar, fico tecendo idéias, esperando-a caso ela chegue de surpresa. Minha imaginação, como as marés, é cheia de altos e baixos, leva e traz ondas de tristeza e espanto. Logo eu; por que não aquela miserável que me rivalizou

tanto tempo, por que não aquela qualquer que passa na rua sem saber o valor da vida, por que não a mulher do diabo que acostumada ao fogo dos infernos, nunca se cuidou?

Quando olho minha filha brincando e estudando, quase na hora de ter seus peitos crescidos, sinto o ciclo da vida se completando. O tempo molda a argila e a vejo sendo preparada para amamentar e dar gozo a alguém. Penso se vou ter tempo de vê-la sorrindo acima de um decote que insinue a beleza que a blusa esconde, e quem sabe, poder ver os olhos de lince de algum enamorado querendo abraçá-la e fazê-la sua mulher.

E o meu companheiro, que entre medos e penas quase não me toca, assustado com o acontecido, fareja minha indiferença pelos prazeres da carne que começa a perder o viço, e ainda que me queira, parece se despedir todos os dias. Sinto que evita a aproximação para não sentir tanta falta de mim, caso eu morra logo.

Não sei bem, mas nesses quatro longos anos, sigo apegada à vida. Sonho com a morte, tento nos sonhos livrar-me da sua presença e, quando acordo, me agito temerosa de que não alcance o tempo para resolver tudo o que deixei pra trás, pedir os perdões aos que ofendi, pagar as contas que esqueci, desculpar-me com aqueles a quem abandonei, reunir aqueles a quem amo e dizer-lhes desse amor; quero tempo para contar as histórias que sempre calei, dizer as verdades àqueles que sempre mereceram ouvi-las, quero ter tempo para chorar de vez em quando. Ultimamente ando com saudades da minha mãe. Se ainda ela estivesse por aqui, quem sabe me garantiria que é cedo para morrer.

Nunca ninguém me afirmou que eu iria morrer de velha, mas de teimosa, sempre acreditei nisso; agora lhes confesso que já não sei mais, os doutores ora me dizem exagerada nos meus medos, ora me dizem para não me desesperar. Uns me olhando como se eu nada tivesse e outros com cara de velório, quase me dando pêsames.

Guardo numa gaveta à chave um calendário que risco a cada dia em que me mantenho viva. Já ganhei quatro anos, me disseram que posso estender muito mais. Muitos que choraram por mim já morreram, e nem doentes estavam quando eu me senti condenada pelo diagnóstico que cravou meu peito: câncer de mama.

Indicaram-me uma estereotaxia. Definida na minha vontade de cuidar-me, aceitei ajuda. Tudo se iniciou com uma mamografia -assim o

médico poderia indicar uma cirurgia conservadora. Foi-me dada à opção de retirar o mínimo, sem deformar quase nada na minha estética. De qualquer forma, sempre se perde um pedaço, e é isso que quase ninguém entende; perde-se a saúde e dela só sentimos falta quando nos falta.

Acordei cedo naquela manhã, preparei-me como quem fosse ao tudo ou nada. Nem me lembro por que ruas andamos até que chegássemos à sala onde me fariam o exame. Ali, fui recebida com delicadeza, mas sem muitas conversas. Foram me desnudando o peito enquanto eu pensava em todos as recomendações e resguardos para não expô-lo em público. Toda aquela filosofia foi por água abaixo em minutos, e eu impotente para escondê-lo. Até então eu havia optado para quem desnudá-lo, afinal fui mulher de um homem só, por decisão me guardei inteira para um grande amor, nunca me satisfiz com ilusões menores. Ensinaaram-me a noção de privado, e a medicina me impôs a condição de tornar meu corpo público.

Posto meu futuro nas mãos dos outros, dali por diante os médicos decidiriam por mim. O argumento do tratamento falou em favor da exposição do meu corpo e esqueci por um tempo a minha vergonha. Uma radiografia da minha mama daria os indicadores para que aquele médico pudesse, com a ajuda de um computador, calcular o local e a extensão da minha lesão. Aqueles breves momentos pareceram uma eternidade.

Qual seria o tamanho da sentença? Naquele silencioso ambiente, aquelas pessoas de branco cumpriam um ritual. O passo seguinte foi o de me enfiarem uma agulha grossa e enorme, por onde puseram um fio que, como farol, indicaria os caminhos que o cirurgião deveria percorrer; serviria de guia, como cão de cego. Retirada a agulha, literalmente minha vida estava por um fio. Assim fui levada para uma sala de cirurgia, onde logo perdi a consciência.

Acordei algum tempo depois e, a partir dali, ninguém mais me contrariava em nada, o que aumentava minha apreensão. Falavam como se me dissessem: te faremos todas as vontades, moribunda. Alguém me consolou, afirmando ser tão pequeno o câncer, que quase não se via, mas às vezes o sinto como uma bomba relógio que a qualquer momento pode explodir atingindo todo o meu corpo. Ora bolas! câncer só é pequeno no corpo dos outros. A própria palavra já tem conotações tão assustadoras, que nos mete medo ainda que dita pelos outros. Depois disso, uma vez por semana freqüentei uma sala tão fria como imagino serem os pólos;

disseram-me que era para o bom funcionamento do aparelho. Sozinha, ali ficava um tempo debaixo de um sofisticado aparelho que me aplicava radioterapia. Naquelas sessões calculei o tempo que ainda dispunha de vida e o distribuía entre novos planos e acertos com o passado. Calculei como me iria despedir de cada um e depois de um tempo, cheguei à conclusão de era o destino de todos; apenas o anúncio da lesão me fazia preocupar-me antes dos outros. Nossa cultura não inclui nos nossos planos a morte própria; de alguma forma todos acabamos despreparados para pensá-la.

Nunca me interessei pelos assuntos de morte; evitei os velórios e visualizar o corpo morto dos outros nunca me disse nada. A morte dos próximos me abalava, não por mortos, senão porque não mais os iria ver; no fundo, um egoísmo que falava da falta do vivo. Por isso, decididamente não sinto falta dos mortos. Na minha imaginação, todos a quem perdi ainda estão vivos, lembro-os vivos, falando, cantando, brigando, fazendo todas as coisas que os humanos sabem fazer.

Não gosto de compartilhar minha solidão, às vezes prefiro ficar comigo mesma, pois ninguém sabe como eu odeio, como amo, como rio ou como choro. Algum dia alguém me olhou sem pré-conceito e me viu atriz da minha própria história? Saberiam dizer como é a minha mímica ou meu discurso? Acaso sabem dos meus erros e acertos? Por onde mais gozo ou por qual lugar do meu corpo minha alma sofre? Será que já viram meus tempos e espaços ou porque silencio ou muito falo? E minhas esperanças, acaso sabem quais eu mantenho? quantas morreram? E os filhos que concebi, se me preenchem ou decepcionam? que pedaços perdi, que amigos ganhei? Que sabem da velha que quero ser ou da jovem que fui? Se tenho traumas ou lembranças, medos ou esperanças? Se algum dia disso souberem, poderão afirmar que me olharam e que algo de mim viram.

Tantas solidões me deram tempo ao devaneio que me acompanha mais do que nunca. A cada momento, sonho acordada, recuperando um diálogo íntimo com pedaços que fui deixando ao longo da minha vida. Eu havia esquecido de mim.

Como diante de uma encruzilhada, pouco me resta além da dúvida e do desconcerto. Afinal, havia esquecido da menina esperta que fui e do rumo que tomaria tudo isso.

Voltando à rotina com todos os desafios de quem luta para manter-se viva, penso no passado, em todos aqueles que deixei ao longo

do caminho, resgato as horas doces, como os partos, os aleitamentos, os orgasmos, assim como as horas dolorosas em que perdi e me enganei. Vou vivendo, esperando. Pode ser que me digam a data provável da minha morte. Até aceito a possibilidade, desde que nenhuma metástase atinja minha vontade de viver e que estas células loucas não invadam a minha esperança. Mesmo assim, teimosa, agarro-me à vida porque ainda tenho muitas histórias para contar.

## **DOS CUIDADOS**



## O REFORÇO DOS CUIDADOS EM MOMENTOS DE MUDANÇAS

Doas-me um pouco da tua ternura  
Para alimentar-me?

Presenteia-me um pouco da tua esperança  
Para despertar-me?

Ofereça-me um pouco da tua forma de ver o mundo  
Para que eu reaprenda a usar meus olhos?

Ensina-me um pouco da tua sabedoria  
Para que eu aprenda com teu silêncio?

Dá-me um pouco da tua ausência  
Para que eu te estranhe.

Dá-me um pouco do teu tempo  
Para que eu aprenda a valorizar-te a presença.

A capacidade de pedir ajuda a pessoas aptas a oferecê-las. Como se chama esta competência? Uma visão especial que diferencia o samaritano do ladrão.

É necessário um cuidado especial frente aos preconceitos. É necessário igualmente, que estudemos e nos prevenamos acerca de certas atitudes em relação à arte dos cuidados presentes também nos profissionais da saúde e da educação, pois *o menosprezo* é um dos fatores do prejuízo excludente. Ele está presente naquele que se encontra em condições de fragilidade, no menos favorecido, que é olhado como um ser inferior, perigoso, a ser evitado. Em relação à hipervalorização do uso das técnicas ou na minimização das possibilidades de ação nos cuidados com os humanos, ou se espera soluções milagrosas ou se desvaloriza qualquer

realização. Tais atitudes extremas dificultam ou impossibilitam o necessário sentido da realidade, e como em todas as atitudes extremas, os envolvidos são frustrados. Não se trata de esperar-se que os cuidados resolvam todos os problemas das pessoas, exagerando as possibilidades reais de ajuda na melhoria da qualidade da vida, mas é importante não menosprezar o valor de reconsiderar o uso equivocado dos conceitos e técnicas como uma importante forma de melhorar as pessoas e suas formas coletivas de viver. Os problemas são parte da vida, mas este julgamento não pode ser o mesmo em relação aos conflitos. E é exatamente sobre eles que devemos atuar.

Por quem definimos o ser humano (a espécie)? Dependendo da escolha, a conclusão será muito diferente. Se pelo rico que despreza o pobre, ou pelo pobre que presta serviços ao rico, se pelos governantes aproveitadores de ocasião ou por quem trabalha todos os dias e sustenta o mundo?

Ensinar aos profissionais a trabalhar com pessoas é mais do que ensinar conceitos tem que se ir mais fundo, ir aos valores, e as atitudes que participam desses conceitos. Os profissionais se constituem em pessoas que não despertam a parceria e a cumplicidade diferenciando o enfoque para mais além de uma pseudoneutralidade. As necessidades das pessoas não se satisfazem pelo conhecimento dos conceitos, se eles não estão vivenciados e transformados em atitudes de coesão.

Trabalhar com seres humanos conduz a tratar da psicohigiene, significa agir sobre os problemas sociais e nas condições de vida dos seres humanos; daí o perigo de extremar-se a noção de que uma reforma econômica e política da sociedade bastaria, por si só, para melhorar a vida da população. A higiene mental em seu devido lugar considerará o amor, o trabalho, a habitação, a saúde, a ecologia como situações a partir das quais o ser humano vive seu cotidiano, constituindo-se sempre em um sujeito social.

A proposta de reforçar cuidados pressupõe ajudar a quem já tem constituída sua identidade. Trata-se, então, de oferecer indicadores de reiteração do adequado e exitoso, diferentemente da necessidade de criar condições para os ausentes de cuidados.

A desconfiança permeia as relações dos profissionais que não têm uma formação social. O ideal de homem perfeito e de sociedade utópica é

para ser desejado, não para ser acreditado. É preciso saber dimensionar entre o desejável e o possível. A aceitação da limitação do campo e do alcance das ações faz parte do projeto, podendo ser usada como argumento para não se fazer nada. Há muito que fazer antes de aceitar a realidade tal qual está.

Assim como não se pode conceber uma vida sem riscos, tampouco se pode negar a maldade não intrínseca dos humanos, a harmonia de nossas melhores capacidades com nossas mais frágeis tentações, pois o ser humano é resultado de um grupo de identificações que o remete a múltiplas ações, contraditórias, ambivalentes, elevadas e baixas, o que o forma um ser multifacetado, com muitas caras e muitas máscaras. Afinal, ama e odeia com elementos que pertencem a sua natureza, com eles se aproxima, se afasta de si mesmo e dos demais.

A categoria de indivíduo merece uma revisão, no entender de Michel Maffesoli: *A Parte do Diabo; Variações sobre a sombra*, pág.95-96, Ed. Record, Brasil, 2002:

“Como num leitmotiv, tenho insistido freqüentemente na saturação do indivíduo e dos individualismos modernos. Empiricamente, a coisa é evidente. Cada um de nós desfruta menos de uma identidade estável do que de uma série de identificações por meio das quais expressa as diferentes possibilidades que o caracterizam. Entretanto, obnubilados pela lógica da identidade, do sujeito racional ou do cidadão responsável, conformamo-nos em pensar a pluralidade no seio de um mesmo indivíduo. Aliás, talvez por isso seja conveniente retomar a distinção entre indivíduo e pessoa.

O indivíduo é causa e efeito da lógica da identidade. Senhor de sua história, capaz, com outros indivíduos autônomos, de fazer a história do mundo, ele é educado para exercer uma função nas instituições programadas pela sociedade. A pessoa, em contrapartida, tem identificações múltiplas, suas máscaras (*persona*). Estruturalmente dependente dos outros (heteronímia), ela se limita a desempenhar papéis nesses conjuntos de afetos que são as tribos. Assim se resume, em algumas palavras, o resvalar que podemos observar de diversas maneiras na vida corrente. A moda, as modas, melhor dizendo, os mimetismos diversos, fazendo com que usemos os mesmos adereços de nossos heróis

(esportivos, musicais, políticos), as múltiplas contaminações ideológicas, religiosas, publicitárias, tornam empiricamente caduco o antigo princípio de individuação, pedra de toque do pensamento ocidental. Para retomar uma expressão de Gilbert Simondon, é o “mais um” que caracteriza cada pessoa.”

*Partilhar* é integrar-se a uma estruturação coletiva, é estar em comunhão, é exercer a fraternidade, elementos que permitem a construção da vida, a emoção compartilhada. É preciso limitar o valor do si mesmo como uma estrutura que permite o conhecimento da existência do outro, porque se o si mesmo fica isolado, só contribui ao inchaço do narcisismo, do egoísmo e do vazio de uma solidão incômoda e infeliz. É a descoberta do gozo das partilhas que inaugura novidades oferecidas pelo diferente do outro. Essas trocas de formas de *estar com* constituem as paixões, os enamoramentos, as empatias. Porque, ao final, o *um* só se descobre através dos olhos do *outro*, do sentir do outro, do reconhecimento do outro, enfim, reconhecidos pelo que o *outro* é capaz de fazer sentir. Por isso os encontros humanos criam forças de coesão, tornando-as lógicas para o existir coletivo, dando um novo sentido ao sentimento gregário que, de sobrevivente, passa à categoria do desejo de estar junto.

O *estar com* leva a uma educação nas condutas; por exemplo: é necessário que qualquer um que não queira desagradar aos demais construa um processo de conquista da atenção e da boa vontade do interlocutor sobre o que se irá formular, uma das razões da importância de se aprimorar as aptidões da fala e da escuta.

Os hostís são sempre uns desagradáveis de quem todos acabam fugindo, enquanto os delicados atraem os sensíveis e provocam repúdio nos brutos.

Alguns axiomas da comunicação nos indicam que a comunicação pressupõe um intercâmbio de sinais onde o silêncio também comunica. A comunicação operativa tem por objetivo influenciar o outro. Potencialmente, qualquer um capaz de auto regular sua comunicação, e aquele que a alcança é eficaz. Não existe a (in)comunicação; só existem comunicações indesejáveis ou desejáveis, exitosas ou fracassadas. A comunicação indesejável é aquela em que a pessoa não recebe o sinal do outro no contexto do outro, mas somente dentro de seu contexto. O outro sente que “não o escutam”, “não o vêem”, “não dão bola”, “não o levam a sério”. Ou

seja: frustra-se sua expectativa de ser percebido no contexto de seu sinal. Quando as pessoas instalam expectativas negativas com respeito aos demais, geram profecias auto cumpridas (“eu já sabia que não ia dar certo”). A comunicação operativa consiste em governar-se para governar o outro, ou seja, ter um certo equilíbrio em suas emoções e sentimentos, exercer o uso inteligente das emoções. Funcionar humildemente como aprendiz da sedução, pois saber cuidar é uma arte que exige constantes e renovados conhecimentos. Cada nova demanda é uma nova aprendizagem.

*Acerca da praxis social e direitos humanos :*

“...olhar as ciências sociais desde os direitos humanos quer dizer a partir de um direcionamento ético-político que aponte a gerar espaços de resistência e transformação social.

Nesta concepção o científico, sem deixar de sê-lo desde a excelência acadêmica, assume uma militância social transformadora; um compromisso com as pessoas, as famílias, os grupos sociais e a comunidade nacional e regional latinoamericana.” (Carlos Eroles: En Los Derechos Humanos Como Sustento de la Praxis Social, Antropología, Cultura Popular y Derechos Humanos, Ed. Espacio, p.105, Argentina, 2004.)

Como profissionais os seres humanos enfrentam muitas decepções, ao não encontrar no ambiente de trabalho a coesão familiar que possam ter. Àqueles que não reúnem esperanças, a decepção pela falta de parceiros, os códigos diferentes, as visões diversificadas dos fatos, entram em choque por falta de coincidência e identificação. Em suas vidas familiares, da mesma forma, muitos se decepcionam por não poder recriar na família escolhida os modelos da família original. Esta vem sendo uma das razões mais frequentes de separações e abandonos do lar.

Sobre os modelos paternos, podemos pensar que as características dos filhos sejam muito diferentes de seus pais e irmãos, e que por isso não podemos determinar o que é que se aprendeu com a família ou na vida; tampouco se pode determinar muito bem em que coisas acreditar. Se nos damos conta, quando alguma pessoa está fazendo algo mal feito e não se o imita cegamente, pelo simples fato de presenciá-lo, significa que se tem um modo de pensar e de perceber o mundo diferente dos modelos que nos

apresentam. Em outras palavras, se se conhece o que é bom ou mau é porque podemos optar. Então não tem por que se optar pelo pior dos modelos, se é possível mediante a conscientização dos direitos pessoais identificar-se com o bom do outro. Sim, passado organiza modelos, mas isso não corresponde a uma condenação, porque toda vez que uma pessoa descobre novidades no seu existir dificilmente segue optando pelo pior, exceção feita quando se opta pela morte da existência. Não me parece ser esta a opção da maioria; então, levantar a cabeça e deixar de pensar obsessivamente no passado e no modelo familiar como algo tragicamente inevitável de ser repetido pode ser útil para quem queira mudar algo em si mesmo.

O corpo, a intimidade, a privacidade devem ser inscritos numa nova representação, diferente daquela que prima por despertar fantasias, pode ser que a inauguração do recato, do privado, de uma certa timidez (que permita um guardar-se para despertar fantasias em alguém especial) possa colaborar para que cada um dê um novo sentido a sua sexualidade. O corpo é tão sagrado quanto a alma, razão pela qual não se deve invadi-lo com objetos estranhos à intimidade. Respeitá-lo e cuidá-lo, levam a reaquisição do orgulho de possuí-lo. Que a pele seja o mais profundo e a alma o mais visível. Há um sentido em guardar-se o corpo para momentos especiais, pois assim se permite, através da doação, diferenciar-se o especial do banal. Que se possa ter o orgulho da conquista e do prazer optado e consentido.

O resgate das virtudes exalta o desejo. E sua satisfação afirma a vivência do dever cumprido, tirando a necessidade da condenação tão freqüente quando se é escolhido sem escolher. A condenação que nos remete à repetição compulsiva da submissão, nos nega o direito de ser dono do próprio desejo. Através da consciência se pode aprender a dizer o *sim* e o *não*, para que se possa mudar o rumo de um destino que nos é imposto pelos mitos familiares e culturais. Toda vez que discordamos deles, promovemos uma revolução nos mandamentos que determinam muitas infelicidades. Ao contrário, aqueles que podem romper com os mitos desestruturantes da personalidade se dão bem com suas realidades, como me parece ser o que acontece com aqueles que buscam melhorar suas vidas e dizer não ao masoquismo.

## OUTRAS FORMAS DO CUIDADO DE SI

Viver é um ato permanente de criação, e para exercê-lo com alguma qualidade é preciso que a pessoa tenha motivações e projetos que encaminhem seus potenciais. Uma pessoa criativa, inventiva com a própria existência não descansa enquanto não veja e sinta o prazer de alcançar êxito. A vida é processo que exige um *constructo*, é um processo constante de reinventar-se e tentar-se possível e valorizado por si mesmo e pelos demais que nos interessam. Para enveredar pelo caminho das construções úteis para a vida deve-se abandonar a falsa modéstia e aprender a valorizar o melhor de si mesmo, aproveitando as aptidões naturais e singulares.

Devemos ouvir o imaginário com respeito e atenção, porem nunca com obediência cega, pois isso pode levar a um caminho de desqualificação e desonra.

Dessa forma, cada um segue um caminho, uns musicam, outros são explorados como músicos; uns pintam, outros são usados pelos donos das galerias; uns são profissionais, outros são subempregados pelos colegas; uns exercem ofícios, e alguns são artesãos, outros os fiscalizam.

Pode-se temperar a rotina com a paz e a harmonia, mas melhor será, haver entendido que o alcance dos estados de espírito dependem também de cada um. Filtrar-se aquilo que é útil, proveniente de dentro ou dos ambientes ao redor, podemos mediante uma avaliação ausente de preconceitos diminui o poder que damos aos que nos maltratam ou nos usam egoisticamente. Por outro lado, não nos iremos menosprezar crendo

que os demais nos “fazem um favor” em conviver conosco. Tal falta de autovalorização merece um reparo. Somente pessoas que se tenham sentido pouco amadas em suas histórias familiares, pouco referenciadas com o sentir-se amado/a deixam de perceber o valor único de suas singularidades, aceitando serem tratadas como “objetos de uso descartável”. Muitas pessoas lutam por encontrar mensagens ou soluções a partir de modelos externos, ou seja, buscam mágicas receitas em dietas, medicamentos, livros, companhias, sem entender que as coisas somente valem pelo valor que atribuímos a elas. Os valores e os sentimentos revestem de significados a existência. Como tal, um livro tem um valor afetivo; porém, se esse livro é a Bíblia, terá um valor cultural, e, se o valor de percepção partir de uma pessoa religiosa, outros tantos significados intensificarão a valoração do objeto livro.

O filósofo Wittgenstein afirmou que: *nós somos aquilo que pensamos que somos*. Estendo sua afirmação para: nós somos aquilo que fomos e seremos quem somos. Nossa vinculação com o passado se presentifica cada vez que nos valorizamos ou não no presente. Alguém que tem a certeza de haver sido amado de uma forma particularmente importante nunca aceita ser tratado como se fosse um cidadão de segunda categoria sem indignar-se. A indignação é uma das fortalezas que nos permite pôr limites naqueles que abusam da nossa paciência. Os abusadores de poder fazem pouco caso da nossa intimidade, invadem nossas fragilidades e, onipotentemente pensam poder comandar nossas liberdades. É preciso cuidado com eles, pois são hábeis em nos fazer sentir envergonhados de ser quem somos; menosprezam nossos sonhos.

O psiquismo está permanentemente aberto às mudanças, desde que exista em cada um a vontade de mudar. Nas questões amorosas o fato de alguém não ter sido amado no passado não significa que siga condenado a este destino. As experiências do presente podem servir para abrir novas vias de facilitação para a vida, ensinando que se pode ser diferente e exigir dos demais atitudes mais justas em relação a nossos direitos e desejos.

Nossas crenças e descrenças na vida baseiam-se no conjunto de percepções que cada um tem de si mesmo e do mundo em que vive. Essa forma de ler a realidade constrói o modo de viver o presente e prepara para o futuro. Da mesma forma, cada um, ainda que não perceba, põe fronteiras



à sua ambição; alguns, exagerando de menos; e outros, de mais; porém, a maioria se submetendo aos limites permitidos pela história prévia e/ou pelos demais. Uma pessoa aceitará mais ou menos essas influências de acordo com o respeito e a valorização que tenha por si mesma.

Um conto árabe diz que formigas tentavam alcançar a borda superior de uma taça com mel. Alguém lhes disse que elas jamais iriam conseguir; todas desistiram, menos uma. A única a alcançar o objetivo, o mel, o fez porque era surda.

Temos uma universalidade que nos marca como humanos: todos acreditamos em algum modelo. Se nos posicionamos como simples espectadores da vida, seremos passivos e obedientes no exercício cotidiano do viver. Pode-se dizer que alguém assim não vive, é vivido, pois aquele que pensa em si conhece o que sente, pensa e faz. Muitos vivem como se fossem expectadores que não leram ou escutaram nada do que o diretor de uma peça de teatro propõe; e, ainda que tivessem em conta a informação, sucederia o mesmo porque omitem o conhecimento da própria história organizada pelos mitos familiares e tudo mais que vivenciaram. É evidente que o autor é o único capaz de entender sua própria idéia, porque ele mesmo adverte que sua vida é um reflexo de seus próprios pensamentos. Esta falta de clareza se observa no modo como muitas pessoas vivem. Elas vivem com a impressão de não estar tendo um bom desempenho ao interpretar vários personagens que são: na vida amorosa, no estudo, no trabalho, na vida social. Na realidade, em suas atuações não parecem estar vivendo suas histórias senão como robôs, repetindo um roteiro organizado por outros. Não se vê intenções em seus diálogos; a maior parte do tempo falam em um mesmo ritmo, sem emoções, sem originalidade, como se estivessem repetindo o que escutaram sem processar pelo próprio pensamento e crítica. Mostram que a vida é entediada. Manifestam confusões, pois misturam a obediência a modelos forâneos a uma devoção a modelos estrangeiros as suas pretensões ou interesses incorporam conselhos de muitos que estão ao redor e o último que fazem é escutar-se, quando o fazem. Na maioria das vezes, as pessoas abandonadas à própria sorte quase nunca se apóiam em si mesmas pelo que tenham de melhor. Ao contrário, exaltam o que têm de pior, expondo-se aos demais como alguém frágil e inferior. O ser humano é capaz de ser seu pior inimigo porque se lança os maiores insultos cada vez que comete erros

típicos dos humanos. Porém, ao mesmo tempo, é capaz de perdoar seus ofensores com uma facilidade de dar medo.

Basta uma pequena observação para se ver quem está contente com sua vida. Os que vivem olhando para o chão carregam o olhar triste, e suas almas vazias, buscando morada, sofrem diariamente como se carregassem a tristeza nas costas. Sente-se quem festeja a vida. Eles têm marcas no lugar de sorrir, falam da esperança e são capazes de distribuir generosidade e partilhar o amor.

Em cada família, trabalho, um ou dois trabalham e se esforçam por fazer da vida uma fonte de bem estar; todos os demais são profetas do apocalipse. Suas intervenções são invejosas, escravizantes. Portanto, cuidar de si é preparar-se todos os dias para, com graça, elegância e leveza, intervir dentro do conjunto da existência, levantando uma energia construtiva.

Nessa história de viver, o centro das atenções é para as pessoas, apesar de, curiosamente, elas serem relegadas. Vale a pena ver com quem cada um vive o cotidiano. Quem constrói, destrói, engrandece, empobrece, alimenta medos ou esperanças. Com muita frequência no viver cotidiano se priorizam as urgências; depois, as importâncias, depois as obediências às regras, às exigências, às culpas, às desculpas e, por último ao cuidado e exame de “si mesmo”.

De fato, a sociedade espera que cada um obedeça e se adapte ao conjunto de aprendizados que compõem a educação, pois a fragilidade dos seres humanos os faz dependentes durante muitos anos, não restando senão que aceitem o modelo do outro como salvação. A este fato biológico se soma a cultura que exalta o outro como modelo. Na educação familiar, sempre se compara os filhos e amigos exemplares àqueles que decepcionam. Ao mesmo tempo, quase nunca se exalta o positivo de cada filho; ao contrário, assinalam-se suas faltas e equívocos, criando uma cultura que destaca o negativo. Essas marcas fazem devedores a crianças e jovens. Muitas delas acompanham os humanos até a morte. Por esta razão, a incorporação de um modelo depreciativo que exalta o erro nos impede de tomar-nos como exemplo para nós mesmos, e, quando nos olhamos, é para tentar reparar algum equívoco com culpabilizações e castigos. Quem pode valorizar-nos mais que nós mesmos? Do mesmo modo como afirmei anteriormente que podemos ser nossos piores inimigos,

podemos, em contrapartida, ser nossos melhores amigos. Podemos lutar para reconhecer-nos bons e úteis, fazendo-nos valer para ser a harmonia de um conjunto dentro do sistema.

Se o ser humano é o centro de sua própria existência, isso o fará funcionar com esperança, com emoção, com investimento. Pois, ao investir semelhante capital destacará o amor, a paixão, o interesse em produzir. Por isso vemos algumas pessoas especiais motivando seus ambientes com a arte, com as técnicas e com novidades transformadoras da existência.

As pessoas que mais êxito alcançam são aquelas que têm coragem; destemor. Ou seja, elas administram seus medos, ao invés de negá-los. Expressam seus desejos com contundência ou com privacidade, porém os expressam e vivem e realizam o que está a seu alcance. Não temem a felicidade. Para compreendê-los não se necessita de interpretações de nenhum tipo, bastando observar-lhes e degustar-lhes, porque esta gente é a que constrói os êxitos da humanidade, a que perpetua o amor e a que cria redes de solidariedade. Quando o observador é capaz de sentir isso através dos Encontros Humanos, quer dizer que o *um* soube expressar claramente e logrou uma comunhão com o *outro*. *Este é o fundamento da partilha, este ato duplo de generosidade, que constitui o diálogo e o silêncio consentido e compartilhado.*

Visto que a criatividade é uma forma vital para a existência, podemos entender que é possível estendê-la a todas as pessoas, pois qualquer um é capaz de amar e criar; e que o amor a si mesmo é mais que um narcisismo depreciativo; ao contrário, ele é a expressão de respeito e uma revelação mais ou menos consciente de que não se admite os maus tratos ou o abuso de poder por parte de aqueles que o cercam. O amor por si mesmo é uma forma de impor respeito aos demais. Aqueles que renunciam à consideração por si mesmos expressam aos outros que são um território abandonado, esperando a invasão. É impossível traduzir o impacto que uma ofensa ou humilhação provoca; mais difícil é percebê-la se ela vem disfarçada de ajuda ou benefício paternalista. Nos ambientes de trabalho, este tipo de relação costuma abrir espaço para os superiores subjugarem os comandados, negando-lhes o status de sujeitos e usando-os como objeto, descartando-os depois porque ninguém valoriza a quem se deixa manipular. O destino do manipulado é o desprezo.

O cuidado de si mesmo deverá levar em consideração que, para o benefício pessoal, não se deve enfrentar o mundo ou os mal intencionados, mais importante é aprender a defender-se deles sem confrontos, muitas vezes investindo neles a *indiferença*, ou seja, o *nada*. Não há que lhes dar lugar para que se vitimizem, pois costumam fazer-se de frágeis para culpabilizar os que deles se querem livrar. Outra consideração é que aquele que usa o outro supõe saber quem ele é. Então, cada um “inventa” um personagem que ele “acredita” sermos nós, que o outro é. Ou se lhe confirma a fantasia, ou se o faz ver com a própria originalidade quem se é. Ou seja, há que dizer aos outros que parem de “inventar-nos”; e que, se querem conhecer-nos, que estabeleçam conosco relações, pois as relações só se constroem com partilhas, convivências, e muito “estar junto”, diferentemente dos encontros que se caracterizam por serem efêmeros e ocasionais, cheios de lacunas e de pressupostos. O fato de alguém coabitar não significa que conviva.

A mistura, o enfrentamento, a justaposição das histórias determinam os encontros e desencontros humanos. O que os articula são as expectativas.

Elementos agradavelmente surpreendentes convidam a emoção positiva a manifestar-se, ainda que uns se excitam e desejem voltar a encontrar aqueles que os maltratam e desvalorizam. Dessa forma, percebemos que o viver não é coerente com as regras do bom senso. Idealizamos a idéia de que todos buscam o melhor, e, entretanto, mais além das intenções, vemos gente que se une pelo ódio ou pela subserviência.

Para além dos discursos, das filosofias, da ética e da estética, a emoção pode ser percebida por qualquer um que se encontre aberto a recebê-la. As emoções são universais, estão em todos sem exceção. Portanto, qualquer um com o valor suficiente para submergir no mais profundo e inconsciente de si mesmo pode viver intensamente essas emoções.

Viver é uma tarefa difícil. A vida não perdoa aqueles que com ingenuidade pensam que ela possa ser construída com imprevistos.

Sem projeto ou planejamento pouco se consegue. Se sobre o projeto se flexibiliza a abertura para o novo, surge alguém dinâmico valorizando seu existir. Cada um deve aceitar suas limitações, porém também aceitar suas capacidades pessoais. Diminuir as exigências permite

que se realizem muitos desejos, já que ainda que de uma forma limitadamente humana também se pode exercer satisfatória e prazerosamente um sem número de atividades e ações. Não se necessita ser um campeão para exercer um esporte com prazer. Qualquer um com uma proposta honesta de valorizar-se pode desenvolver-se em algum setor da vida, se sua entrega é total ao momento de viver. A vida convida, todo o tempo, ao aprendizado. Todo o difícil que possa ser o viver pode ser superado com esforço e determinação, ou seja, com paixão.

É preciso buscar encontrar no profundo de si mesmo ou em alguém que nos ame o desejo de ser escutado nas emoções sentidas, e de achar a identificação com os outros; ou seja, é preciso promover encontros, a comunhão e a partilha. E, não nos deixemos iludir, é necessário, para alcançar-se o êxito, aprender a generosidade de presentear aos demais com os conhecimentos adquiridos por esforços e dedicação. Assim, o viver, por mais difícil que seja, será recompensado.

O conhecimento ou reconhecimento de cada um sobre seus valores intrínsecos e seus direitos é uma fonte infindável de alimento do desejo de viver e de gozar a vida como algo muito especialmente nobre.

A passagem de uma espiral descendente para um futuro cheio de promessas depende do cuidado de si. Isso significa ampliar o conhecimento, rompendo com certas idéias estereotipadas acerca do próprio passado ou presente, reavaliando o valor que cada um dá à própria vida ou a si mesmo. Portanto, cuidar-se é algo mais que se fazer mimos supérfluos, emagrecer ou comprar coisas. É uma vigilância permanente para não cair na tentação do enganar-se e aceitar ser enganado pelos parasitas que se alimentam de nosso existir.

Como sabemos, existe uma expansão mundial no consumo de drogas; a depressão e o stress aumentam a níveis alarmantes; a insatisfação com a vida leva muita gente a pensar em cometer suicídio. Os que se dedicam a tratar e trabalhar essas situações devem exaltar os indicadores de saúde como formas preventivas de estimular o viver entre gente sadia, bem como estimular a criação de ambientes livres de maus tratos e ódios permanentes.

**ACERCA DAS ARTES DO CUIDADO**

**-A INEXISTÊNCIA DE CANAIS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL-**

A perpetuação da miséria, o desamparo, a pobreza e a exclusão social são formas de matança, são genocídios, são filicídios, são desumanidades autorizadas por uma elite educada que as mantém. A manipulação dos grupos humanos gerando fenômenos de massa como estes é freqüente nos países ibero-americanos. Somente a solidariedade dos grupos que criam redes poderá neutralizar esta globalização do menosprezo que determina e atropela os destinos desta parte da humanidade.

Dar-se o bem estar é como “fazer-se um presente”. Ou seja, oferecer-se cuidados. Estas coisas não acontecem comumente, pois a solidão de todos impede que solidariamente desde o compartilhar, o servir e o cuidar do vizinho, compartilhando o instante, a proximidade dos corpos lado a lado, no jogo da ajuda entre os participantes de um ato de vida, ocultados da reciprocidade e de acolhimento, a assistência que se demanda, é sem retorno (eu creio que por limitações e perda da saúde e da capacidade de amar). Em parte é uma demanda de doação, expectativa de uma aliança, uma atenção a um pedido de socorro para preencher as carências da alma e do corpo, um agasalho para uma alma cansada de dormir sozinha nas casas e nas ruas sem os abrigos que protegem e dão a segurança.

Porque tiveram mãe conhecem a hospitalidade que celebra o encontro entre os humanos. Por outra parte sabem que o acolhimento e a doação criam cenário para uma cerimônia de partilhar os frutos, de saciar a fome de ser cuidado e ternamente embalados. Eles sabem que isso existe porem não crêem que ressuscitem, a esperança morreu abatida a tiros numa marcha silenciosa de protesto e a crença no outro caiu doente na última greve de fome.

Aprender nas práticas e nos conhecimentos a arte dos cuidados requer uma coragem de desafiar o impossível, de virar a cara para arrogância dos indiferentes, é perder a vergonha de identificar-se com os excluídos, é ter a pretensão de querer transformar o destino dos outros em pouco tempo e sem maiores razões além de mostrar-se gratos compartilhando um momento da vida com o outro. Aos degradados lhes resulta a total ausência de reconhecimento. A cada aproximação que lhes identifica como sujeitos de sua historia eles se sentem sem entender esse lugar que é deles porque não se reconhecem com um valor mínimo a ser levado em

consideração por ninguém: Costumam perguntar: Por quê eu? E isso nos indica que recuperar a dignidade é muito mais que lhes tratar momentaneamente com respeito ou conseguir um emprego onde eles sejam reconhecidos pelo patrão.

A incorporação da dignidade é uma profunda prática de cuidados e direitos exercidos.

Uma antropologia psicanalítica decodifica e confirma o valor do histórico na construção da personalidade dos humanos. Somos constituídos por modelos de identificação. Ainda que a psicanálise exalte o exame do passado para poder começar de novo, a sociologia nos avisa que há momentos em que devemos esquecer o passado e enfrentar-se a aventura de buscar novos indicadores de vida, garimpar a novidade criando uma nova leitura e uma nova compreensão do mundo. A perpetuação de determinados mitos leva a reincidirem equívocos, porque eles perpetuam medos e preconceitos. É fundamental que não se carregue a vida como uma dor irremediável do equívoco, e inaugurar o direito de criar a esperança em desenvolver novas formas criativas, uma espécie de começar sempre outra vez, instaurando o direito humano da política das segundas tentativas, mantendo a convicção de que entre o não fazer nada e o fazer alguma coisa mais vale a segunda. Compreender quando surgem as oportunidades é fundamental para não se perder o “trem da vida”.

A inexistência de canais de participação social, denuncia os vazios. O consumidor que ocupa o lugar do cidadão (Ignacio Lewkowicz: *Pensar Sin Estado, Espacios del Saber, Argentina, 2004* ), descaracteriza a existência e a autonomia, o excesso de informação que leva à falta de conhecimento, a indefensabilidade dos pobres e marginalizados convertendo-os em números, considerados o nada.

Nas comunidades mais pobres há umas variantes na dinâmica familiar como os deslocamentos do pai à mãe na liderança e como figura dominante da família., uma certa liberdade das crianças, uma luta diária pela sobrevivência, as relações sociais são mais amplas. Não há dúvida de que as pessoas que tem família com mais estabilidade, um período mais longo de infância convivendo com seus pais, ainda que com cuidados limitados, quando a pobreza se limita ao econômico, as gentilezas, a dedicação e o carinho organizam nos membros da família uma defesa mais forte para enfrentar o mundo extrafamiliar e as adversidades da vida que



entre os pobres são constantes e às vezes intransponíveis. Esses personagens não são imaginários, são reais, trata-se de gente verdadeira.

A desqualificação da figura feminina desde o ponto de vista do homem que a faz objeto, traz uma complicação muito grave na identificação que os filhos venham a ter com essa mãe. As mulheres identificadas com elas têm uma ambigüidade grande porque a vêem frágil, submetida e entretanto a incorporam como símbolo, a vêem muito forte a ponto de aceitar a relação de um homem que a maltrata, mesmo desprezada trabalha e mantém os filhos, e os educa e alimenta, então como resultado se estabelece uma relação de ambigüidade frente a essa figura que ao mesmo tempo é divinizada e desprezada. A concepção que esses filhos terão mais tarde com respeito a mulher não pode ser de outra forma senão ambivalente. Exercem a sexualidade como homens por um lado levando-o a aprisionar o corpo da mulher como se fosse seu território e pelo outro como a descartando e maltratando-a como um objeto sem valor. Os Sicários na Colombia, matam identificados com o pai violento, porém ao mesmo tempo são salvadores da mãe, é quem lhe dá abrigo na casa e a hospitalidade que o pai não soube dar. As mulheres identificadas com as mães submissas engravidam ainda adolescentes como suas mães e avós, e os homens como cristos se crucificando pelas madres oferecendo suas vidas para salvá-las.

A maior parte dos abandonados, explorados tem uma historia crônica de exploração; patrões, governos, bancos, políticos, grupos maldosamente agregados pela chacota e o deboche para abandonar aos excluídos sem emprego, sem saúde, sem educação e sem segurança social.

Esta é a construção do *estar atirado aí* (população sobranete no contexto atual): população desativada, por reiteração e prolongamento histórico do estado de desocupação, quarta geração sem ocupação alguma, como nos ensina Arturo Sala. Que leva a que:

“...se ha fabricado a un ser pobre/carenciado equivalente dentro del modelo medico hegemónico al paciente, un ser bien sujeto. “Asujetao” a un discurso inmódo que le sustrae la palabra. Su sentir, su dolor, sus sistemas de creencias, sus valores espirituales.

En suma, la perversión que conlleva todo modelo hegemónico, toda institución disciplinaria, característica de lo que Foucault denominara instituciones de

secuestro, las que sobreviven en la ignorancia de que tanto el desarrollo concreto como la defensa de los derechos humanos sólo pueden ser entendidos desde una fenomenología del ser.

Esta promoción del saber como poder, se relaciona con aquello que Foucault caracterizara como *poder epistemológico*, es decir, *aquel que se empeña en extraer un saber de y sobre estos individuos sometidos a la observación y controlados por estos diferentes poderes.*”

A ausência de sonhos a defino como uma patologia da ambição. Quando alguém perde sua capacidade de sonhar é porque renunciou a autodeterminação de sua vida. A colonização do outro se dá por invasões mal disfarçadas de educação coletiva e formal. Para isso se usam as armas ideológicas do convencimento que manipulam saberes que mitificam o supérfluo e condenam as virtudes à categoria de um objeto de consumo protegidos por alguns desprezados chamados de sonhadores e utópicos. Aqueles que crêem na esperança são tratados por esse modelo como incapacitados sociais porque crêem em seus direitos e desafiam as populações que só pensam nos lucros, vivem de manipular a todos. A dimensão de homem que sofre de esperanças, ainda que o queiram transformar em idiota passivo, envergonhado de ser portador da indignação, os tratam com preconceitos e indiferença porque eles falam em voz alta aquilo que os demais querem fazer calar. Esse sonhador, é blindado, inventa a resistência e volta cada vez mais imune como o homem da tolerância que cria e recria a luta. Ele tem o dom de suportar e ter paciência (como dizem os expatriados palestinos). Foi treinado para exercer a recusa ao servir, seu rompimento com a servidão lhe permite tornar a vida suportável já que o provisório ocupa todo o lugar do durável.

A pobreza e a humilhação diária são dolorosas. Comparado com as guerras essa matança diária deixa marcas inesquecíveis. Trata-se de crimes contra a humanidade. Vivem da recusa do outro em considerá-los gente-como-a-gente. São considerados imbecis, corrompidos em seus direitos e exigidos a cumprir a todos os deveres. Essa pobreza vergonhosamente imposta aos habitantes dos países Ibero-americanos é uma condenação, resultam de dívidas e assaltos feitos por governantes vende-pátrias e por países assaltantes, e que cada pessoa acostumou a levar como parte da anatomia, se fez parte da pele morena castigada por ser negra e índia ou sadias mesclas. Esses excluídos querem somente ter

uma vida, viver uma vida. Entretanto se lhes nega o direito de viver. Curiosamente eles criam resistência aos vírus do abandono e do pouco caso que se lhes faz e seguem resistentes aumentando o impasse da diferença de classes e oportunidades. Aumentam o número de filhos como que se defendendo da tentativa genocida de extermínio. Inventores de um espírito de resistência à injustiça, dessa forma criam memórias que lhes sigam identificando com seus referenciais históricos, escapam ao *memoricídio* (termo usado por Christian Salmón: em Sabreen ou a Paciência, no livro Viagem a Palestina, Págs.100-101, Ed. Ediouro, Brasil, 2004):

“A paisagem é um espaço de signos e de pontos de referência. Uma página que se pode ler, na qual se pode reconhecer uma história. A primeira coisa que choca e machuca o olhar quando se chega à Palestina é a mistura generalizada da paisagem. Perda de referências. Desorientação. O que se vê em ação ou em via de constituição não é a criação de um acordo comum de um Estado (palestino) ou binacional, ou dois Estados (israelense e palestino), mas o esfarelamento da paisagem, a dissolução da paisagem. A abolição do território...”

Não é a primeira vez que rebatizam os lugares. Que substituem o nome de uma rua ou de uma cidade por outro. Que desfazem e refazem os acidentes geográficos. Na Bósnia, chamavam a isso de *memoricídio*. Porém aqui não se contentam em mudar os nomes. Desfazem os lugares. Florestas. Colinas. Estradas...É o próprio território que é objeto de desfiguração. A geografia, dizem, serve primeiramente, para fazer a guerra. Na Palestina, a guerra serve sobretudo para desfazer a geografia.”

Essa desfiguração é uma estratégia de países e de elites interessadas em desocupar o lugar de pertinência dos menos favorecidos. São formas sutis de apropriação indébita do direito do outro. Porém isso está feito de uma forma tão sutil que o colonizado, ainda que expatriado de seu território e seus direitos não sabe disso, pensa que é assim mesmo e que não teve sorte na vida e que não surgiram as oportunidades por falta de sorte, ou porque melancolicamente crê que não o merece. Ocupa-se todo o referencial, alcançando se apropriar do espaço e do tempo do excluído.

Eles vivem de intercâmbios de esperanças, com ajudas ocasionais que permitem à pobreza não se transformar em miséria ou melancolia, a participação, a reciprocidade, a doação, o acolhimento, a partilha, o pacto, o amar e ser-amado, são a acolhida que organiza códigos de sobrevivência e de adiamento do desejo de abandonar-se a morrer. Juntam-se para aumentar a natalidade e pôr filhos em sua solidão e celebram o milagre do gozo doado pela natureza, nesse acolhimento as mulheres amamentam aos filhos e lhes dão hospitalidade em seus peitos inaugurando neles a cerimônia de compartilhar os frutos, de saciar a fome e comer-lhes pedaços. Inventora da Ética do compartilhar, essa mulher doa a seus filhos restos de esperanças como herança única de seu miserável existir.

Entre tantas globalizações, a universalização da partilha e da dignidade se faz urgente: “Por cima das instituições destinadas a proteger o direito, as pessoas, as liberdades democráticas, há que inventar outras destinadas a discernir e a abolir tudo o que, na vida contemporânea, achata as almas debaixo da injustiça, a mentira e a desonestidade. Há que inventá-las, pois são desconhecidas, e é impossível duvidar acerca de se são indispensáveis” (Simone Weil – Escritos de Londres citada por Arturo Sala)

A rotina da vida das pessoas está posta em investir no engrandecimento pessoal, o cuidado de si. Devemos estender esta meta para criar redes de cuidados com os outros, uma ética de cuidados que amplie a ação e o compromisso para cuidar do outro como a si mesmo.

Há que criar dispositivos de proteção contra o desapego e a vergonha da origem. Há que resistir a essa história organizadora e não optada que rompe e desvaloriza a perda dos direitos pessoais. Como consciência de si mesmo levar a renunciar a submissão que legaliza o pouco caso dos demais com a gente, e que determina o pouco valor e o vazio que orienta as depressões sociais. A recuperação de uma perspectiva de futuro só é alcançável se olhar para diante, os deprimidos limitam seus horizontes e ampliam sua solidão excludente. Não confiam em si mesmos, permitem aos demais lhes dirigir a vida e os desejos, pois são como invasores apropriando-se do existir do outro. A tomada de consciência é o dá ao ser humano o sentido da existência, resignificando a vida e o viver.

“O trabalho social como pratica de uma antropologia concreta –desde a liberdade de haver elegido uma forma militante de servir, antes que uma prática profissional liberal–, nos desafia constantemente a alcançar um mais de humanidade, um mais de dignidade, um mais de cuidados compartilhados, um mais de responsabilidade. Ou seja, um compromisso vigoroso no aprofundamento da gestão do conhecimento nas artes do cuidado e do desenvolvimento. Dimensão da prática compartilhada entre seres plenos, ainda que se lhes tenha tentando reduzir à categoria de penduricalhos, ainda que se os queira apresentar como objetos descartáveis. Reunidos desde a dignidade e centrados na recuperação do princípio de justiça e o reconhecimento dos ultrajes cometidos para enriquecer a vitalidade da memória coletiva.” (Arturo Sala: *Las Enfermedades de la Pobreza y la desocupación como sistemáticos dispositivos genocidas*, en *Antropología, Cultura Popular y Derechos Humanos*, pp. 66-67, Ed. Espacio, Argentina, 2004).

*Sabreen* é o termo mais usado pelos palestinos, significa “*aqueles que tem paciência*” e Christian Salmos o disse uma noite no hoje destruído teatro de Ramallah: “Porque vocês têm paciência, é que o futuro lhes pertence”. (Viagem à Palestina, p.113, Ed. Ediouro, Brasil, 2004).

Há que criar coragem e ambicionar mais, ambicionar sonhando, sonhar o sonho dos excluídos, povoado de comida, cobertor e teto, perspectiva de futuro com um porvenir a ser esperado, criar manhãs para ter algum futuro, alguma segurança que se podem organizar redes de solidariedade com crianças e adolescentes absolutamente excluídos e vitimizados, um lugar especial para os sem saída. Este e outros sonhos que mobilizem a alma à criatividade.

Como se criar redes de ligação com a vida para os desesperançosos?

Dói aos trabalhadores sociais, Sejas eles médicos, enfermeiros, educadores, voluntários (cuidadores de gente) ver-lhes nessa trama premeditada a desorganizar-lhes os sonhos e utopias, o pior é que são batalhões de crianças e jovens sem futuro, quero dizer, não se pode aceitar simplesmente que seja assim, por isso há que lhes emprestar nossa voz e nosso grito, pedir socorro para organizar-nos em produções, ações solidárias, escritos, propostas vivenciais, alguma coisa que nos faça

participantes ativos do existir deste mundo injusto que lhes tocou viver. Deixar que nasça ou que cresça a esperança de que um pouquinho, ainda que seja, se mude de tudo isso.

Faço recordar que cresce a pobreza, a discriminação e a miséria no mundo inteiro. Esta condição impõe vicissitudes no comportamento dos grupos humanos. Cresce a força do trabalho alternativo criando-se uma enorme economia informal. A união pela sobrevivência trouxe um incremento da capacidade de amar na adversidade, e curiosamente, ao contrário do que se vê na classe média, entre os pobres e os miseráveis há a primazia do bem estar do grupo sobre o bem estar individual.

Essas coisas ainda que simples significam que pelo menos existe organizada uma rede entre duas pessoas ou mais, redes de solidariedade com crianças e adolescentes e seus pais, ou substitutos que cumpram com esta tarefa de presentear-lhes o Amor Não seria esse o papel fundamental que nos organiza? Começo a crer que sim, passamos a vida inteira a esperar por isso, ainda que sem dar-nos conta.

Conhecer os absolutamente excluídos e vitimizados, os sem saída, esses e outros como os camponeses, gente simples, populações pobres curiosamente mobilizam a alma e a criatividade, permitem uma arqueologia da partilha e das saídas solidárias, há muito esquecidas pela elite educada que se refugia detrás das grades evitando o vizinho.

Como se criar redes de ligação com a vida para os desesperançados?

Que questão! Pois ela transcende ideologias, o mensurável e o considerável da vida que vivemos e nos acostumamos a aceitar. Chega às fronteiras da miséria incorporada promovendo novas categorias para a depressão, que vai mais fundo que a construção cinza da patologia individual e pessoal, ela atinge lugares sociais e constantemente avisa todos os dias para esse grupo de atingidos que existem a exclusão e a não esperança. São humanos excedentes aos quais ninguém dá importância, e o pior, se sabe que nunca vão dar, são sobrantes do capitalismo selvagem. É um povo que não pode nada, desposuído de qualquer traço de identidade, aculturado, sem nome e sobrenome, discriminado, desativado.

Motivado por esta e outras questões o trabalhador social é pressionado e se misturam as propostas de trabalho e de vida, não sabe onde começa uma e termina a outra, porém é muito difícil viver numa classe

social, desfrutar tudo do melhor do conquistado socialmente, e ao mesmo tempo cercado de excluídos. Não chega a constituir-se numa culpa social, entretanto se perde o apetite quando um esfaimado se lhes aproxima. Não gosta vê-los assim porque é como se fosse necessário reformar o mundo e se sabe que isso não resolve nada, apenas deprime. A versão da indignação, faz escrever coisas para e por esta humanidade sem voz, esses sem palavra-escutada. A bondade será sempre insuficiente para a necessidade do outro.

A pobreza freqüentemente promove melancolias na população que acaba acreditando-se culpada de seu estado e cria uma sub cultura e isto afeta a participação dos membros dessa classe social em acreditar que se pode lutar para superar a cultura da pobreza.

Nas relações interpessoais não se produz um sistema de valores que sustente o valor das identidades pessoais, eles estão sub-presentes em tudo, subserviência, subvalor profissional, impossibilidade de sentir-se orgulhoso de si mesmo.

É praticamente nula a comunicação na maior parte dos países entre a elite educada e a pobreza abandonada. Porque a própria natureza hierárquica de uma sociedade inibe a comunicação entre eles. Esta Iberoamérica acostumada ao roubo e ao extrativismo, aculturada e desangrada fazem 500 anos, esfoliada em seus bens, teve sua população indígena dizimada, seus bens seqüestrados, sua identidade violentada.

Por isso, qualquer nova via de participação teria que levar em consideração que há que criar novas oportunidades educativas que diminuam as diferenças de níveis.

Quando a alma entra em descompasso e o corpo perde o passo o inevitável desencontro provoca confusão, discórdia, provoca insatisfação e as pessoas sem saber se correm para o lado do corpo ou da alma, assistem o conflito entre lágrimas e sofrimentos, na solidão de quem é especialista em dor. Optam entre a vida e a morte, uns se aproximando dos anjos outros fazendo pactos com o diabo, uns fazendo promessas, outros recorrendo às farmácias, doutores, remédios, outros esgotando as fontes de ajuda entre os vivos vão ao cemitério apelar aos mortos. Os que rezam e crêem, levam as cruzes que a cada dia ficam mais pesadas e a vida não se a leva satisfeito e os risos se escondem de vergonha e os prantos se mostram

mais permitidos em função da profusão de tristezas e do acostumar-se às desgraças.

Com tantas solicitações e respostas internas às mesmas de sempre, entre ordens e desordens que fazem criar e recriar a esperança e a raiva pela omissão. É como se a cada dia se negasse à hospitalidade com novidades para cada novo ser que nasce e cresce no abandono. Apesar do abandono em que vivem todos os que estão na miséria e no trabalho social, surge uma fonte inesgotável de idéias e novos interesses. É quase um estado de enamoramento ao avesso, que atrai e hipnotiza nos pesares e nas identificações com a tristeza calada que muito pouco oferece à demanda constante de qualquer migalha.

O ser humano poderá seguir sendo humano? Estas e outras questões as tento responder não à luz da filosofia, mas desde a antropologia e da psicanálise social. Tarefa nada fácil, porém desafiadora e misteriosa por levar dentro de si muitos labirintos, equações e incógnitas.

### **UMA ÉTICA DE CUIDADOS (PARA OS CUIDADORES)**

*“...não se trata de escrever poemas, mas de tratar de viver poeticamente.”*

*Baudelaire*

Entre as muitas tarefas da educação está aquela que acredita que a forma de transmissão do conhecimento deva ser feita de forma a estabelecer uma relação de harmonia entre as pessoas envolvidas no processo educativo. Sabe-se que nos encontros violentos e insanos também se aprende; porém, não é exatamente isso que se espera de um encontro programado no ensino formal, dentro da escola ou da casa familiar. Portanto, as presenças tranqüilas, bem definidas em seus papéis, com fins comuns abrem espaço para um Encontro sem surpresas e sem violências. É preciso, sempre que possível, evitar a tentação do mito que faz crer que uns sabem mais do que outros, e que uns são mais capazes que outros, e que alguns sabem e outros; não. É que a avaliação é para uns, e não para outros. Se vencermos esse mito, podemos fazer desses espaços



de educação ambientes nos quais os limites sejam para todos, inclusive e principalmente para o educador.

A escola é um lugar para a *convivência pacífica das ignorâncias respeitadas*, lugar onde se deve oferecer um espaço para aprender-se a existência de *um saber construído a dois, ou a vários*. Esse é o lema principal a ser adotado em qualquer lugar onde se pretenda realizar educação e aprendizado. É muito importante que neles os encontros produzam angústias suportáveis, com um mínimo de culpas e de maus tratos. De preferência, a intenção deve ser exterminar estes últimos, responsáveis pelas fugas sem retorno. A frequência deve estimular o encontro do dia seguinte, em lugar do controle do relógio que anuncia o término do tempo suportado e das convivências não desejadas.

As crianças e os jovens que vão ser educados já passaram por vários caminhos e várias experiências induzidas, razão que nos faz supor acerca de sua capacidade para saber muito bem o que significa conviver com os adultos; já sabem o que esperar deles. Sabem da exigência destes quanto ao que eles mesmos não cumprem. Sabem de seus desconcertantes e inexplicáveis maus humores, que só aumenta o medo e as tensões. Os mais jovens jamais lhes pedem proteção, porque não desconhecem que pouco têm para oferecer, e que o lugar do amigo e do protetor não é ali. Aprendem rapidamente que se alcançam umas harmonias sustentáveis, nas quais possam cumprir o ritual de ir à escola por doze anos, já é o suficiente para a aprendizagem de conviver com o imposto, aceitando-o como inevitável e inexorável ritual de “aprender as regras do mundo dos adultos”. Esse princípio lhes permite aprender as formas mais toleráveis do existir. De posse desses conhecimentos, organizam sua coragem para viver no mundo. Do contrário, aprenderão, desde muito cedo, a caminhar no deserto das relações não exercidas e dos diálogos que cedem seu lugar à tentativa de conversa através de dois monólogos, abandonando a tão sonhada construção do diálogo cultural, única salvação para a verdadeira identidade.

A ditadura do comportamento impõe olhar-se a partir do outro. Impõe a obediência, o que leva ao aprendizado da escravização voluntária. A submissão ao outro compete com o cuidado de si mesmo ou com o amor pelo outro. Cria-se um embate onde era para haver uma relação de harmonia e satisfação. A tensão, a angústia e o sofrimento constante

predominam devido ao temor de decepcionar a um modelo que exige perfeição, ausência de erros e de fragilidades. Por isso, cada vez mais, é importante compreender o papel da educação, para que os maus tratos e dores adicionais não se perpetuem.

As necessidades humanas não se satisfazem pelo conhecimento dos conceitos se estes não estão vivenciados e transformados em atitudes de coesão.

A alma livre ama melhor e mais sinceramente. Não se pode obrigar, nem tampouco negar a ninguém o experimento dessa forma tão humana de existir e desfrutar das relações humanas. Somente por compromisso, ninguém alcança dar o melhor de si mesmo, nem tampouco por obrigação receber o melhor do outro. O amor e o encontro humano não podem ser obrigatório sob pena de, em instantes tudo acabar-se. Seria como se alguém tirasse o caminho dos sonhos e impusesse uma realidade desagradável, dura e violenta.

O presente dá fundamento à vida, e isso consiste em preparar o espírito para fazer dos instantes especiais algo mais duradouro, ainda que seja na memória. Que os instantes sejam para fundar o amor e para sabermos que ele existe e para restaurar a esperança, pois todo o ser está em construção a cada instante. Quando uma situação traumática ou uma alegria ocorre, chega encontrando uma estrutura minimamente preparada para recebê-la. Os frágeis se quebram até com boas notícias, enquanto os mais fortes saem adiante, apesar das grandes perdas. Ainda que se saiba os fracassos repetidos desiludem. Entretanto não se resignam à pobreza aqueles que seguem acreditando na vida, não aceitando o papel de degradados que a realidade alguma vez quer impor. A perseverança em recorrer aos sonhos marca uma diferença entre o homem que sonha e aquele que se enamora dos pesadelos.

Necessita-se de educadores que não se contentem em ensinar, senão que queiram persuadir o aprendiz a interessar-se por vivências que o enriqueçam.

A falta de tolerância com as diferenças e a falta de valores denunciam, cada vez mais, este enorme hiato social que gera benefícios parciais.

Se as relações entre os da mesma espécie é contenda, acaba o calor que mantém as raízes e a continuidade da vida através do amor. Se

essas mesmas relações são medidas pelo compromisso e pela solidariedade, estão plantadas as possibilidades de socialização, princípio fundamental da educação.

O compromisso da educação é, hoje, muito mais para ajudar na desconstrução deste mundo ficcional que valida um viver sem valores, que propriamente para construir um saber formal. Viver é antes de tudo uma experiência com-vivências. Este sim, o verdadeiro propósito do educar.

## **ACEITANDO A VULNERABILIDADE**

*“A publicidade é cadáver que ri”  
Oliviero Toscani*

Define-se como vulneráveis os que vivem expostos ao risco e ao perigo e que sucumbem aos estímulos internos e externos, desenvolvendo distúrbios de conduta, sintomas e transformações patológicas em sua evolução.

Nos primeiros anos de vida, o ser humano organiza suas impressões do mundo em conformidade com as referências de seu redor. Sua organização dependerá de como seja cuidado, importando-lhe saber-se querido e apoiado. O conceito de *Aceitação* significa que ele, ser humano, é bem recebido e aceito por aqueles que lhe deram origem ou por parte daqueles de quem depende para sobreviver. Essas bases permitem que ele se reconheça como sujeito social e adquira uma auto-estima que o capacite a superar os riscos com mais facilidade.

O equilíbrio é alcançado quando há *Referenciais de Constância*. Estes se organizam quando alguém, ou algum vínculo afetivo constante, preferencialmente na família ou substitutos, na casa ou na rua, acompanha o desenvolvimento das pessoas cercando-os de cuidados amorosos. Esta dependência evidencia a imposição da necessidade do ser humano viver como gregário. Não podemos, porém, inocentemente entender que todos os adultos são referenciais amorosos. Devemos considerar que todos estão expostos aos valores educativos daqueles que, com poder de acompanhantes indicam *Vias de Facilitação* para os modelos de uma formação psíquica. Conseqüentemente, alguém criado com discriminação, tenderá a ser discriminado ou discriminador; aqueles que convivem com o abandono e o ódio quotidianos, os incorporarão como modelo, e sua concepção de exercê-lo não lhes causará espanto ou surpresa, pela razão de já lhes ser algo familiar. Os que convivem com a morte por perto, banalizam sua existência e não se espantam quando ela ocorre.

Há pessoas que vivem em meios que estimulam o gozo, enquanto outras ao contrário, brincam com a morte utilizando o risco e o perigo como fontes de estímulo e satisfação. A *erotização do perigo*, a *banalização da morte* e a *heroicidade* são componentes constantes de suas vidas. Por isso mesmo são pessoas que falam e vivem freqüentemente sem consciência das diversas formas de perigo. Existe mesmo uma expressão entre os jovens brasileiros para determinar o gozo no risco: "foi pura adrenalina".

Evidentemente, as fontes de risco são muitas. Alguns fazem das armas de fogo ou dos automóveis, das relações sexuais promíscuas, jogos de azar.

Assim como se considera na série complementar virus-resistência, convém para a questão das exposições a riscos pensarmos no par antitético: *perigo/apego à vida*.

Não há dúvida que todos nós estamos expostos aos piores acontecimentos da vida; entretanto, aqueles que se expõem menos terão menos probabilidades de riscos, e quando, inevitavelmente os acidentes os alcançam, eles estarão unidos à vida. São os que, dentro do possível, se defendem com mais força. Podemos dizer que são pessoas ligadas e comprometidas com a vida.

Que força é essa que é capaz de manter vivas certas pessoas em condições adversas e, ao contrário, expor ao risco constante aqueles que se supõem "ter tudo" para aproveitar a vida? O problema é considerar o material como o "tudo" necessário.

Para a compreensão da vulnerabilidade é pouco pensar em causa e efeito. O funcionamento do psiquismo se dá em uma rede de sentidos que se organiza de uma forma muito complexa para manifestar-se como produto final o gozo ou a erotização do perigo.

Na organização dos grupos humanos sempre se destaca a família como o único núcleo primário na organização psíquica dos indivíduos; entretanto, esse núcleo não é o único. Cada vez mais, é possível observar a interferência nessa organização da mídia. A comunicação de massa vulgariza e banaliza a violência, assim como a morte nos filmes e nas notícias não tem velórios. É uma realidade a justiça feita pela força bruta, ao contrário do uso do Direito. O enaltecimento do herói se faz pela força muscular como valor superior ao pensamento, assim como a hipertrofia do sexo se apresenta como um valor último da relação humana. Estes são alguns dos elementos que dificilmente partem do grupo familiar como um conjunto de expectativas. Se uma ou outra aspiração da família coincide com a indústria da violência, dificilmente coincidirá totalmente. Na indústria das armas, das drogas, do sexo e da opinião, cada um tem um interesse específico formado por gangues, máfias e gente perversa, interessada em propagandear-los.

O uso das armas como forma de solução de problemas é uma aspiração reacionária que arma os grupos uns contra os outros. É sutil essa forma de educação que oferece um sentido aceitável para a idéia de que a morte resolve.

Sendo nossa sociedade influenciada e formada pela publicidade, isso nos leva a focar algo sobre ela. Em seu conteúdo, a publicidade sempre apresenta a idéia da conquista através de alguma vantagem sobre

os demais, e a manipulação de produtos como o tabaco e o álcool levam a enganosa conquista do sexo oposto. Mulher bonita vende eletrodomésticos da mesma forma que vende carros ou computadores. E não é esta uma forma de violência que banaliza o corpo e a vida das pessoas oferecendo-os como mercadorias? Essa *coisificação* permite uma destruição que já não causa espanto. Existem países que se desenvolveram graças à publicidade, assim como grandes nomes foram construídos mais pela propaganda do que por méritos. Elegem-se candidatos, muitas vezes os menos capazes, honestos e aptos, graças ao uso inteligente da propaganda. A formação de opinião através dos meios de comunicação age, hoje em dia como mais um membro formador da personalidade das crianças. Poucas são as famílias que se preocupam com a importância da formação do *Senso Crítico* dos filhos, ainda que toda prevenção em saúde e educação utilize a capacidade de defesa de cada ser humano mediante sua *Consciência Crítica*. Será pela observação atenta, pela capacidade de selecionar e avaliar, que qualquer prevenção organizar-se-á. Além disso, a prevenção depende de que se tenha formado e estruturado a possibilidade de um *Pensamento Seqüencial*. Aqueles sem consciência crítica e sem pensamento seqüencial estão expostos a que se lhes venda qualquer coisa ou que se submeta a qualquer ideologia alheia ao grupo de pertinência. Assim, o traficante adota apenas os sem-crítica, os sem-consciência, os sem-base, os sem-referência.

Quando se adverte a pessoa quanto aos perigos a que estão expostas, costuma-se ter da parte dela uma resposta de pouco caso, como se nos dissessem que com ela não acontecerá nada. Assim manifesta sua onipotência. Porém, muitas são às vezes em que nas campanhas de prevenção o que se vê fazer é uma propaganda terrorista e ameaçadora do viver. Dessa forma faz-se uma prevenção contra a vida, ao invés de uma prevenção contra os perigos da vida. Por isso muitas pessoas não acatam a mensagem da campanha.

Creio ser uma atitude importante para a prevenção dos perigos, o estímulo constante para que as pessoas valorizem suas *percepções*, para que aprendam a respeitar suas próprias opiniões. Há uma tendência no ser humano a depreciar as próprias percepções porque o modelo educativo do ocidente estimula a que se aprenda olhando os outros e não a si mesmo.

Toda educação que aponte para um incremento da *observação* e da *ampliação do campo da consciência* colabora para a prevenção primária frente à violência, riscos em geral, acidentes.

A prevenção como forma de cuidado deve ser diferenciada da *Obsessão Reiterativa da Ameaça*. Esta obsessão é um exagero imaginário usado como “forma educativa”, mas que acaba por impedir o direito de experimentar a vida. Muitos educadores passam a vida confundindo o excesso e o exagero das ameaças com a educação protetora. Convém considerarmos que entra em jogo também a hierarquização que cada família ou educador tenha sobre o que seja primordial ou secundário na proteção.

Há casos em que aos pais lhes parece secundário oferecer o carro para seu filho menor dirigir sem carteira, e consideram primordial que estude para ser aprovado no ano letivo. Outros consideram secundário o uso de drogas lícitas e ilícitas e brigam com os filhos porque dormem demais ou vivem distraídos. Há pais que exigem que os filhos trabalhem para colaborar no sustento da família, mas que gastam inadequadamente o salário conquistado pelo grupo familiar, priorizando supérfluos.

Aquele que põe em risco a sua vida e a vida do próximo, com certeza “diz” com seus atos que algo do gozo da vida não lhe foi ainda apresentado, e mais: se segue investindo no perigo é porque alguma convivência passiva o acompanha, esperando que o pior passe. Está encantado com o risco e tem platéia que lhe faz pouco caso. Muitas tentativas de suicídio são minimizadas até que o suicida se mate. Muitas dietas antecedem a anorexia, muitas comidas forçadas antecedem a obesidade, atos extremos são anunciados durante anos até que ponha em risco a vida.

Assim também a manipulação da informação é aceita passivamente – o mundo da informação está nas mãos de poucos-, considerada lícita. A informação manipulada também educa para a violência quando divulga e prioriza notícias violentas, quando faz e divulga filmes violentos criando um espaço ficcional para as realidades.

Todo estímulo ao consumo e à conquista a qualquer preço é semente da corrupção dos valores. Aquele que não tem a mínima formação crítica fica exposto à influência de qualquer ação desumanizante. Assim se organizam a prostituição, a alienação e outras servidões.

O ser humano que se mantém isolado ou afastado das decisões acerca de si mesmo, sofre a consequência própria do solitário, está mais exposto e mais vulnerável, e preocupado com o reconhecimento e a aceitação dos demais. Pela sedução e pela promessa de satisfação imediata ele se deixa enganar. Assim é o princípio da história de muitas violências sob forma de seqüestro, rapto, violação, fofoca e tantas outras formas de maus tratos.

Falar de vulnerabilidade é falar de consciência de humanidade, pois, enquanto humanos, todos somos frágeis, ainda que alguns mais frágeis que outros. A exposição ao exibicionismo das fragilidades é questão que deveria ser o alvo das ações de prevenção. O exibicionismo merece um cuidado especial, porque todo exposto é mais facilmente atingido.

A condição de vulnerabilidade é mais intensa nos marginalizados (ricos e pobres), onde a desvalorização da própria vida se constitui numa marca registrada, evidenciada no pouco caso com a própria existência; encenam a pouca consideração com que os tratam. Tais pessoas, freqüentemente, não alcançam sequer a condição de indivíduos, pois aquilo que poderia evidenciá-los por sua individualidade fica posto num plano secundário devido à dura luta diária pela sobrevivência e pelo reconhecimento dos demais.

Para enfrentar os imediatismos, tão presentes na vida atual, deveremos introduzir o *Adiamento* como fator de tolerância à frustração, tirando o caráter de *Compulsividade* sempre presente nas situações de perigo.

Não há uma solução para erradicar totalmente os problemas humanos, já que eles não dependem exclusivamente da vontade de transformá-los. Porém, sabe-se que, através da educação, pode-se levar às pessoas uma cultura de transformação para que elas aceitem uma oferta que proteja e melhore a qualidade de suas vidas.

A existência de conflitos humanos permite a intervenção de cuidados. *Ser humano não é perigo, é patrimônio.* Essa premissa educativa, se adotada, criaria uma nova cultura de atenções aos conflitos alargando os círculos de ação até alcançar a família, o bairro, a comunidade, e o município. As ações civis devem comprometer os políticos para que tenham ações mais úteis e menos corruptas, mais estudo e menos ignorância.



Somente alcançaremos uma nova realidade social se houver igualdade e paz, e estas passem a ser as metas e os interesses de todos, criando-se o conceito de que tudo o que se queira transformar é passível de alguma transformação, posto que nada foi eternamente assim como está.

Trabalhar a vulnerabilidade é aceitar que estamos entre indivíduos e organizações conscientes ou inconscientemente perversos, é conhecer o abismo que separa governantes e governados.

Sempre foi um grande desafio para os profissionais de saúde mental tratar das perversões pois os perversos não têm consciência de sua enfermidade, não têm angústia nem conflito, justificam seus atos e os mascaram com maestria. Qualquer tentativa profissional isolada dificilmente impede a destruição que os perversos provocam. Eles pertencem a um grupo de pessoas que não tem nenhuma consciência moral de seus atos, só se espantam quando lhes falha o anonimato e temem serem descobertos. Então lutam pela manutenção do segredo, jamais pensam em mudar suas atitudes. Negam a si mesmos o prejuízo que trazem a todos os demais porque não se reconhecem destrutivos.

O manejo da consciência de responsabilidade é muito variável, há pessoas que usam a culpa para diminuir o espanto dos demais e atenuar o castigo, outras mentem uma dor que não sentem e são capazes de assistir ao enterro de suas vítimas chorando pelo morto. Os que trabalham com saúde mental aplicada sabem que quase todos os violentos que exercem o abuso de poder sobre a vida e a morte, sofreram desde cedo com o abuso, o castigo e a violência corporal. Tiveram pais ou substitutos que lhes batiam como forma de educá-los. Sabemos que tiveram êxito porque os educaram para a crueldade, foram ensinados que as surras mudam atitudes, que a solitária alcança o mesmo que o isolamento dos quartos no castigo.

Nós pretendemos uma sociedade civilizada; entretanto os argumentos no sentido de defender a *não violência* parecem não haver chegado ao interior das casas e lugares freqüentados pelas pessoas.

O discurso que se cala, conjuntamente com o que se fala, é organizador da personalidade. Entretanto aquele discurso que se cala organiza a face eclipsada, o outro lado da alma, aquele lugar que costumamos não indagar. Por isso pouco nos dedicamos à reflexão acerca de certos temas que ficam no esquecimento ou em segredo. Todas as famílias guardam em silêncio segredos. Quando o assunto é violência

doméstica a tendência é buscar-se culpados e vítima. Enquanto a indagação devidamente estudada propõe nas questões da violência familiar que todos são vítimas alienadas da história que se incorpora sem crítica.

Há uma grande preocupação com a educação formal das crianças porém se dedica muito pouco a uma revisão dos meios que se utilizam para alcançar o fim desejado.

Superar a tudo isso significa vencer a fragilidade, tornar-se forte ou pelo menos acreditados em si mesmos para renascer original, incorporando leis, exigências e expectativas.

Nada é definitivo na vida, somente a morte. A vida é um processo seqüencial que sofre transformações constantes. Este argumento deveria ser incluído no “kit de sobrevivência” dos seres humanos para recordar-nos *que somos quem fomos e seremos quem somos*. Esta reafirmação torna qualquer ser humano menos vulnerável ao ódio e a violência do meio externo.